



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro Biomédico  
Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro

Bianca Moraes Assucena

**Somos Muitas!**  
**O que Ruben Mattos provocou em nós**

Rio de Janeiro  
2024

Bianca Moraes Assucena

**Somos Muitas!**  
**O que Ruben Mattos provocou em nós**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Planejamento e Administração em Saúde

Orientador: Prof. Dr. André Luís de Oliveira Mendonça  
Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Tatiana Wargas de Faria Baptista

Rio de Janeiro  
2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CB/C

A851 Assucena, Bianca Moraes

Somos Muitas! O que Ruben Mattos provocou em nós / Bianca Moraes  
Assucena. – 2024.  
172 f.

Orientador: André Luís de Oliveira Mendonça  
Coorientador: Tatiana Wargas de Faria Baptista

Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio  
de Janeiro, Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro.

1. Afeto. 2. Docente - Rubem Mattos. 3. Poesia. 4. Educação em Saúde.  
5. Conhecimento. 6. Narração. I. Mendonça, André Luís de Oliveira.  
II. Baptista, Tatiana Wargas de Faria. III. Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro. Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro. IV. Título.

CDU 316.613.43

Bibliotecária: Julia Franco Barbosa – CRB 7 5945

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Bianca Moraes Assucena

**Somos Muitas!**  
**O que Ruben Mattos provocou em nós**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Planejamento e Administração em saúde.

Aprovada em 18 de dezembro de 2024.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. André Luís de Oliveira Mendonça (Orientador)

Instituto de Medicina Social Hésio Cordeiro - (UERJ)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Tatiana Wargas de Faria Baptista (Coorientadora)

Instituto Fernandes Figueiras

---

Prof. Dr. Ronaldo Teodoro

Instituto de Medicina Social Hésio Cordeiro - (UERJ)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Paula Cerqueira Gomes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Danielle do Valle Garcia

Ministério da Saúde

Rio de Janeiro  
2024

## **DEDICATÓRIA**

À Ruben Mattos que agora caminha nas estrelas.

Às pessoas que foram afeto e se afetaram com Ruben, em especial, à sua família

## AGRADECIMENTOS

### SER GRATIDÃO!

Terminar esse doutorado é muito especial!

Ser gratidão é viver a esperança de recomeços! Essa tese é um sonho e um compromisso.

Esse é um trabalho coletivo que reúne muitas e muitas pessoas que vibraram, se emocionaram, torceram e colaboraram para que fosse possível. Somos muitas (es/os)!

Agradeço às forças que me guiam, cósmicas e divinas, e que me trouxeram até essas páginas!

Fecho os olhos e sinto cada encontro, vejo os rostos, lembro das conversas que ficaram aqui gravadas na mente e no coração. Para ser gratidão é preciso reconhecer.

Minha mãe, Vera, e meu pai, Sérgio, tudo que sempre fizeram e fazem por mim, só me faz enxergar o quanto sou privilegiada e feliz sou por tê-los. Vocês são a minha inspiração para ser Angelina.

Minha dinda, Maria da Glória, a ela agradeço por ser amparo de vida sempre, com muito afeto e disponibilidade.

Meu querido irmão, Ernani, tudo que está aqui nesse texto também é por você. Sua força é minha! Brilhe estrela nessa imensidão!

Meus meninos, Helder e Gabriel, falar sobre eles é falar sobre o que sou, com eles experiencio amor divino todos os dias. Eles são o meu coração.

Meu companheiro de vida, Arlei, somos construção do amor a partir do cotidiano. Agradeço a você por me ajudar a ter tempo para conseguir fazer acontecer essa tese e por acreditar em mim!

São tantas estrelas nesse céu a olhar que não cabem nessas páginas. Minhas avós, avôs, tias e tios, tem um tanto de gente estrela que hoje agradeço por me permitir tê-los tido na minha história de vida e aos que estão por aqui, como sou preenchida por ter vocês!

Minha imensa gratidão ao Quilombo Amefricano! Nesse espaço tenho aprendido a me enxergar, é onde sou acolhida e onde pensamos ciência enquanto espaço de afeto. Meu carinho especial em: Elaine, Bibiana, Nilcéia, Sophia, João, Webster, Filomena, Camille, Márcia, Cassiana, Joyce, Nayara, Gabriela, Bianca, Thamires, Luanda, Catalina, André e às (aos) novas (es/os) amigas (ues/os) que estão chegando para se aquilombar.

Ao Grupo Caminhos não só agradeço pela acolhida desde 2021, mas agradeço por bordarem comigo esta tese, deixo em especial meu carinho para: Mônica, Gilney, Danielle, Inês, Márcia, Carol, Luana, Leandro, Simone, Fernanda, Rita, Gleicielly, Fiona e Tatiana.

Aos meus (des) orientadores, André Mendonça e Tatiana Wargas, são três anos de parceria com aconchego, histórias, descobertas e muita emoção. Vocês acreditaram em mim, me deram as mãos e me embalaram na construção dessa tese. Esse texto foi uma etapa das nossas vidas. Tati e André, vocês são necessários! Vocês são mestres! Como sou melhor por conviver com vocês. Não largo mais. Sigamos caminhando e cantando! Minha gratidão profunda a vocês!

Sigo agradecendo imensamente às pessoas amigas que me apoiaram e estimularam nesse caminho, e que por tantas vezes foram amparo em crises e presença em alegrias e comemorações: Márcia, Iamni, Priscila, Antônio, Gláucio, Marlon, Elaine, Bibiana, Danielle, Aninha e Cristiane.

À Ticiania Saldanha, que me ouviu e topou entrar em meus devaneios para elaboração das imagens desta tese. Minha gratidão a esse elo!

Elaine e Bibiana, minha gratidão por serem minhas leitoras amigas! E pelo apoio essencial de Bibiana com o inglês. Meu carinho a vocês!

Agradeço a cada pessoa que generosamente se disponibilizou a conversar comigo, bem como àquelas que me mandaram mensagens, e-mails, que preencheram nosso forms, e se envolveram nas lembranças e evocações que as memórias trouxeram.

A todas as pessoas que participaram da disciplina “Ruben Mattos: Seus caminhos pela Saúde Coletiva”, que aconteceu no IMS/UERJ no primeiro semestre de 2023. Essa tese é também fruto desse coletivo. Em especial deixo minha gratidão a presença de Regina em uma seção da disciplina e a Laís Mattos em quase todos os encontros.

À banca de qualificação, Paula, Ronaldo e Danielle, agradeço por me ampliarem em sugestões de bons encontros e por permitirem se afetar e me afetar!

À banca de defesa, Paula, Ronaldo, Danielle e Maysa, agradeço pela disponibilidade em estar comigo para conversa!

Agradeço às companheiras (es/os) de trabalho por me ensinar dia após dia a viver, defender e lutar por um SUS justo e solidário para todas (es/os).

Meu agradecimento a todas as pessoas que fazem o IMS acontecer: Às meninas da limpeza, do cafezinho, da secretaria, biblioteca, à equipe do CEP e da informática, aos discentes, docentes e todos os técnicos. Meu carinho e respeito!

Gratidão a Ruben Mattos! Um mestre que ficará no nosso coração. Esta tese é a expressão de tudo que você deixa em cada um de nós, com todo carinho, afeto e tantos compartilhamentos! Meu abraço entrelaçador de alma. Brilhe estrela nesse céu!

Aos passarinhos e borboletas que povoam esse texto e trazem leveza e fluidez. Ser gratidão é ser conexão com tantas possibilidades de se afetar!

## RESUMO

ASSUCENA, B.M. *Somos Muitas! O que Ruben Mattos provocou em nós*. 2024. 172 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Esta tese se constitui a partir da perda de um amigo, professor e orientador, Ruben Mattos, e sua escrita é a resignificação de uma história de ruptura e esvaziamento para um recomeço de outras. É a expressão de uma voz por muitas vozes através de memórias acessadas. É um adeus, uma descoberta e também um convite de encontro. Me lanço em exagero no texto para me ampliar em poesia para trazer o que a vivência com Ruben nos provocou, apresentando a poética de Benjamin Barreto, enquanto sua expressão de sentir e ser afeto e Angelina Silva enquanto poesia que nasce. Propomos sentipensar, sentisonhar e sentirser a corazonar a Academia. Passo pelas minhas próprias trajetórias de vida, experiências e encontros, caminho trazendo possibilidade de viver e ser cuidada na Academia e a trazer o leitor a perceber espaços de produção da ciência possíveis, afetuosos e respeitosos. Através de contribuições de Ruben Mattos vamos nos familiarizando com suas temáticas a partir dos afetos e lembranças contadas por passarinhos que trinaram nesse texto, apontamos aonde chegamos e por fim um sarau de homenagem a Ruben Mattos, o poeta filósofo da sala de aula.

Palavras-chave: Ruben Mattos; afetos; conhecimento; práticas de saúde.

## ABSTRACT

ASSUCENA, B.M. *There are Many of us! What Ruben Mattos provoked in us.* 2024. 172 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

This thesis is based on the loss of a friend, teacher, and advisor, Ruben Mattos, and its writing is the re-signification of a story of rupture and emptying to start anew. It is the expression of a voice by many voices through memories accessed. It's a farewell, a discovery, and an invitation to meet. I exaggerate in the text to expand in poetry to bring what the experience with Ruben provoked in us, presenting the poetics of Benjamin Barreto, as his expression of feeling and being affection and Angelina Silva as poetry that is born. We propose *sentipensar*, *sentisonhar* and *sentipensar* to warm the heart of Academy. I go through my own life trajectories, experiences, and encounters, bringing the possibility of living and being cared for in the Academy and bringing the reader to perceive possible, affectionate, and respectful spaces for the production of science. Through Ruben Mattos' contributions, we familiarize ourselves with his themes based on the affections and memories recounted by the little birds that trilled in this text, we point out where we have arrived, and finally a soiree in homage to Ruben Mattos, the poet-philosopher of the classroom

Keywords: Ruben Mattos; affections; knowledge; health practices.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|            |  |     |
|------------|--|-----|
| Figura 1-  | Iemanê.....  | 24  |
| Figura 2-  | Brilhar o olho – Nossa galáxia interna.....  | 27  |
| Figura 3-  | Quilombo Amefricano. Pré - Banca de Qualificação, Projeto<br>de Doutorado.....     | 82  |
| Figura 4-  | Visita de uma árvore com o mar ao fundo em<br>Cumuruxatiba/BA, no ano de 2024..... | 85  |
| Figura 5-  | Final da Reunião de Caminhos em 31/05/2024.....                                    | 100 |
| Figura 6-  | Somente uma lagarta.....   | 108 |
| Figura 7-  | Onde está o coração? Semeador de Corações.....                                     | 127 |
| Figura 8-  | Seus presentes para mim.....   | 141 |
| Figura 9-  | Ao pé do ouvido.....   | 142 |
| Figura 10- | Seguimos.....  | 149 |

## LISTA DE CANÇÕES<sup>1</sup>

|             |   |     |
|-------------|---|-----|
| Canção 1 -  | Oração ao Tempo - Caetano Veloso.....         | 25  |
| Canção 2 -  | É tudo para ontem – Emicida.....              | 39  |
| Canção 3 -  | Germinar – Flaira Ferro.....                  | 54  |
| Canção 4 -  | Coração de Estudante – Milton Nascimento..... | 80  |
| Canção 5 -  | A Seta e o Alvo – Paulinho Moska.....         | 109 |
| Canção 6 -  | Travessia – Milton Nascimento.....            | 132 |
| Canção 7 -  | Cio da Terra – Milton Nascimento.....         | 136 |
| Canção 8 -  | Tempo Rei – Gilberto Gil.....                 | 139 |
| Canção 9 -  | Dentro de um abraço – Jota Quest.....         | 146 |
| Canção 10 - | Passarinhos – Emicida.....                    | 159 |

-

---

<sup>1</sup> Para ouvir as músicas em sequência, acessar a playlist criada e disponível em:  
[https://open.spotify.com/playlist/4yEKhtOFTWuXZuGYROj2m1?si=-qujOgxS-a8YB\\_Xa-Otqg](https://open.spotify.com/playlist/4yEKhtOFTWuXZuGYROj2m1?si=-qujOgxS-a8YB_Xa-Otqg)

## LISTA DE POESIAS

|             |   |     |
|-------------|---|-----|
| Poesia 1-   | Arvorecer – Benjamin Barreto.....                                 | 20  |
| Poesia 2-   | Livro sobre Nada – Manoel de Barros.....                          | 23  |
| Poesia 3 -  | Cantigas por um passarinho à toa – Manoel de Barros.....          | 23  |
| Poesia 4 –  | Recordar é preciso – Conceição Evaristo.....                      | 34  |
| Poesia 5 -  | Livro Matéria de Poesia – Manoel de Barros.....                   | 36  |
| Poesia 6-   | Meu Canto – Benjamin Barreto.....                                 | 42  |
| Poesia 7-   | Livro sobre Nada – Manoel de Barros.....                          | 56  |
| Poesia 8 -  | O Nascimento puerperal de Angelina – Angelina Silva.....          | 58  |
| Poesia 9 -  | Celebração de bodas da razão com o coração – Eduardo Galeano..... | 61  |
| Poesia 10 - | Do fogo que arde em mim - Conceição Evaristo.....                 | 86  |
| Poesia 11 - | Sobre a mente cheia e o papel vazio - Angelina Silva.....         | 92  |
| Poesia 12 - | Sob orientação cósmica - Angelina Silva.....                      | 95  |
| Poesia 13 - | A Biografia do Orvalho– Manoel de Barros.....                     | 102 |
| Poesia 14 - | Um dizer sobre Borboletas - Angelina Silva.....                   | 103 |
| Poesia 15 - | Borboletas e gentes da ciência - Angelina Silva.....              | 106 |
| Poesia 16 – | Reconhecer – Angelina Silva.....                                  | 130 |
| Poesia 17 - | Vida – Benjamin Barreto.....                                      | 131 |
| Poesia 18 - | A partida - Benjamin Barreto.....                                 | 134 |
| Poesia 19 - | Livro Menino do Mato - Manoel de Barros.....                      | 136 |
| Poesia 20 - | Com Vocação - Benjamin Barreto.....                               | 137 |
| Poesia 21 - | Sabedoria de árvore - Benjamin Barreto.....                       | 138 |
| Poesia 22 - | Confissões Preliminares – Benjamin Barreto.....                   | 150 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|         |   |
|---------|---|
| ABNT    | Associação Brasileira de Normas Técnicas                                      |
| APS     | Atenção Primária à Saúde  |
| CAP     | Colégio de Aplicação  |
| CAPES   | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)           |
| CEP     | Comitê de Ética em Pesquisa   |
| CEPESC  | Centro de Estudos, Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico em Saúde Coletiva   |
| CONASP  | Conselho Consultivo de Administração de Saúde Previdenciária                  |
| ENSP    | Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca                                |
| FAPERJ  | Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro |
| FMUSP   | Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo                            |
| FUNSACO | Fundamentos da Saúde Coletiva   |
| LAPPIS  | Laboratório de Pesquisa Sobre Práticas de Integralidade em Saúde              |
| IFF     | Instituto Fernandes Figueiras   |
| IMS     | Instituto de Medicina Social Hésio Cordeiro                                   |
| INAMPS  | Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social                |
| OMS     | Organização Mundial da Saúde  |
| OPAS    | Organização Pan-Americana da Saúde  |
| UERJ    | Universidade do Estado do Rio de Janeiro                                      |
| UFBA    | Universidade Federal da Bahia   |
| UFF     | Universidade Federal Fluminense   |

## LISTA DE SÍMBOLOS

♥ - Coração

## SUMÁRIO

|          |   |    |
|----------|---|----|
|          | <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | 18 |
|          | <b>UM SALTO PARA ALÉM DAS MARGENS.....</b>  | 18 |
|          | <b>A Corda Elo, Iemanê.....</b>   | 18 |
| 1        | <b>COLOCANDO O CORAÇÃO NO RITMO DA TERRA:<br/>FAÇO MINHA EXPLOSÃO.....</b>                            | 24 |
| 1.1      | <b>Ruben me contou sobre Brilho nos olhos.....</b>  | 25 |
| 1.2      | <b>Sentir e extrapolar - Sobre o natal de 2020.....</b>   | 28 |
| 1.3      | <b>Carta Pedido ABNT.....</b>   | 35 |
| 1.3.1    | <u>A você que me lê.....</u>  | 37 |
| 1.4      | <b>Viver é partir, voltar e repartir.....</b>   | 39 |
| 1.5      | <b>Sobre orientar pessoas.....</b>  | 45 |
| 1.6      | <b>Para quem dedico essas páginas - Ruben Mattos: Um amigo,<br/>professor e (des) orientador.....</b> | 48 |
| 2        | <b>VAI! VUPT!-SOBRE A PROVOCAÇÃO PARA NASCER E<br/>CRESCER.....</b>                                   | 55 |
| 2.1      | <b>Nascer quando já está nascida.....</b>   | 58 |
| 2.2      | <b>Sabedorias Insurgentes do coração.....</b>   | 61 |
| 2.2.1    | <u>Sentipensar.....</u>   | 61 |
| 2.2.2    | <u>Sentisonhar.....</u>   | 62 |
| 2.2.2.1  | A Árvore dos sonhos.....  | 65 |
| 2.2.2.2. | O desabrochar das flores de Mari-Hi.....  | 66 |
| 2.2.2.3  | Um sonho, um encontro e um convite.....   | 67 |
| 2.2.3    | <u>Sentiser.....</u>  | 70 |
| 2.2.3.1  | Perceba-se .....  | 70 |
| 2.2.3.2  | Aquele dos corredores.....  | 72 |
| 2.2.3.3  | Metralhados de Conhecimento.....  | 75 |
| 2.2.3.4  | Fala que eu te escuto.....  | 76 |
| 3        | <b>TRAJETÓRIAS.....</b>   | 81 |
| 3.1      | <b>Quilombo Amefricano.....</b>   | 81 |
| 3.2      | <b>Um encontro, uma mesa e convites.....</b>  | 83 |

|       |  |     |
|-------|--|-----|
| 3.3   | <b>Ausência, elaboração da ausência e seguir</b> .....   | 85  |
| 3.4   | <b>Sobre poetas e poesias</b> .....  | 86  |
| 3.5   | <b>Sobre as Apostas</b> .....  | 87  |
| 3.5.1 | <u>A ousadia de lançar uma disciplina eletiva no IMS</u> .....                                       | 87  |
| 3.5.2 | <u>Me conte sobre Ruben Mattos</u> .....   | 89  |
| 3.5.3 | <u>Conversas</u> .....   | 90  |
| 3.6   | <b>Escrever Sem Medo</b> .....   | 92  |
| 3.6.1 | <u>Um relato sobre o cenário perfeito para a escrita</u> .....                                       | 93  |
| 3.6.2 | <u>Vai dar tempo! Confia! Em breve vai sair</u> .....  | 94  |
| 3.7   | <b>Aceitando o convite de Ruben Mattos: Tentando escapar dos horrores metodológicos</b> .....        | 96  |
| 3.7.1 | <u>Caminhos para Análise das Políticas de Saúde</u> .....  | 97  |
| 3.7.2 | <u>Voltando aos convites</u> .....   | 100 |
| 3.8   | <b>Uma conversa a partir de borboletas!</b> .....  | 102 |
| 3.8.1 | <u>Sobre Borboletas e a Produção De Ciência</u> .....  | 103 |
| 3.8.2 | <u>Aprendendo a me emborboletar</u> .....  | 107 |
| 4     | <b>ONDE ESTÁ O CORAÇÃO?</b> .....  | 110 |
| 4.1   | <b>Planejar, ou não</b> .....  | 119 |
| 4.2   | <b>O médico da medicina ou o ex-médico da saúde coletiva?</b> .....                                  | 122 |
| 4.3   | <b>Quais são os valores que a gente sustenta?</b> .....  | 125 |
| 4.4   | <b>Sentir em solidariedade – Caminho não vivido, porém sentido</b> .....                             | 128 |
| 4.5   | <b>Recolhendo garrafas ao mar- Sarau lá!</b> .....   | 131 |
|       | <b>O AMOR, O TEMPO E A MORTE</b> .....   | 147 |
|       | <b>LEITURAS QUE ME CONDUZIRAM</b> .....  | 150 |
|       | <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | 152 |
|       | <b>APÊNDICE A – Carta para meu irmão</b> .....   | 157 |
|       | <b>APÊNDICE B – Aos passarinhos dessa tese</b> .....   | 159 |
|       | <b>APÊNDICE C – Uma carta de afeto para Pessoas em Puerpério. O que nunca ninguém me falou</b> ..... | 160 |
|       | <b>APÊNDICE D – Ementa da disciplina “Ruben Mattos: Seus caminhos pela saúde coletiva”</b> .....     | 162 |

|  |     |
|--|-----|
| <b>APÊNDICE E</b> – <i>Cards</i> de Divulgação da Disciplina “ Ruben Mattos: Seus caminhos pela saúde coletiva”..... | 164 |
| <b>APÊNDICE F</b> – Carta ao filósofo poeta da sala de aula.....   | 169 |

## SUMÁRIO<sup>2</sup>

SU – Aquilo que é seu

SUMAR – Seu mar

MAR – Aonde mergulhamos e renovamos

MA-R-IO – Eita encontro bom! Mar com Rio se encontrando. Uma foz.

RIO – É de água doce, mas também é chão de onde piso.

SU-MAR-IO – Seu mar e Rio

SUMÁRIO – Nosso mar encontrado com rio, desaguado em títulos

Um convite ao abandono da necessidade de se localizar nas páginas. Os números estarão lá, mas que tal não se guiar por eles? Que tal mergulhar nessa escrita a partir do convite dos títulos, vamos do início ao fim e quando se perder ou não der mais tempo de continuar e precisar/quiser voltar outro dia, nade a partir do início e se lembre dos títulos, até chegar à página que parou. Se permita percorrer página a página até chegar aonde dará continuidade. Que sua imaginação flutue!

---

<sup>2</sup> Inspiração em Danielle do Valle Garcia no livro DicioInácio. Sumário da tese defendida e aprovada em 18 de dezembro de 2024.

## **INTRODUÇÃO**

### **UM SALTO PARA ALÉM DAS MARGENS**

É daqui que parto com meus pés fora do chão, em um território que perpassa elementos visíveis e invisíveis. Meu corpo está tomado pela certeza desta escrita, meu coração envolvido pelas suas conduções e meu sonhar entre os elementos da cosmologia, a terra que me ampara e as relações que me sustentam.

#### **A Corda Elo, Iemanê**

No seio da terra ela se forma, serpenteando em suas camadas, vai das profundezas à superfície. Essa é Iemanê, a Corda Elo, a serpente do amor.

No envolver das raízes subterrâneas, a vida intraterra vai se expressando junto a tantos outros seres. Iemanê nasce dos entremeados em rede das raízes profundas, superficiais, dissipadas e contidas que habitam o sólo. Sendo elo vai se enlaçando, unindo e se convocando a ser mais em potência de vida.

Serpenteando pela terra encontra e abraça amorosamente cada Ser raiz, apoiando na geração de nutrientes e se enlaçando. Ser raiz em Iemanê é convite a ser comunidade e rede em irmandade. É convite a ser no outro e com o outro.

Segue em formação preenchida de vida raiz e vida terra serpenteando.

Vai ficando forte, grandiosa e tão vivificada que serpenteia como corda que é pela terra. Vai até bem pertinho da superfície e percebe expansão, quando então sente uma grande força que a aperta, delineia e que a empurra com toda a potência e gentileza de ser terra a um novo mundo a explorar.

Corda Elo, Iemanê, é explodida raiz do seio da terra para Ser Tronco em um novo universo que a convida a ser descoberto. E cresce. Ora pequeno, ora grande, vai em diferentes formatos, espessuras e em tantas explosões que segue se multiplicando em novas possibilidades de ser.

Ser Tronco precisa se ampliar pois sente a convocação de Ser Raiz à expansão e não consegue ficar só em si mesmo, percebe sutis convites de ampliação. Quer tocar o céu, sentir o vento, sentir o sol mais pertinho e então se estica, estica, estica. Uns vão, outros nem tanto. E de tanto que estica vai se ampliando em braços, muitos braços, que se multiplicam em grossos, finos, grandes, pequenos, e esses vão formando dedos agalhados que seguem se esticando para tocar o mais alto possível.

Iemanê, vinda do seio da terra, explodida em Ser Tronco, vai criando braços e dedos e se conformando em formatos múltiplos. São lindos! Até que chegam as folhas que a traz novos tons. Essas danadas vão se apresentando como bandejas de pedaços da terra, colorindo, permitindo que outras vidas a circulem e sendo pouso de tantas outras. Mexidas pelo vento voam dos altos ao chão ou simplesmente balançam ao alvoroçar e reestruturar Corda Elo que serpenteia folhas.

Folhas alegram e dão cor a Iemanê, que se encobre. Logo, ampliada em Ser Folha, floresce e são tantos tons e cores que não imaginava nada parecido. Percebe seus perfumes e serpenteia, como Corda Elo que é, e vibra em amor pela terra.

Por vezes Iemanê colorida e cheirosa é presenteada com frutos saborosos, doces, azedos, uma diversidade que não cabe em dizeres. Se sente em profundo êxtase, nada mais podia esperar. Que mundo lindo explodido da terra e transformado em lindas combinações de Ser árvore! Estica, floresce, frutifica e cresce em terra ultrapassando as barreiras visíveis do se arvorar.

Iemanê, Corda Elo, se fortalece em potência e grandiosidade e percebe que outras conexões pode fazer. Serpenteando vai ao encontro de outros seres. E dessa conexão, se lança pelo ar em busca de outras formas de ser, e se engrandece ao descobrir quantas explosões do seio da terra em tantos formatos que não conhecia. Montanhas, rios, pedras, mar. Tantas vidas! Foi convidando a cada uma a ser elo. E seus convites foram sendo aceitos. Foi se conectando. Iemanê é visível e invisível.

E segue seus encontros se deparando com outras formas de vida, agora que rastejam, nadam, voam, andam. Além das (os) suas (eus) irmãs (ôs) da terra, suas redes podiam ser maiores se ampliadas com aquelas (es) que sob a terra e no mar estavam. Como serpente do amor viaja pelo ares, terra e mares, convidando a conexões.

Iemanê liga vida abaixo da terra, vida sob a terra e vida acima da terra. Em potência vai descobrindo a força das ligações das vidas e segue convidando os seres viventes a sentir e sonhar ser elo.

Explodida em árvore se lança do seio da terra ao universo. Um ser mitológico e cósmico que segue serpenteando amorosamente aos encontros e vai aos céus, ultrapassa nuvens, chega ao sol, planetas, estrelas e cometas. E nas estrelas sente presenças daqueles que lá vivem em alma, então se conecta aos seres vivos como estrelas, aos caminhantes e aos presentes em memórias daqueles que seguem em vida de corpo sob a terra.

Iemanê conecta o mundo de vidas visíveis e invisíveis, de vidas humanas e não humanas.

Dizem por aí que Corda Elo arvoresceu ao Cosmos e que estamos irmanadamente ligadas. Segue sendo elo que traz memórias e sentimentos aos seres de alma e corpo. Pela expressão dos seres não humanos possibilita a conexão de todos. Escutá-la nos conecta com nossa ancestralidade, com nossos afetos, saudades, com nossos irmãos Terra.

Dizem ainda que Iemanê está em todos os cantos dessa Terra e sussurra aos pés de nossos ouvidos, até em sonhos, os convites de encontros ao unir, sentir, ver e ouvir.

Iemanê surge enquanto grito aos meus ouvidos, essa é a expressão de seu nome.

Essa tese é um aceite aos convites de Iemanê para um arvorescer.

Me preencho de esperança e vou me conduzindo por essa escrita. Benjamin Barreto me acolhe e provoca nesse caminho.

Arvorescer

Ouvi falar de um tal de Bernardo,  
 “O único homem que alcançou de ser árvore”  
 E fiquei desejando arvorecer.  
 Não que almeje vir a ser uma árvore plena,  
 que é coisa de ser Bernardo.  
 Mas então, pra que arvorecer?  
 Porque arvorecendo, fixo mais a luz.  
 É da natureza das árvores crescer buscando a luz e,  
 dizem os entendidos,  
 usar a luz para sintetizar  
 algumas coisas novas,  
 coisas que sirvam  
 para alimentar outros seres.  
 E, dizem os entendidos,  
 que ao fixar a luz nessas coisas,  
 as árvores também oxigenam a vida...

Porque arvorecendo,  
sombreiro.  
É da natureza das árvores criar sombras no mundo,  
criando em um pequeno território um lugar mais fresco,  
para acolher o caminhante,  
para abraçar o errante,  
lugar de encontro e de descanso ...  
Porque arvorecendo, posso aprender a cantar com os pássaros.  
É da natureza das árvores encantar pássaros,  
fazendo-os cantar ao som soprado do vento  
e ao bailar das suas folhas.  
Porque arvorecendo, posso orquidear.  
É da natureza da árvore abrigar uma orquidea, que embeleza a vida,  
perfuma a alma,  
encanta quem a vê ...  
Pensei arvorecer na floresta,  
Arvorecer no meio da selva.  
Lá a sombra é grande,  
as folhas substituem o céu.  
Mas por lá tem muita disputa,  
cada árvore querendo subir mais alto  
para ser a melhor fixadora de luz  
e sombrear as outras.  
Pensei: é muita metidez de árvore.  
Por isso desisti de arvorecer na floresta.  
Quero arvorecer longe da multidão,  
que nem aquela árvore na colina: copa iluminada  
onde se prepara o alimento,  
sombra aconchegante  
onde descansam e cantam os pássaros,  
com uma linda orquídea ...  
Quero ser um oasis na duna de relva.  
(Será metidez de gente?).  
E quem sabe,  
de quando em vez  
florescer de branco toda a colina  
(ou será de vermelho?)

Benjamin Barreto

Sob muito custo, entendi caminhando pelas minhas escritas, reescritas e até pelas desistências destas, por diversos momentos, que esse escrever é sobre recomeços. É sobre alguém que foi de muita importância na minha vida, e não só na minha, e que a mim possibilitou ampliar. Descobri que falar dele nos enredos da trama desse escrever, na verdade é falar de mim, de nós, das possibilidades, dos aprendimentos - aprendizados com desprendimento, fluidos; das conversas e acima de tudo dos efeitos que tudo isso provoca em mim, em nós.

É intencional o verbo “provocar” no presente, pois é o que faz comigo agora, mas aqui o convite é atemporal. É passado, presente e futuro. Para isso, mestre Nego Bispo, que fez sua partida em um tempo bem próximo dessa minha escrita, que foi poeta, militante e quilombola, nascido no Vale do Rio Berlingas, região de Francinópolis, Piauí, nos presenteou com a reflexão sobre circularidade.

Vivemos mesmo que sem nos darmos conta na circular do planeta terra, envoltos por mares, rios e continentes. Esse planeta se conecta ao sol, a outros planetas, estrelas, em um sistema solar de conexões. Envolvemos o sol durante todo um ano, que após caminhantes trezentos e sessenta e cinco (seis) dias recomeça, e não satisfeitos em saudar o sol, circulamos a nós mesmos em um contínuo movimento de rotação. Nada sentimos por aqui. A leis da física nos explicam, pulo isso aqui <risos>.

Da circularidade atmosférica, planetária, aqui dentro dessa gira da vida nos encontramos. Muitos de nós aprendemos em nossa vivência cultural e escolar que: nascemos, crescemos, reproduzimos e morremos, mas Nego Bispo me apresentou uma outra narrativa para uma vivência fora da linearidade, mas em circularidade, que nos provoca a pensar que quando confluímos e transfluímos em existência, somos começo, meio e começo (Bispo<sup>3</sup>, 2023).

Nos convida a confluir enquanto compartilhamento e a transfluir enquanto caminho, que não é linear, mas circular, assim diz que a gente “Transflui, Conflui, Transflui” ou “Conflui, Transflui, Conflui”, qualquer ordem. (Bispo, 2023, p. 50)

Os movimentos de transfluir confluindo, a nós, cidadãos dos cimentos urbanos, pode ser estranho, difícil, mas olhar essa proposta como convite pode ser interessante e desafiador. Bispo nos ajuda, gentilmente, com essa ideia para que nossas mentes, movimentadas pelas urgências das cidades, possam ampliar, ele diz assim: Imagina um

---

<sup>3</sup> Aqui faço a opção de utilização do Nome mais comumente reconhecido do autor. Não utilizo seu último Sobrenome que é Santos.

rio, a água vai em correnteza e na andança de água vai se juntando a outras águas, que fortalece a correnteza, mas ao mesmo tempo pela força do sol, evapora em outro estado de ser, percorre outro espaço, em nuvem vai e então desagua em chuva e assim reinicia em novo jeito de ser. As águas nos ensinam a estarmos em circularidade, a vivermos começos, meios e começos. A água não vai e volta para o mesmo lugar, não reflui, ela circula nos espaços da terra circular (Bispo, 2023). Diz assim: “Na transfluência não há volta, porque ela é circular. Ao mesmo tempo que algo vai, fica; ao mesmo tempo que fica, vai-sem se desconectar” (Bispo, 2023, p. 51).

Ao mesmo tempo que água corre, água é nuvem, água é chuva, água é rio, mar e correnteza. É circular. É convite de reinvenção de nossa forma de viver e de nos expressar nesse mundo de tantas necessidades pautadas pelo dinheiro e poder. É um convite de Nego Bispo a abrir nossos olhos para que nos enxerguemos em constante movimento circular com todas as vidas e com a nossa própria existência nessa terra.

Iemanê é circular! É vida que se conecta com tantas vidas e possibilidades de viver, que nos conecta com ausências que são também presenças. É rede de afeto. É sabedoria de respeitar nossas saudades e vivências. É se descobrir a partir do que somos provocadas (es/os) por tantas formas de existir nessa circularidade planetária.

Aprendi com Manuel que “As árvores me começam” (Barros, 2013, p. 311). Fez sentido mais ainda buscar os sentidos de árvore. É Benjamin... “E fiquei desejando arvorescer!”. Talvez seja por aí.

Queremos com esse prosear, contar histórias sobre um importante personagem da saúde coletiva brasileira, Ruben Mattos, que arvoresceu ao Cosmos. Vamos a partir das nossas memórias, vivências e do que construímos de experiências. Passaremos por histórias contadas, vividas e inventadas para provocar o olhar. Aprendi com Ruben isso, mas antes vou me apresentar e dizer como cheguei até aqui.

Esse Bernardo eu conheço de léguas.

Ele é o único ser humano

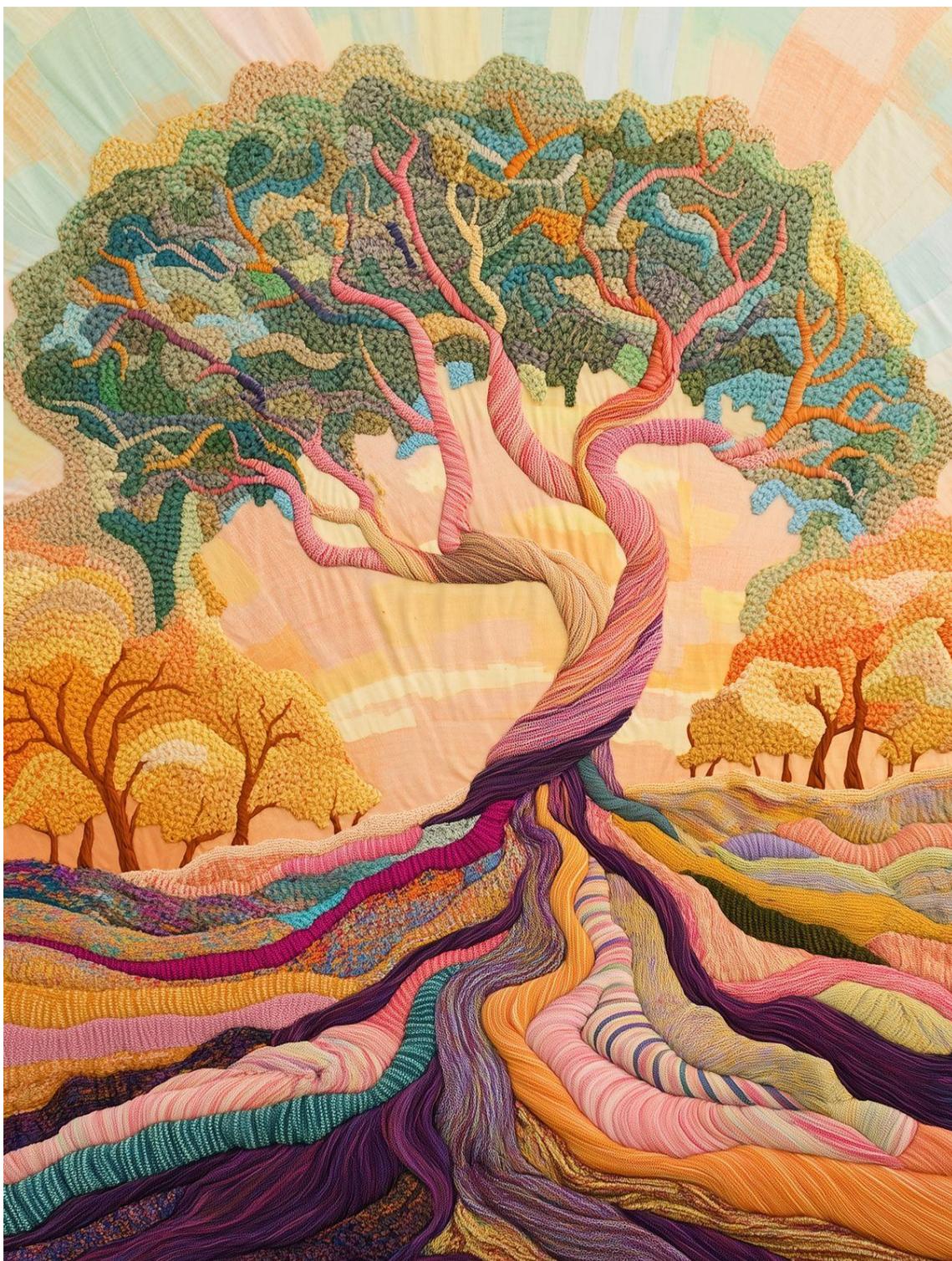
Que alcançou de ser árvore.

Por isso deve ser tombado

A Patrimônio da Humanidade.

Manoel de Barros

Figura 1: Iemanê



Fonte: Ticiania Saldanha (Designer)

### Oração ao Tempo

És um senhor tão bonito  
 Quanto a cara do meu filho  
 Tempo, tempo, tempo, tempo  
 Vou te fazer um pedido  
 Tempo, tempo, tempo, tempo

Compositor de destinos  
 Tambor de todos os ritmos  
 Tempo, tempo, tempo, tempo  
 Entro num acordo contigo  
 Tempo, tempo, tempo, tempo

Por seres tão inventivo  
 E pareceres contínuo  
 Tempo, tempo, tempo, tempo  
 És um dos deuses mais lindos  
 Tempo, tempo, tempo, tempo

Que sejas ainda mais vivo  
 No som do meu estribilho  
 Tempo, tempo, tempo, tempo  
 Ouve bem o que te digo  
 Tempo, tempo, tempo, tempo

Peço-te o prazer legítimo  
 E o movimento preciso  
 Tempo, tempo, tempo, tempo  
 Quando o tempo for propício  
 Tempo, tempo, tempo, tempo

De modo que o meu espírito  
 Ganhe um brilho definido  
 Tempo, tempo, tempo, tempo  
 E eu espalhe benefícios  
 Tempo, tempo, tempo, tempo

O que usaremos pra isso  
 Fica guardado em sigilo  
 Tempo, tempo, tempo, tempo  
 Apenas contigo e 'migo  
 Tempo, tempo, tempo, tempo

E quando eu tiver saído  
 Para fora do teu círculo  
 Tempo, tempo, tempo, tempo  
 Não serei, nem terás sido  
 Tempo, tempo, tempo, tempo

Ainda assim, acredito  
 Ser possível reunirmo-nos  
 Tempo, tempo, tempo, tempo  
 Num outro nível de vínculo  
 Tempo, tempo, tempo, tempo

Portanto, peço-te aquilo  
 E te ofereço elogios  
 Tempo, tempo, tempo, tempo

Nas rimas do meu estilo  
 Tempo, tempo, tempo, tempo

Caetano Veloso

## 1 COLOCANDO O CORAÇÃO NO RITMO DA TERRA: FAÇO MINHA EXPLOSÃO

Quando o coração bate no ritmo da terra é envolvimento. Este é um ensinamento às crianças indígenas que desde cedo aprendem que não precisam crescer para competir, mas para compartilhar. (Krenak, 2022).

Ailton Krenak, liderança e militante indígena do povo Krenak, também nos faz convites a novos inícios, a partir do seu lugar de viver, estando em profundo incômodo com o extermínio do planeta e das vidas originárias que aqui habitam, em comunhão com Bispo que diz que recusa o desenvolvimento, mas que provoquemos no seu lugar o envolvimento (Bispo, 2023).

“Estamos vivendo num mundo onde somos obrigados a mergulhar profundamente na terra para sermos capazes de recriar mundos possíveis” (Krenak, 2022, p.37). Encontrar caminhos de possibilidades para criar outros mundos em meio a correria do dia-a-dia é um desafio de novo início.

Temos recorrentemente criado ausências e solidão na nossa vivência de ser cidade, cada vez mais somos incentivados a abandonarmos o que é coletivo e vamos, alguns corpos inclusive infinitamente mais ligeiros que outros, nos tornando desnecessários ao mercado, ao capitalismo, que nos mata e consome. Aqui destaco que o valor dos corpos que são entendidos como não encaixantes à lógica do racismo, machismo e patriarcado, são os corpos não brancos, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, caiçaras, pessoas com deficiência, dentre tantos outros.

Temos ritmado nosso corpo em batidas que nos aprisionam e torturam em urgências de fazer e uma necessidade de ter que nos sufoca, e vamos morrendo para nós e nos perdendo em vida. Que tal aceitarmos o convite de Krenak para pensarmos ideias para adiarmos o fim do mundo? (Krenak, 2020).

No cinza do cimento das cidades podemos encontrar cores. É preciso olhar. Tem gente vivendo, cantando, feliz, amando, não uma “humanidade zumbis”. Tem fruição de vida. (Krenak, 2020, p. 26). Escutemos as vozes dos povos que aqui sempre estiveram, da nossa mãe terra, e acolhamos caminhos alternativos. Criar, inventar, imaginar! “A minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim” (Krenak, 2020, p. 27).

Nossa reverência aos seres natureza é reinício de adiamento do fim e nossa conexão ao tempo que não se encarna somente no chão que piso, mas como reconhecimento de nossas trajetórias, vivências e ancestralidades. O tempo nos propicia olharmos o que fomos, e quando

queremos e valorizamos esse olhar, somos com quem fomos, com aqueles que vieram antes e também com os que estão neste tempo de pisar nosso pé no chão.

Krenak nos diz que o tempo que agora se projeta no futuro é só imaginação, que nosso futuro é ancorado em nosso passado. É ancestral, e sempre esteve aqui. (Krenak, 2022)

Me arvoreço a ser as relações vividas e construídas em trajetória, sendo fruto deste tempo, trazendo minhas histórias, pertencas, ancestralidades, relações e trazendo outras (es/os) para essa conversa. Somos Muitas (es/os)!

*Tempo, tempo, tempo, tempo.*

### 1.1 Ruben me contou sobre Brilho nos olhos

Arvorecendo ...

Ser Raiz – Inquietação e Brilho no olho

Ser Tronco – Sustento e religação

Ser Galho – Crenças, desejo e afetos

Ser Folhas – Razão

Ser Flores e Frutos – É convescote

Bianca Moraes

Não teve início de conversas que brilhar o olho não fosse pauta ou que não fosse sendo. O que nos toca e move, inquieta, incomoda na alma, traz sacolejos. Representa emoção, entusiasmo, talvez nos possibilite criar a possibilidade para nos envolver com o que nos estremece, libertar emoções, sentidos, criando e inventando significados.

Brilhar o olho é fazer embolar os olhos com o coração em tons coloridos.

Bianca Moraes

A água do choro, do suor; o ventar, do estremecer o coração, de respirar; a terra, de aterrar, sentir o chão, o pouso; o fogo, de acelerar, de alavancar os pensamentos. Nosso corpo preenchido de elementos terra, natureza, nos lembra da nossa circularidade de vínculo e conexão com o planeta, com o Cosmos, com desejos, sonhos, com os nossos que foram e estão. Griffó nosso

Ruben me contou que escrever precisa brilhar o olho, mobilizar a mente, precisa nos fazer tremer as pernas, estremecer o coração frente a possibilidade da exposição, mas acima de tudo pela lindeza da revelação

Brilhar o olho é caminho do Esperançar de Paulo Freire, pois é uma genuína expressão da alma que mexe, que tira o plumo, que reconduz caminhos. É trazer esperança que mobiliza um fazer movido e preenchido por uma ética amorosa.

E para isso bell nos faz convites interessantes nos provocando a ampliar nossa visão sobre o amor, não mais como um sentimento puramente romantizando, mas como uma ética de vida (hooks, 2021).

Convite a pensar e rever as definições de amor à luz dos princípios do cuidado, respeito, conhecimento, integridade e vontade de cooperar. Nos instiga dizendo que estes são pontos de partida para nossas imaginações. “O que não podemos imaginar, não pode vir a ser” (hooks, 2021, p. 55).

Podemos lembrar aqui da proposta de imagem-objetivo, como uma direção de transformação da realidade, a partir do que nos cause indignação no que existe e que nos provoca a sonhar com outras possibilidades de realidades (Mattos, 2001). Para criarmos uma imagem-objetivo é preciso ter brilho no olho que nos mobilize a mudança, querer nos mexer, ser confluyente, como nos disse Bispo (2023).

“O amor é o que o amor faz” (hooks, 2021, p. 55). “O amor é enquanto acontece” (Vieira, 2019, p. 41). E amplio com a convocação de Bondiá que diz: “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Bondiá, 2002, p. 20).

O que estamos querendo falar é que brilhar o olho é o início para uma pesquisa. Para esse lugar mais afetuoso acadêmico que aprendi com Ruben precisamos nos reinventar enquanto pesquisadores, pessoas da ciência, precisamos reinventar o fazer ciência e provocar nossas imaginações sobre o que estamos fazendo e qual conhecimento queremos construir. É corporal, inquietante e afetuoso. A expressão da experiência de viver uma ética amorosa enquanto combustível para a ação do esperançar novos mundos.

Em maio de 2022, ouvi de uma pessoa querida: “Agora sim, vejo brilho nos seus olhos”, quando conversávamos e tomávamos café, entendi e aceitei que precisava e queria reinventar

meu tema de doutorado. Desde então tenho falado que meu giro me trouxe ao lugar de escrever a partir de Ruben Mattos, sobre memórias e vivências, o que tem sempre provocado amorosidade em muitas pessoas, as mais diferentes possíveis. Concluí que aquilo que faz brilhar os olhos é viver amorosamente.

Figura 2: Brilhar o olho – Nossa galáxia interna



Fonte: Tician Saldanha (Designer)

## 1.2 Sentir e extrapolar - Sobre o Natal de 2020

O natal de dois mil e vinte é o ponto inicial deste trabalho. Entre celebrações e abraços foi esta uma data de profunda inversão de mim mesmo, tendo que me haver entre a alegria e a tristeza. Era um momento de comemoração, de encontro, aconchego familiar, afinal era Natal, mas foi marcado profundamente pela perda, ruptura e experiência de desamparo.

Farei aqui um esforço de memória em busca das conexões e histórias de aproximação e vivências que me levaram a esse dia e como fui para depois dele. Esse dia me marca pela partida de um amigo muito querido, Ruben Mattos, e é o início para contextualizar essa escrita.

Dias antes do vinte e cinco de dezembro estávamos nós, eu e Ruben, em aula online, nos encontrávamos em três disciplinas, em turnos semanais distintos. Ao todo eu fazia quatro disciplinas, sendo três com Ruben e uma com meu atual parceiro de orientação, André Mendonça. Tínhamos um turno de orientação semanal, toda terça-feira pela manhã, éramos nós dois, eu e Ruben.

Me recordo que nos nossos encontros de orientação conversávamos sobre assuntos que nos eram comuns ou ao menos nos inquietavam, especialmente naquela urgência que estávamos vivendo, a Pandemia do Covid 19. Os temas se achegavam à nossa prosa por contingência. Passávamos pelo meu projeto, mas seguíamos sobre filhos, férias, vida, música, sonhos e assim concluíamos aproximadamente quatro horas nesse encontro semanal.

Meu projeto de doutorado inicial se propunha a olhar para o momento de realização do teste rápido de gravidez na Atenção Primária à Saúde (APS) pelas mulheres que suspeitavam gestar. Era um aprofundamento de inquietações oriundas do mestrado e que seguiam pelo meu trabalho enquanto enfermeira.

Estávamos em plena pandemia do Covid 19 imersos no que aqueles tempos estavam nos proporcionando. Muita correria, reclusão, trabalho e tínhamos medo! Eu, assim como muitos colegas, seguia trabalhando. Me via assombrada com as notícias da mídia e com o tanto de adoecimentos, desumanidades e mortes, muitas mortes, que aconteciam pelo mundo.

Para uma breve retrospectiva, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou em 30 de janeiro de 2020 que o surto do, à época, novo coronavírus se constituía uma Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional (OPAS, 2020)<sup>4</sup>. Em fevereiro deste mesmo ano foi

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>. Acesso em 14 set. 2023.

declarado o primeiro caso de covid 19 do Brasil e em 11 de março a OMS declara pandemia do Coronavírus. Não tínhamos ideia do que seriam os meses seguintes.

Entrei no doutorado neste ano, exatamente quando inicia a pandemia, em 2020. No início do período letivo, março, tivemos uma semana de apresentação e acolhimento das (es/os) novas (es/os) alunas (es/os) do Programa de pós-graduação, mestrado e doutorado, em Saúde Coletiva, do Instituto de Medicina Social Hésio Cordeiro (IMS)<sup>5</sup>/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Uma semana de aula presencial e a pandemia foi declarada. Lembro que era treze de março e a mídia dizia que seria *lockdown* a partir da segunda-feira, dia dezesseis de março de dois mil e vinte. Não tínhamos dimensão do que estava por vir, mas acreditávamos que uma semana, no máximo um mês, pudéssemos voltar a vida como antes. Certamente não sabíamos o que nos esperava.

Segui a segunda quinzena do mês de março sem aulas, mas estava trabalhando intensamente, veio então abril, maio. Lembro que eu e Ruben marcamos uma conversa online e falamos da vida, dos nossos medos e das dificuldades de viver aquele momento tão sombrio e em uma das nossas conversas falamos sobre uma proposta que recebi de mudança de local de trabalho, em plena pandemia. Me sentia amedrontada pelo novo, ainda mais naqueles tempos, tinha receio também em sair totalmente do foco do que até então seria minha proposta de trabalho para o doutorado, que se relacionava com o meu trabalho de enfermeira na maternidade que atuava.

Ruben me perguntava se eu estava feliz e me provocava a seguir minha intuição e vontade. Eu de verdade queria que ele dissesse: “Não vá ou vá”. Mas esse não era ele. Não faria nada parecido.

Fomos construindo a minha percepção do que me motivava e com sensibilidade ele me dizia que as minhas indignações caminhariam comigo. E um novo local de trabalho poderia até trazer novos olhares e percepções para o que eu estava me propondo. Ele me estimulava a pensar que o que me movia para a escrita da tese vinha de dentro e para onde eu fosse, seguiria com minhas inquietações e quiçá agregaria outras.

Me sentindo acolhida fiz minha decisão. Mudei meu rumo. Fui para outro trabalho, totalmente diferente do que eu fazia. Fui renovar minhas energias e também, com certeza, gastar muitas e muitas outras.

---

<sup>5</sup> Instituto de Medicina Social Hésio Cordeiro se localiza na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de pós-graduação em Saúde Coletiva, organizado em três grandes áreas de concentração: Política, Planejamento e Administração em Saúde (Área de vinculação do professor Ruben Mattos), Epidemiologia e Ciências Humanas e Saúde.

Era maio de 2020 e segui para meu novo local de trabalho. Deixei de atender mulheres na maternidade e fui atuar na Vigilância em Saúde. Um desafio! O doutorado seguia parado e sem previsão de retornar às aulas. Vivíamos um caos mundial e nesse cenário só fui sendo agradecida pela vida. Até que entramos no segundo semestre do ano de 2020.

Até que as aulas retomassem em agosto, somente no quadradinho<sup>6</sup>, ninguém sabia muito bem como seria, nem alunos e nem professores. Estávamos todos aprendendo em um novo formato de aula, que até então parecia ser impossível no IMS. A cidade ainda se mantinha fechada, seguia em *lockdown*, que acreditávamos lá no início que acabaria em no máximo um mês, aqui já perduravam mais de cinco meses. Não havia espaço público a frequentar. Seguíamos nossa rotina de trabalho em uma correria intensa. Foi assim que começamos o primeiro semestre letivo no segundo semestre do ano em 2020.

Como já contei, fazia disciplinas com Ruben, três disciplinas eletivas, estávamos muito imersos na conversa que ultrapassava o projeto e objeto de pesquisa, mas se relacionava com o que estávamos vivendo e aprendendo diante de tantas discrepâncias sociais e perdas que estávamos vendo e vivenciando.

Aulas começaram no formato online, foram dois semestres letivos no segundo semestre de 2020. Foi uma imersão! Com Ruben foram duas disciplinas no primeiro semestre letivo e três disciplinas no segundo semestre letivo.

Confesso que era um sentimento de privilégio por estar naqueles espaços, ouvindo, compartilhando e aprendendo. Foram cinco meses de aulas online até que nos despedimos para as férias.

Em 18 de dezembro de 2020 tivemos nosso último encontro de aula online. Às sextas-feiras eram os dois turnos de encontro, pela manhã era a disciplina de Planejamento em saúde e a tarde era a disciplina de Práticas de cuidado em saúde - parte dois, uma segunda versão de uma disciplina que Ruben propôs para a minha tese, depois comento sobre essa prática, e encerramos esse dia nos dando tchau e combinando um retorno em fevereiro de 2021, no nosso próximo encontro de orientação.

Fizemos alguns combinados de leitura para 2021 e saímos de férias para curtir férias, ainda assim, Ruben se colocou disponível para qualquer necessidade. O nosso combinado era: Vamos tirar férias e em fevereiro retomamos.

Dia 21 de dezembro, era segunda-feira, e recebo a notícia da sua internação no dia anterior, dia 20. Ruben tinha tido um grave problema de saúde e precisou ficar internado para

---

<sup>6</sup> Chamo aula no quadradinho as aulas online.

se reestabelecer. Ele pediu que eu fosse avisada. Eram quase sete horas da noite e senti como se borboletas no estômago<sup>7</sup> me tomassem, coração acelerado e apertado. Respirei para dentro e para fora e busquei o ar que nessa hora me era roubado pela angústia.

No dia seguinte em mais um comunicado sobre a sua internação soube que tinha ocorrido uma piora do seu quadro geral. O coração doía como se fosse escapulir para fora, as tais borboletas a essa altura moravam já não mais só no meu estomago, mas já estavam passeando ao coração, seguindo para garganta. Estavam lá me apertando, tremendo por dentro, me lembrando da finitude e da necessidade de crescer quando nos vemos sem nossos guias.

No dia 23 fomos preenchidas (es/os) por uma corrente de amor. Entre a angústia pela instabilidade do quadro de Ruben que seguia internado, nós, ex-orientadas (es/os) nos envolvemos em uma vibração do bem, com muito afeto, para a sua recuperação. Estávamos unidas (es/os), em um grupo de whatsapp, que ele carinhosamente chamava de ex-desorientandos, cantarolando em letras de orações. Rezamos por ele. A emoção exalava nas palavras digitadas, assim como a angústia pela possibilidade de perda que nos unia na esperança da sua cura.

Uma junção de pessoas de tantos lugares distintos se unindo em uma transmissão de amor. Dissemos palavras de esperança e vibramos boas energias. Rezamos coletivamente a oração do “Pai Nosso” por ele, pela sua família e de alguma maneira por nós também.

Pausa<sup>8</sup>

Ruben criou dois grupos de whatsapp, um chamado “ex (des)orientados” e o outro “(des)orientandos”. Grupos para compartilhamento de ideias e aproximação das pessoas. Um para juntar todas as pessoas que tiveram o privilégio de serem orientadas por ele em algum momento da vida acadêmica e outro para juntar as pessoas que estavam em orientação naquele momento. Esse segundo era um grupo bem menor. Eu tive o privilégio de estar nos dois grupos.

---

<sup>7</sup> Aprendi com uma amiga querida sobre borboletas que podem habitar em nosso corpo em momentos alegres e festivos, mas agora sei que em momentos de profunda tristeza e desamparo também.

<sup>8</sup> A aposta de lançar pausas no texto é inspiração na dissertação de Gleicielly Zopelaro Braga. Um trabalho lindo e importante! Dissertação “Cartas para minha vó: um dedo de prosa sobre práticas e cuidado e formação em saúde”, defendida no Instituto de Saúde Coletiva / UFF, no ano de 2023.

Nesse momento, olhando deste lugar da escrita, percebo a sensibilidade de Ruben ao nos juntar para trocarmos afeto. Esse movimento me parece que dizia muito sobre ele, mas sem dúvida sobre quem conviveu com ele também. Juntar pessoas era algo que o animava, lembra um passarinho de uma fala de Ruben:

Conversem entre si. Estou reunindo vocês aqui para que vocês se conheçam. (Gaiivota, 2023)

Fim da Pausa

Na noite de 24 de dezembro, véspera de Natal, recebemos de presente uma linda mensagem em áudio de nosso amigo agradecendo nossa energia e apoio significativo, conforme suas palavras. Pela sua voz ouvimos sobre batalhas vencidas e aquelas que ainda viriam. Quanta sensibilidade denovo! Um presente de Natal! Ele termina seu áudio nos enviando beijos e abraços.

Cada um de nós, ex-desorientandos, fomos viver o início do nosso Natal, celebrar a vida e o amor. Me senti acolhida e preparada para viver aquela data que era de celebração, mas estava doída. Sua mensagem foi muito importante. A mim trouxe acarinamento. Me senti forte! Desejei imensamente o conforto à família dele e a vivência de uma noite de natal de esperança e união.

Era dia de Natal, 25 de dezembro de 2020, dia de estarmos juntos e celebrar a vida de Jesus Cristo, para quem segue a fé cristã, era bem cedinho, e recebemos a notícia do falecimento de Ruben. Borboletas em todo o corpo! Pavor! O chão se abre e o coração explode para fora em lágrimas, muitas e muitas lágrimas. O Corpo transborda. Essa foi minha manhã de Natal. Doía profundamente. Ao escrever fecho meus olhos e sinto ainda o aperto do peito e a intensidade que foi essa notícia.

Me perdoem pelo detalhamento para chegar ao Natal, mas esta tese se constitui a partir da perda e sua escrita é a ressignificação de uma história de ruptura e esvaziamento para um recomeço de nossas histórias a partir da reinvenção de caminhos. Essa tese é a expressão de uma voz por muitas vozes. É um adeus, uma descoberta, um convite de encontro. É muita coisa e sem dúvida é muita responsabilidade!

Para aquelas (es) que conviveram com Ruben sintam-se acarinhadas (es/os) e recebam meu abraço apertado de boas vibrações. Para aqueles que conheceram Ruben, mas não tiveram o privilégio do convívio, convido ao aprofundamento de uma escrita afetuosa que inclui a todas (es/os). Para àqueles que só leram ou mesmo nunca ouviram falar de Ruben Mattos essa tese também é para você, te convido a descobrir e a sentir o transbordamento de afetações que essas linhas podem te trazer. É tudo muito mais que uma questão específica, é sim sobre Ruben mas é sobre pessoas, vida e suas relações.

Ruben foi necessário em nossas vidas e construir memórias é um caminho de reconexão e de preenchimento de um lugar que ficou em ausência. É ainda uma homenagem, mas certamente uma necessidade de apresentação, especialmente àquele último público que mencionei no parágrafo anterior, e convite ao descobrir e perceber caminhos de acolhidas, responsabilidades e de afetos que são possíveis na Academia.

Meu lugar de fala é de ex-desorientanda e admiradora de Ruben enquanto ser humano e professor. Me sinto feliz e contemplada em expressar por meio de tantas conversas memórias sobre esse amigo.

Me permitam extrapolar um pouco o Natal e chegar aos dias seguintes. A cronologia desta etapa é um reviver necessário nesta construção, um destravamento e um acerto de contas contingencial desse meu deir.

O dia 26 de dezembro de 2020 foi o dia de colocar o pé no chão e de sentir o peso de não ter mais alguém tão especial. “Dia 1 sem Ruben” foi assim que me apresentei a esse dia, como em um diário, como se tivesse um fim, mas não teria.

A despedida foi avassaladora. Fui tomada por um sentimento de desorganização. A saudade que doía no peito me conduziu nesse dia. Fui ao velório e lá encontrei e conheci pessoas queridas que me preencheram um tanto a alma. Fui convidada a me despedir do meu orientador e assim fiz. Meu coração estava dilacerado e meu corpo aterrado ao chão na busca de sustentação para vivenciar aquele momento, por vezes me descolava do eixo, do chão, e me abandonava em vazio de existência e me transbordava de fim. Dei adeus ao meu amigo, orientador e professor e fui grata.

Os dias que se seguiram até a virada do ano foram de tentar acreditar, mas sem querer. A sensação era que o telefone tocava a qualquer momento para contar sobre alguma reunião, como assim ele sempre fazia, ou para entrarmos em conversa no zoom. Era uma esperança sem fim, mas que o passar dos dias foi confirmando o que eu não queria acreditar ser a verdade. Ruben tinha partido mesmo.

E nós, suas orientadas, fomos lançadas ao crescer, repentino, urgente, ainda bem que tínhamos umas as outras para nos solidarizar. Foi assim que vivemos todo o ano de 2021, nos apoiando, pegando nas mãos uma da outra e não deixando ninguém desistir. Éramos cinco orientadas de Ruben, entre mestrado e doutorado, e estávamos em etapas distintas dos nossos trabalhos. Caminhamos com dificuldades, mas foi fundamental nosso aconchego e apoio para encontrarmos jeitos de seguir. Assim que fui naquele primeiro momento, apoiando e sendo apoiada.

Conceição Evaristo em voz de poesia nos diz que é preciso recordar, ter memórias. Agradeço pela possibilidade de lançar-me em reflexão a partir da poesia vida de sua escrita!

Recordar é preciso

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos

A memória bravia lança o leme:

Recordar é preciso.

O movimento vaivém nas águas-lembranças  
Dos meus marejados olhos transborda-me a vida,

Salgando-me o rosto e o gosto.

Sou eternamente náufraga,

Mas os fundos oceanos não me amendrontam

E nem me imobilizam.

Uma paixão profunda é a boia que me emerge.

Sei que o mistério subsiste além das águas.

Conceição Evaristo

### 1.3 Carta Pedido a ABNT

Gostaria primeiramente de agradecer por nos ajudar a organizar de forma sistemática nossos trabalhos. Estou escrevendo minha tese de doutorado que comecei em 2020 e comecei denovo em 2022. Isso mesmo, comecei duas vezes. Foi o mesmo processo seletivo, mas tive que me reinventar em um novo tema totalmente diferente do que tinha expertise e habilidade para fazer.

E desse giro temático também estou me lançando em apostas textuais que passam por caminhos literários e poéticos para minha construção. Neste jeito de fazer gostaria de combinar alguns ajustes que foram surgindo e que talvez fujam um pouco das suas orientações.

Já aprendi um tanto contigo e sigo aqui tentando te entender, uma tarefa nem sempre muito fácil, sou esforçada, mas sei que se ainda assim não conseguir, peço ajuda de quem ta mais sabida (e/o).

Aprendi com um amigo, Ruben Mattos, que podemos aproveitar o melhor dos mundos, por que não? Desta maneira, usarei parte do que aprendo com você, mas farei algumas transgressões. Vamos lá!

Farei meu sumário sem números indicando páginas, já expliquei ao leitor sobre essa aposta;

Insiro no meu texto lista de Canções e de poesias nos elementos pré-textuais;

Em momentos do texto farei um pequeno intervalo de uma seção para outra com música, também faço convites ao leitor a pequenas pausas no texto;

Quanto a voz narrativa, ora transito como Bianca e Angelina, na primeira pessoa do singular (eu), ora estou sendo porta-voz de muitas vozes que me vieram, seja nas conversas, nos textos, nos encontros, nas aulas e até mesmo aos pés do ouvido, nesse momento a opção é de abordagem na primeira pessoa do plural (nós);

Quanto ao gênero também não há uma escolha única, respeitando a temporalidade e vivência de cada momento e experiências, por vezes o gênero estabelecido foi o masculino em primeiro, e assim mantive, contudo, em momentos que pude generificar, aí sim, faço a opção do gênero feminino, seguido do gênero neutro, terminando com o masculino. Uma opção de inclusão e respeito a todas (es/os) que possam se achegar a esse texto, como forma de desmontar

a linguagem organizada de forma hegemonicamente masculina, “com o intuito de denunciar o poder do patriarcado presente também na linguagem” (Aguiar, 2023, p. 47);

Sobre citações. Como é difícil! Tentarei fazer como pede, mas faço opção em alguns momentos de não utilizar sobrenome e sim nome do interlocutor;

Algumas pessoas estarão identificadas e outras não. Contarei em outro momento sobre nossas apostas, mas já aponto que o grupo identificado, corresponde aos participantes da disciplina que fizemos e tivemos autorização, verbal, para a gravação. Os demais combinamos o sigilo, tanto para os entrevistados, ou conversantes, como para aqueles que me mandaram e-mails ou responderam ao formulário que criamos. A este grupo atribuirei nomes de passarinhos para voar nessa tese. E trinaram!

A gente é rascunho de pássaro.  
Não acabaram de fazer  
(Barros, 2013, p. 133)

Rapidamente, aponto que fui chegando nas pessoas para as conversas a partir da proximidade e indicação. Algumas não consegui, outras nem tentei e outras simplesmente chegaram.

Em uma seção escrevo um Sarau e ali faço uma combinação com o leitor. Falas de pessoas queridas são citações e permanecem a direita de quem lê; músicas ao centro e poesias ficam à esquerda de quem lê. Tudo em fonte como citação;

Meu referencial teórico será no formato que você orienta, porém farei alguns comentários. Inclusive queria te propor: Aquela lista imensa que começa em maiúscula e vai diminuindo só assusta pesquisadores que olham para aquilo e pensam: “Meu Deus, leu isso tudo mesmo? ou ainda, “Que legal esse referenciamento! será que consigo?”, ou ainda “Não tenho tempo para ler tanta coisa!”. Talvez cada pesquisador poderia ser estimulado a contar sobre seus autores, quem sabe não assustasse menos? E ainda poderia ser mais interativo com quem lê

Quanto ao método de pesquisa, essa tese poderia ser como Aprendi com Gleicielly<sup>9</sup> que nos convida em sua dissertação para um “Dedo de prosa”, ou ainda como Mariana<sup>10</sup> que no seu percurso autoetnográfico se apresenta no Caldeirão da Feiticeira, ou ainda como a querida Rita<sup>11</sup>, que nos traz o espelho de Oxum. Aqui conto histórias dos bastidores de vivências, como proposta de fazer disso “garrafas ao mar”, em uma espécie de método dos afetos a partir de histórias de passarinhos.

Quero, por fim, te dizer que minha tese será um tanto como a de Leandro, intensa e pode ser que me avaliem com necessidade de me haver com minha analista. Não duvido! Um misturar de formas de escritas, ditas literárias e acadêmicas, posso ser mal interpretada. E aqui, te peço um certo consentimento para que meus pares consigam me ler. Não seja dura!

Será uma exposição tendente à visceralidade, o que alguns tratarão como algo que deixei de fazer em um lugar mais apropriado: no consultório do analista... (Gonçalves, 2018, p. 175)

Agradeço pelo seu generoso apoio!

Bianca Moraes

### 1.3.1 A você que me lê,

Deixo acima algumas questões que me conduziram nesse texto em uma carta supostamente direcionada à ABNT, na tentativa de me autorizar a me lançar nesse escrever. Bom a partir do que já trouxe quero te contar outras afetações, agora bem pessoais. Você terá uma ideia de por onde está se metendo <risos>.

---

<sup>9</sup> Cf. nota 7, p. 28;

<sup>10</sup> Mariana de Queiroz Rocha Darmont, Dissertação: Memórias, Trajetórias e Experiência no Campo do Cuidado às Pessoas Vivendo com HIV/AIDS: Uma Autoetnografia, defendida no Instituto Fernandes Figueiras/ Fiocruz em 2022;

<sup>11</sup> Rita de Cássia Corrêa da Silva, dissertação: Pelo Espelho de Oxum: reflexões e Reflexões de trabalhadoras negras sobre educação Permanente em Saúde, defendida no Instituto de Saúde Coletiva UFF, no ano de 2023.

Esse texto me envolveu totalmente em uma descoberta e também em reencontros, e de certa forma, passei boa parte do meu tempo me perguntando se de fato cabia para uma tese de doutorado, para a Academia. Tati e André foram essenciais para que eu conseguisse abandonar essa disputa comigo mesma, assim como pessoas queridas que me estimularam e se envolveram com meu texto. Ao final tenho a certeza de que deveria fazer o que fiz e isso me preenche da importância deste texto. Pode ser tudo balela. Defina você.

Superando a dicotomia é acadêmico ou não, entrei em outra disputa comigo, que era sobre ser simplista e romantizada. Novamente fui estimulada por pessoas queridas a pensar sobre simplicidade teórica e o que estava fazendo. Fui tomada por um reconhecimento de um processo que fui vivendo e entendi que não foi linear. Talvez o formato do texto mais expansivo, revelador, traga esse tom de simplicidade, mas entendi que não foi e não é simples. Mas confesso que a necessidade de aprofundamento teórico me tomou por um tempo. Bom, fui fazendo do jeito que foi surgindo, a teoria entrou no texto e não o texto entrou na teoria. E quanto a ser romântica, me vi questionando se não estava criando um estereótipo romantizado de alguém, me peguei por esse viés e me debati um tempo, e não sei se cheguei a uma conclusão, mas entendi que sim, tenho um viés dos afetos e faço escolhas por cenários, histórias e pessoas que ampliem em mim, a partir de histórias com Ruben, meus entendimentos e revelância dessa pessoa que em nós imprimiu marcas. Não faço escolhas da contradição, talvez tivesse, certamente teria, mas não optei por esse caminho. Então talvez me acusem de romantizar. Aceito e agradeço!

Ruben Mattos foi um grande mestre, professor, amigo e orientador. Escrevo com muito orgulho sobre nós! Não se espantem com a minha presença no texto, precisava entrar em exagero para me ampliar, pois o maior legado de Ruben está para além da Academia, mas no que produziu em nossas vidas, no acolhimento, escuta e liberdade de nos fazer grandes.

Por fim, não faço ideia do quanto essa tese pode trazer afetações, confesso que esse é um desejo, mas lanço minha garrafa ao mar, e se ao menos provocar sorrisos e aponte a você que há lugares que caibam todas (es/os), posso dizer que cumpri meu objetivo.

Que tal seguir no ritmo? Escute as músicas, declame as poesias, sinta o cheio do café olhando passarinhos, aprecie a natureza. Arvoresça! Sonhe! Pode trazer leveza.

Um abraço para você, daqueles entrelaçadores de almas

Fim da Pausa

Chego nesse texto por pura contingência, preenchida da necessidade de contar histórias e indo por caminhos que foram se apresentando e junto aos meus passos torneando meus rumos.

#### 1.4 Viver é partir, voltar e repartir<sup>12</sup>

Minha família nuclear boa parte da minha vida foi minha mãe, Vera, meu irmão, Ernani, e meu tio, Jorge, irmão da minha mãe. Meus pais foram casados até os meus três anos. Meu pai, Sérgio, me buscava quinzenalmente para passarmos o fim de semana juntos. Ele morava sozinho e em algum momento reconstruiu a família e ganhei uma meia irmã. Quando estava com ele circulava entre a sua casa, casa dos meus avós e a casa da minha tia, irmã do meu pai. Todos moravam na zona norte do Rio de Janeiro.

Tive uma infância que posso dizer de muitos privilégios. Cresci com meus pais perto, apesar de estarem separados. Minha mãe sempre na luta para nos manter, eu e Ernani. Ela trabalhava como técnica de enfermagem e chegou a ter até três empregos ao mesmo tempo. Meu pai era funcionário da administração da extinta Telerj, empresa de telefonia da época. Ambos são aposentados hoje em dia.

Percorri minha infância e adolescência com o máximo de ofertas que eles podiam me oferecer. Escolheram me manter em uma escola privada do bairro, fiz alguns cursinhos e em alguns momentos atividades relacionadas com o corpo. Fui uma criança e adolescente feliz e com possibilidade de escolhas.

Morávamos na zona norte e para quem conhece a cidade do Rio de Janeiro sabe, que apesar das vias expressas, é longe das praias, e dependendo do bairro também longe de grandes parques. Meus passeios com meu pai normalmente era ir ao shopping, fomos algumas vezes à Praia Vermelha, na Urca e com minha mãe íamos a um parque de diversões, que não existe mais faz tempo e íamos muito em casa de parentes. No geral não costumávamos sair para muito longe. Vez ou outra íamos para locais de praia, zoológico, florestas, mas eram momentos específicos. Tenho aprendido na minha vivência de adulta o quanto os elementos da natureza podem trazer leveza, sutileza e reenergizamento para a vida. Essa tem sido uma aproximação mais gentil da vida adulta.

---

<sup>12</sup> Verso da Música “É tudo para ontem”, do cantor Emicida.

Quando acabei o 2º grau, hoje ensino médio, fui fazer enfermagem em uma faculdade da rede privada, mas só fiquei dois períodos, até que fui aprovada na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Parte da minha família materna, inclusive a minha mãe, eram funcionários da UNIRIO, imaginem a alegria deles...

Uma curiosidade é que minha mãe se motivou com minha mobilização para o vestibular e resolveu fazer a faculdade que tanto sonhava. Fez faculdade de enfermagem por volta dos seus cinquenta anos.

Fui a primeira pessoa da minha família a entrar para uma universidade pública. Eu tinha lá meus dezenove anos, fui para a UNIRIO no ano de 2002, não façam contas <risos>. Tinha dúvidas sobre o curso, mas tinha certeza que queria estar naquele espaço da universidade, que tinha conquistado com muito esforço e que não era só meu, mas também de minha família que investia em mim.

Lá no início da minha graduação meu irmão adoeceu e aos poucos fomos descobrindo o tamanho da batalha que estava por vir. Ele tinha treze anos e tinha um câncer raríssimo. Era o primeiro caso do Brasil. Ernani passou por cirurgias, internações, hospitais diferentes, acompanhamentos de diversos profissionais, quimioterapia, radioterapia, tratamentos de dor, tratamentos paliativos. Foram muitas e muitas ofertas e imersões que vivemos durante os dez últimos anos da sua vida. Sem nunca ter visto meu irmão reclamar, ele se lançava em intensidade na vida e confesso que a mim, a nós como família, estivemos todo esse tempo sendo lembradas (os) da nossa finitude, dos nossos limites e nos deparando diariamente com nossas dores pela possibilidade da perda. Vivíamos o nosso dia-a-dia com suas contingências, mas sempre imersas (os) na batalha da luta pela vida dele.

Ele foi forte e extremamente corajoso, fez tudo que poderia e queria, desde ser baixista em uma banda de rock, que aprendeu tocar sozinho, até iniciar graduação em história, morar no alojamento da universidade e casar. Em idade, posso dizer que no auge da vida, mas na vivência possível do seu corpo, já sabíamos do fim próximo. E aos vinte e três anos nos deixou, no ano de 2012, no dia 23 de setembro. Logo na chegada da primavera, Ernani circulou.

A dor foi imensa, mas a vida tinha sido generosa e cuidadosa conosco e com ele também. Tivemos tempo de estarmos juntos, nos acolher, aprender e viver. Hoje temos lembranças que nos suscitam risos em muitos momentos. Isso é circularidade! Início, meio e início. Aprendemos a recomeçar. A morte de um querido nos possibilita, a quem fica, novos começos e reinvenções.

A nós, sua família, ficou saudade. É difícil acostumar com a perda, gera angústia, mas também fomos percebendo quanta coragem estivemos imersas (os). A intensidade e a certeza

de aproveitar a vida que ele tinha, a mim trouxe perspectivas de ver caminhos ou ao menos de buscá-los quando nem sempre parecem claros.

Eu tenho buscado olhar a partir da saudade para a profundidade da experiência que ele nos oportunizou, para hoje eu conseguir trazê-lo como superação de vida na minha vida. Hoje sou mais forte porque tive ele comigo e me lanço a um desafio difícil e extremamente dolorido também mobilizado por uma ruptura, por uma perda, que me provoca um reinício.

Falo da dor mas não somente dela, como também das superações e dos contornos encontrados ao vivê-la. Da saudade que energiza alma e traz a coragem de apostar e fazer escolhas que trazem alegrias e vitórias também.

Após a graduação segui para Residência de Enfermagem em Saúde Pública que foi um mergulho em mim sob as lentes da enfermagem. Descobri gostos, aptidões e criei expectativas com a minha profissão. Fui percebendo os lugares, na saúde pública, que me preenchiam. Meu primeiro ano foi em uma unidade da atenção primária à saúde e o segundo na gestão estadual da Atenção Básica. Sem dúvida, foram experiências díspares, intensas e de bons encontros, mas confesso que ainda não entendia muito bem porque estava na enfermagem, já que tudo o que me parecia fazer sentido vinha do campo multiprofissional e multidisciplinar.

Ainda durante a residência fui aprovada em um concurso para a prefeitura do Rio de Janeiro e comecei a atuar como enfermeira em uma maternidade pública. Lá fui aprendendo a me enxergar enquanto enfermeira, trabalhadora e defensora do Sistema Único de Saúde (SUS) e a olhar as mulheres e as famílias que ali estavam com suas histórias de vida. De certa maneira, fui reconhecendo na enfermagem meu lugar, através das experiências que ia vivendo, que nem sempre se davam a partir das minhas escolhas.

Ao fim da residência permaneci trabalhando na maternidade e na Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro, por alguns meses na Assessoria Parlamentar <Que tempos difíceis! ><sup>13</sup> mas segui a maior parte do tempo na gestão da Atenção Básica, que foi uma grande escola de vida e profissional. Foram quase dez anos nesse lugar que me ampliou olhares, onde fiz amigas (os), que me proporcionou vivências incríveis e me despertou inquietações.

Na busca de me qualificar na saúde coletiva me aproximo do Instituto de Medicina Social (IMS) em 2010. Já tinha ouvido falar de alguns professores do Instituto. Ruben Mattos já era alguém que eu admirava. Ele tinha participado de algumas conversas promovidas pela Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro e por isso já tinha essa referência. Cursei a pós-

---

<sup>13</sup> Atuei na Assessoria Parlamentar no ano de 2009, durante o Governo Sérgio Cabral, com Sérgio Côrtes enquanto Secretário Estadual de Saúde.

graduação em Gestão de Saúde, no IMS, neste mesmo ano e ao final me organizei para seguir no processo seletivo do mestrado em saúde coletiva.

O processo, que ocorreu no final de 2010, foi intenso e exaustivo, entre treinos de inglês e leituras de texto para a prova teórica, me esforcei muito para essa conquista e consegui ser aprovada. Foi uma vitória, pois não é nada fácil e segue não sendo. Em 2011 começo o mestrado e nessa época já estava grávida de Helder, meu primeiro filho.

Ruben era meu professor no mestrado, não lembro ao certo, mas com certeza em mais de uma disciplina. Logo que abriu uma brecha fui procurá-lo e como ele sempre fazia, me acolheu e marcamos um café para uma conversa. Essa foi minha chegada à parceria com Ruben Mattos e aos poucos fomos confirmando a orientação. Estava eu com muitas ideias, porém nada claro, e ele empolgado com a minha motivação.

E assim passou o primeiro semestre do primeiro ano do mestrado, em 2011, e recebo dias antes de Helder nascer<sup>14</sup>, um email com o seguinte poema de apresentação:

Meu canto

Estava no meu canto,  
levando minha vida;  
minha vida me levando  
para dentro do meu próprio canto.

Do canto da minha vida  
outros cantos eu vi;  
outros que, em seus cantos  
levavam as suas vidas  
vidas que os levavam  
para dentro de seus próprios cantos

E comecei a ver  
as cercas dos seus cantos,  
invisíveis,  
mas que tolhiam o mover.

E comecei a sentir  
as amarras no meu canto  
opressivas,  
que me impediam de ir.

Do canto da minha vida  
outros cantos ouvi,  
outros que, em seus cantos  
sonhavam em se mover,  
sonhavam com ir e vir.

Quero me soltar do meu canto

---

<sup>14</sup> Helder nasceu em 02/07/2011

Quero soltar a voz no canto,  
o canto da minha vida.  
Quero a vida que vai me levando  
para onde eu quero ir.

Quero o encontro dos cantos  
para seguirmos levando a vida,  
indo e vindo por todo canto,  
simples encontro e devir.

Benjamin Barreto

O poema foi uma oferta na busca de produção de sorrisos e um certo alerta sobre por onde estava caminhando. Era sobre ele. “Meu Canto” foi o primeiro do que foi nosso devir, indo do mestrado ao doutorado, a partir do canto da minha vida ao encontro dos cantos. A experiência que o encontrar Ruben, Benjamin, a mim brindou.

A ideia da poesia como metáfora da vida que precisa de expansão, o uso de palavras que extrapolam o sentido comum para a produção de novos sentidos e não sentidos para onde a mente caminhar, tudo isso faz parte do exercício dessa escrita, assim como a contextualização de nossas histórias.

Aulas, configuração de projeto, comitê de ética de pesquisa, várias etapas comuns aos cursos acadêmicos. Quando passei para o trabalho de campo no mestrado, com prazo já em prorrogação e tempo de término já bastante justo, entendemos, naquele momento, que nosso olhar precisava ser ampliado, em ato. Foi extremamente tenso reconfigurar até então o que tínhamos entendido como objeto de pesquisa, estando em pesquisa, mas foi possível, pois tinha um orientador parceiro e sem dúvida um entusiasta da proposta que estávamos construindo. Nos lançamos a potencializar as experiências de encontros que estávamos imersos com o desafio de reconfigurar, no papel, todo o novo que se apresentava.

Para contextualizar a minha pesquisa no mestrado, eu estava voltada a olhar para as práticas de cuidado dos profissionais de saúde frente a mulheres que apresentavam sinais de abortamento, contudo, o campo nos tencionou a modificação para o desafio de trabalhar a análise das práticas frente às mulheres, não tendo sido possível encerrar a análise somente em um núcleo de questões, incluímos questões relativas a atendimento de mulheres em trabalho de parto, puérperas e condução junto às famílias. Ampliamos um tanto o nosso escopo.

Terminei o mestrado em 2013. Com muitas dificuldades, travas, choros, na correria do prazo, com um trabalho totalmente diferente do que tinha dois meses antes, mas somente com

muita delicadeza, entusiasmo, abraços apertados e muita sensibilidade foi possível finalizar o curso. Como sou grata por isso!

Quero afirmar que o respeito e o cuidado perpassam toda a minha história no mestrado com Ruben. Com Ele aprendi a respeitar meus momentos, minhas travas, a pensar e escrever de forma livre e dar voz aos meus encantamentos.

Sigo a vida com suas contingências. Em 2015 chega Gabriel<sup>15</sup>, meu segundo filho, e em 2018 me lanço a outro grande desafio, a docência na graduação de enfermagem. Posso afirmar que não houve maior experiência de intensidade e reencontro com minhas aptidões, limites e desejos profissionais do que esta vivência. Neste momento da vida dividia meu tempo profissional entre atuação no ambulatório da maternidade e a experiência em ser professora na graduação. Tive que me despedir da gestão estadual para viver essa aposta de imersão e aprendizado que a docência me proporcionou.

Enquanto vivia essa experiência, ampliava em mim o desejo de seguir estudando após o término do contrato<sup>16</sup>. Seria o doutorado uma opção? Era um questionamento que estava sempre comigo e foi nesse momento que comecei a me aproximar de pessoas para a organização das ideias.

Fiz uma primeiríssima conversa com uma professora muito querida que atuava em parceria comigo na graduação, que me deu ânimo, perspectivas e acima de tudo vontade de entender melhor os incômodos que cabiam em mim naquele momento. Como proposta do nosso encontro fui para o Instituto Fernandes Figueira (IFF) cursar uma disciplina, que me mobilizou e inquietou mais ainda.

Retornar à sala de aula, como aluna, foi aos poucos me preenchendo de possibilidades para o doutorado. Conversei sobre minhas afetações, mas não tinha clareza de muita coisa, somente intuía que meus desejos seguiam para algo sobre prática de cuidados e mulheres. Seguia com minhas inquietações<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> Gabriel nasce em 02/04/2015

<sup>16</sup> Estava atuando como professora substituta, em regime temporário.

<sup>17</sup> Me angustiava não existir abordagens de acolhida, para além da protocolar, às mulheres que não se encaixavam nos encaminhamentos, previamente definidos, após um teste rápido de gravidez positivo ou negativo na atenção primária à saúde.

## 1.5 Sobre orientar pessoas

A entrada no mestrado em 2011 foi já com todas as intensidades de viver o que a academia proporcionava tanto no que se refere a trocas e ofertas, como também sobre prazos e cobranças. Não lembro ao certo quantas disciplinas fazia, mas era um curso intenso, com muitos turnos de aulas, uma carga de leitura alta, trabalhos para entregar, seminários para apresentar e toda a convivência extra sala de aula. Eita parte boa! Foram cafés, subidas e descidas de rampas com pessoas queridas, barzinhos (a gestante só no suquinho < risos >). Foi bom demais!

No primeiro semestre me dividia entre trabalhar e estudar, sendo gestante. Uma correria que só, mas estava tudo encaixado na rotina. Vivia no agito das urgências, mas fluía. Ruben me acolhia e ouvia sobre a angústia de quem sequer imaginava o quão difícil seria viver o mestrado após o nascimento do bebê e apesar de muitas ideias para o projeto, nada era muito claro.

Sabia que estudar e maternar não seria fácil, mas não sabia o quanto seria difícil, porque não era algo somente do âmbito do tempo, disponibilidade, mas também sobre reconstrução e construção de vidas, de reencontrar espaço, de me reinventar e criar alguém que não existia, uma mãe e uma mãe estudante. O nascimento do bebê acontece no início de julho e as férias vieram na sequência. Parece que foi tudo combinado, mas não foi. Os acasos que simplesmente acontecem.

Começo o segundo semestre letivo como mãe de primeira viagem de um recém-nascido. Estava de licença maternidade dos empregos, acreditava que talvez estar naquele espaço de aulas, aquele mesmo de ofertas e cobranças, poderia ser interessante e destencionador de toda aquela nova realidade, o puerpério.

Pausar não foi uma opção naquele momento, escolhi seguir com o mestrado. Tenho que dizer que parto de um privilégio que é poder fazer essa opção. Minha rede de apoio foi fundamental. Sem suporte eu não teria conseguido. As meninas<sup>18</sup> da secretaria eram incentivadoras dessa trajetória. Sou grata ao carinho, apoio e muitos sorrisos de Eliete, Simone e Silvia durante todo esse processo. Em cada ida do Helder para os corredores do IMS, elas sempre tiravam uma brechinha de tempo do trabalho para um chamego no pequeno.

---

<sup>18</sup> Funcionárias da secretaria do IMS.

Enquanto a intensidade do puerpério me tomava, Ruben me dizia com toda a tranquilidade “Vai dar tempo!”, “Agora é hora de viver a sua maternidade”. Aquilo pra mim parecia não fazer sentido. Eu sofria que não tinha um projeto escrito, elaborado no papel, já que todos os colegas do mestrado pareciam já encaminhados com seus projetos, objetos de pesquisa.

Ele falava que não era hora de pensar no que tinha que escrever para o projeto, pensar na qualificação, e sim de viver o que de fato era prioridade para mim, a maternidade, isso por volta de setembro / outubro de 2011. Dizia assim: “Depois falamos disso, mas vamos falar de coisas importantes: Me conte sobre Helder, me fale de você ...”.

Eu ficava louca com isso. Achava que precisava de um comando, uma ordem, um prazo, um texto para ler. Não foi assim que aconteceu. Eu dizia ao Ruben que me desse uma data para conversarmos sobre o projeto e então combinamos que em dezembro voltaríamos a conversar sobre a pesquisa.

Olhando para trás, hoje, vejo que era, sem dúvida, fundamental, ter espaço para que eu pudesse viver aquela fase, me descobrir mãe, mãe estudante, conhecer Helder. Ele foi bem gentil e cuidadoso comigo. Não sei como seria se tivesse um orientador me cobrando produções e prazos, possivelmente não teria uma história de mestrado para contar.

Ruben orientava pessoas, ou como ele falava (des) orientava. Não orientava somente uma dissertação, um objeto. Orientava pessoas a partir das suas contingências, suas vivências, medo e desejos. Nossas histórias de vida eram sempre parte do enredo das orientações, assim como suas próprias histórias também.

Soube me respeitar, ouvir, apoiar, incentivar e acima de tudo confiar em mim, até quando minha esperança e crença em mim mesma já não existia mais. Ele me ajudou a pausar, mesmo sem pausar efetivamente o curso, mas respirar, e viver o que de fato eu precisava e depois voltamos a conversar, quando foi possível.

Em dezembro fizemos uma primeira conversa de aproximação, e outras de ajustes, e outras de arrumação, e outras, e outras, e chegou ao fim, na prorrogação de todos os prazos, mas cheguei e de mãos dadas com ele.

Conto agora uma outra história que também é real, que dialoga exatamente com o que estou tentando dizer, que orientação é da vida, de pessoas e não somente de objetos e trabalhos. Não é só pelo e para o currículo lattes, mas é também. É mais que isso, bem mais, é juntar gente de afeto, é acarinamento, é criar rede. É circularidade!

E aí eu comecei com a crise do objeto. Porque eu já estava encantada em estudar os organismos internacionais e agora saúde bucal, equipe de saúde da família, aí fiquei, sei lá quanto tempo, vindo pra cá chorar e tanto sem saber o que fazer. A cada encontro ele falava: “Olha eu estou aqui e vai dar tudo certo”. Seja lá o que decidir. “Ruben me ajuda! Como que eu vou começar um tema novo, do nada, do zero, assim, não sei nada. Eu tenho que ler muito. Aí foi quando ele fez o convite: “Lembra que uma vez você me contou que você quando criança escrevia poesia?” Eu falei “É. Poesia sobre passarinho”. Eu escrevi um livro quando era criança, contei pra ele. Livro com o papelzinho da escola, sobre história de um passarinho que vivia na proa da embarcação. E aí ele falou assim: “Vai pra casa, respira, volta a escrever poesia, resgata suas histórias de passarinho. Faz isso. Faz brilhar os olhos, que eu quero que você escolha o que faz brilhar os olhos. É isso. (Sabiá, 2023)

Um sabiá me contou que talvez nos mover pelo que traz leveza para a alma pode ser caminho de início, de meio e até de reinícios. Pode ser tudo papo furado? Pode. Mas parece que funcionou. Sabiá cantou sua tese, se destravou apassarinhando a partir da poesia.

Orientar e ser orientado em pesquisa, na Academia, é parceria. É no afeto que ampliamos, é confluenciando que nos conectamos com o que precisamos explorar. Estou convencida que a escrita de um trabalho de conclusão de curso, dissertações, teses são para recomeçarmos.

Quando aqui exploro o que brilha meu olho, ao final desse fazer, dessa pesquisa, dessa escrita, sou alguém que recomeça, sou outro alguém, apresento novos argumentos, narrativas, a partir da minha perspectiva, realidade e existência nesse fazer ampliada de vozes de nós.

Me senti em reinvenção a cada frase, encontro com relatos, memórias das minhas próprias vivências. Feliz pelo que veio e curiosa pelo que seguirá em reinvenção. Sem audácia de achar que alcançarei os caminhos que essa leitura pode provocar, me preencho hoje de possibilidades de uma escrita feliz.

Escrever sobre passarinhos ampliou, destravou, reconectou o que um Sabiá me contou com sua escrita, com suas habilidades, suas liberdades, e trouxe-a a um outro lugar para escrever o que queria. Encontrou o que fazia sentido e sendo cuidada conseguiu ir.

Orientar, (des) orientar, acompanhar, tutoriar, facilitar, mediar, pode escolher o verbo, tudo isso é relação de pessoas, que pode inibir, oprimir, retrain ou ampliar, expandir, construir. Escolhas que nem sempre estão na mão de quem é orientado. O lugar da docência, como mediador do conhecimento, é de muita responsabilidade, é de co-criação de indivíduos.

Ruben me orientou!

## 1.6 Para quem dedico essas páginas - Ruben Mattos: Um amigo, professor e (des) orientador

Ruben Araujo de Mattos, Ruben com N (ene), Araujo sem acento e Mattos com dois Ts (tês). Em algum momento de nossos encontros iniciais, Ruben me falou exatamente como era seu nome. Reproduzo como ele me apresentou. Acredito que sempre erravam seu nome na escrita e na fala. Muitas pessoas chamavam Ruben de “Rubens”. Nome é história e identidade. Ruben gostava de ser Ruben. Lembro que essa descrição me fez sempre perceber e nunca errar seu nome. Sempre lembrava dele falando “ Ruben com N, Araujo sem acento e Mattos com dois Ts”

Me recordo de uma fala que ele me fez em orientação: “Leia cada letra da palavra, leia as palavras, chegue às frases e às entrelinhas”. Extremamente atento aos detalhes e a cada convite que as palavras lhe faziam. Nos provocava a um exercício de fazer a leitura visível das palavras, aprendendo a enxergar o que estava dito pela ortografia e nas entrelinhas.

A partir das minhas imagens serei um pouco audaciosa e farei uma breve descrição do meu amigo. Ruben era um homem branco, de altura mediana, magro, já tinha seus cabelos brancos e usava óculos. Um leonino de 63 anos, idade em 2020. Era animado e generoso. Não costumava conversar sobre sua saúde comigo, não é a toa que foi um grande impacto quando soube da sua internação. Era muito comum vê-lo com blusas pólo, normalmente em tons pastéis, me lembro de uma em tom goiaba que ele circulou um tanto de vezes nos corredores do IMS, com uma bolsa transpassada ao longo do corpo. Me vem a mente a cena dele caminhando pelos corredores do IMS com livros nos braços, bolsa ao longo do corpo, calça jeans, sapato fechado, a tal blusa goiaba e o melhor, sempre com um sorriso que chegava primeiro, não tinha hora e nem dia, o sorriso estava por lá e sempre trazia como brinde um abraço daqueles. Era isso. Todo encontro com Ruben tinha abraços, daqueles apertados, que ele chamava de entrelaçadores de almas. Arias (2020) chama de abraços grátis, como aqueles que brotam da alma e que podem curar.

Ruben era filho de Zely e Milton, tinha 2 irmãos e 4 filhas. Adorava música clássica, ia a concertos, óperas e se encantava com melodias, mais do que com letras<sup>19</sup> (Andorinha, 2023). A sonoridade era o seu encanto. Benjamin Barreto era a expressão do seu ser em escrita de

---

<sup>19</sup> Comentário de um passarinho que tive o privilégio de conversar na preparação e descoberta desta tese.

poesia. A expressão do seu nome é relação com uma história bíblica, mas que não ficou tão clara sua expressão para mim.

Adorava doces, comidas daquelas que podemos dizer pouco saudáveis, uma lingüicinha, um pastel e sempre dizia: “Não como nada que nade”.

Cursou a escolaridade no Colégio de Aplicação (CAP) da UERJ e tinha certeza que gostaria de fazer medicina. “Você sempre soube que era Medicina? ”, uma pergunta feita a ele por uma orientanda e sua resposta foi que a medicina foi nascendo dentro dele, no contato com o médico da família que o atendia desde criança. Um médico que produziu nele um fascínio e admiração enorme pelo modo como atendia a todos de sua família. Mas também sempre dizia que escolheu a medicina porque “gostava de gente”, o que foi algo que percebeu desde muito cedo em sua vida, tendo amadurecido essa ideia com os anos.

Uma história um tanto curiosa: Ruben fez um teste vocacional no seu segundo ano do ensino médio, à época era chamado de Científico, não gostava muito da ideia do teste, mas como foi uma ação da escola acabou topando. Ao iniciar o teste percebeu muito rapidamente que havia letrinhas que marcavam as linhas e colunas do teste, o que dava a ideia de uma matriz. Ao sacar isso percebeu qual seria a linha de preferência que levaria para o caminho de resultado para medicina. Assim marcou tudo e emplacou medicina.

Isso demonstra algo que Ruben tinha muito, que era reconhecer onde estava pisando, perceber, com uma inteligência e habilidade de conexão de histórias que impressionava. Era comum encontrar pessoas que se envolviam pelas aulas e exemplos que Ruben contava.

Cursou a graduação em medicina na UERJ no período de 1976 a 1981, período que conheceu o IMS, onde cursou a disciplina de Fundamentos da Saúde Coletiva, conhecida como “FUNSACO”, que se tornou professor anos depois. Fez residência em clínica médica e logo foi aprovado em concurso público para o Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS). Atuava na residência e no Hospital da Posse no município de Nova Iguaçu no Estado do Rio de Janeiro.

Alguns passarinhos entrevistados me contaram que Ruben, durante a graduação, não tinha por hábito se envolver diretamente com lutas partidárias, contudo estava sempre no apoio, nos bastidores da formulação da política. Uma prática muito comum de Ruben.

Foi professor do Instituto de Medicina Social Hésio Cordeiro por trinta e cinco anos, de 1985 a 2020. Orientador e professor de muitas pessoas, parceiro/amigo, extremamente afetuoso, generoso, como já disse tinha um sorriso largo que se misturava muitas vezes aos olhos marejados.

Era forte na defesa de suas convicções, um excelente orador, militante na saúde coletiva e educação pública brasileira. Cuidadoso com suas (eus) alunas (es/os), respeitava o processo de cada orientanda (e/o) e estimulava lançar cada uma (um) ao desafio de uma escrita significativa e livre a partir de suas afetações.

Uma forma de acolhida era sempre em cafés ou almoços onde podíamos partilhar não só objetos de trabalhos, condução de pesquisa, mas de vida. Vida que passa e nos atravessa, como diz Bondiá (2002), partilhando nossas experiências, angústias e conquistas.

Ruben chega ao IMS no início da década de 80, após a graduação, e é recebido pelo professor Hésio Cordeiro, que nessa época era do quadro ativo do Instituto. Hésio ouve seus incômodos com a política da época, final do período militar, e o convida a pensar na possibilidade do mestrado.

Uma curiosidade: As inscrições para a pós-graduação abriam exatamente no dia dessa conversa. O mestrado na Medicina Social<sup>20</sup> passou a ser uma possibilidade a partir daquela acolhida e conversa. Um jovem ansioso e cheio de inquietações, sem saber os rumos que poderia seguir, é acolhido em uma conversa cuidadosa e empolgado resolve tentar a seleção, mas precisava de um projeto (Gonçalves, 2017, não publicado)<sup>21</sup>. Todos passamos por isso, até aqueles com quem nós aprendemos e acreditamos serem nossos mestres.

Caminhos e convites que nos são ofertados em pura contingência de vida. Ruben no plantão no CTI entra no quarto e percebe um panfleto bem pequeno em uma mesinha, que aguça sua curiosidade, lá falava sobre o “Plano de Reorientação da Assistência Médica no Âmbito da Previdência Social”, proposto pelo Conselho Consultivo de Administração de Saúde Previdenciária (CONASP) ao Ministério da Previdência. Aquele pequeno pedaço de papel que ele não fazia a menor ideia do que se tratava, o provocou a ser tema do seu projeto para seleção do mestrado. Era tudo uma novidade (Gonçalves, 2017, não publicado).

Ruben entra no mestrado em 1984. Entra sendo questionado pela banca de seleção sobre seu interesse em estudar no IMS, sendo ele um médico tradicional, intensivista, não era comum que alunos das clínicas de atuação médica se interessassem pela medicina social.

Aos poucos foi sendo atraído e envolvido com os convites a leituras e vai se encantando por esse território da saúde coletiva “A possibilidade de ter elementos para repensar a medicina

---

<sup>20</sup> O Programa de Pós-Graduação do Instituto de Medicina Social foi criado no ano de 1974 com o título de Medicina Social e renomeado em 1987 para Saúde Coletiva. Informação pode ser acessada no site do IMS, disponível em: <https://www.ims.uerj.br/o-instituto/>. Acesso em 25 jan. 2024.

<sup>21</sup> Sempre considerar nesta referência que se trata de entrevista de Ruben para Gonçalves. Referência presente em outros momentos do texto.

que eu fazia. Isso mudou a minha prática médica inteiramente. Dentro do CTI passei a ver outras coisas, assumir outras posturas”. Vale dizer que Ruben sempre era requisitado como aquele que estava no campo da saúde coletiva, mas era médico e sabia medicina. (Gonçalves, 2017, não publicado).

É tomado por repensar sua prática médica e toda a questão que envolvia a defesa de valores, ética da vida e cuidado passam a conduzir seus caminhos de reflexão. Ruben era apaixonado pela prática da medicina e começava a acreditar que talvez a saúde coletiva pudesse ser um campo em que ele poderia estar. Fez concurso para a área de Epidemiologia no Instituto, ainda no mestrado, foi aprovado porém fora das vagas. Outra curiosidade foi que o tema da prova didática foi “Método de planejamento local”, um tema que Ruben não tinha a menor ideia do que seria. Ficou com a “pulga atrás da orelha” de que tema era aquele e então nasce seu interesse em estudar planejamento (Gonçalves, 2017, não publicado).

Surgiu outro concurso para o IMS, dessa vez na área do Planejamento e em 1985, Ruben, que ainda era aluno do mestrado, passa a integrar o corpo de docentes do Instituto, na área de Política, Planejamento e Administração em Saúde (Gonçalves, 2017).

Ao entrar no IMS, Ruben é direcionado para o Posto de Saúde Carlos Gentile de Mello, conhecido como Bicuíba<sup>22</sup>, no bairro do Lins de Vasconcelos, na cidade do Rio de Janeiro. Achou o convite estranho, “Eu sabia medicina, mas nunca tinha pisado em uma unidade de atenção básica”. (Gonçalves, 2017, não publicado), mas foi se aproximando dos residentes de Medicina Preventiva e Social e foi tentar entender como funcionava a unidade.<sup>23</sup>

Rapidamente percebeu que o principal problema era que os residentes não sabiam medicina e então organizou uma proposta da sua atividade ali e propôs assumir a supervisão de planejamento e dar apoio à clínica, com isso negava uma proposta inicial em ser diretor de Bicuíba, o configurando no IMS como um Acadêmico (Gonçalves, 2017, não publicado).

Intervindo na proposta de ensino dos residentes e junto aos trabalhadores da unidade atuou na criação de um colegiado de gestão, o que ajudou que a unidade fosse se tornando mais expressiva, diz:

uma unidade extremamente potente – o termo não existia... aonde a supervisão do trabalho dos residentes na comunidade era feita pelo Serviço Social. A supervisão dos alunos de Enfermagem, em relação aos programas, era feita por mim... os programas

<sup>22</sup> Unidade de saúde era composta por servidores do município do Rio de Janeiro, em nível administrativo e todo o corpo técnico era ligado a UERJ. Era um Campo-escola. (Gonçalves, 2017).

<sup>23</sup> Todos os residentes cumpriam seu primeiro ano no Campo do posto do Bicuíba.

se reuniam em coletivos e traçavam nesses coletivos as normas. Não eram as normas do município que eram seguidas, **nós inventávamos...** assim fomos inventando dispositivos (Gonçalves, 2017, grifo nosso, não publicado).

No ano seguinte se tornou coordenador da Residência de Medicina Preventiva e Social, ano 1986, e passa inclusive a provocar mudanças no bloco teórico da residência, propondo o diálogo sobre a importância da Antropologia na formação dos residentes. Fazia a defesa que a residência formasse sanitaristas e não que ensinasse a clinicar em medicina (Gonçalves, 2017, não publicado).

Em 1986, Ruben participou de um curso sobre planejamento na Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP), promovido pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), onde Carlos Matus ministrava aulas e Mario Testa debatia. Ambos são grandes nomes, clássicos, do planejamento em saúde.

Matus constrói a ideia do planejamento estratégico situacional e Testa, o Pensamento estratégico em saúde. Diz-nos Ruben, sobre o curso: “A divergência entre eles foi o nosso foco... a divergência entre ‘vamos formar pessoas em um método’ ou ‘vamos formar pessoas para inventar métodos?’”. Ruben se aproximou da ideia de que métodos devem ser inventados, dentro do contexto social e histórico de cada realidade. E foi ali, naquele curso, que o Planejamento ganhou real sentido para ele. Passou a ser no Instituto o “Acadêmico com teor Político”. (Gonçalves, 2017, não publicado).

Apoiou ainda a criação, em parceria com outros professores do IMS, do Centro de Estudos, Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico em Saúde Coletiva<sup>24</sup> (CEPESC), na tentativa de trazer mais institucionalidade para as decisões do IMS.

Inicia seu doutorado no ano de 1996, sob orientação do Professor Kenneth Rochel no IMS e defende a Tese, no ano 2000, com o título: “Desenvolvendo e ofertando idéias: um estudo sobre a elaboração de propostas de política de saúde no âmbito do Banco Mundial”<sup>25</sup>.

Ao longo de sua trajetória vai se apaixonando por temas e se juntando com pessoas para conversas, assim fez durante sua trajetória pelo Laboratório de Pesquisas de Práticas de Integralidade em Saúde (LAPPIS) no IMS. Foram alguns artigos, organização de livros e seminários que reverberam até hoje. Foram quase dez anos em parceria com a profa. Roseni Pinheiro. Em sua carta de despedida do LAPPIS, diz:

---

<sup>24</sup> Sobre CEPESC sugiro acessar: <https://cepesc.org.br/institucional/>

<sup>25</sup> Tese disponível no Banco de Teses de Dissertações da UERJ. Disponível mediante autorização.

Nunca me vi como um autor da Integralidade, mas como alguém que aprende a integralidade com os que, um pouco por toda a parte, a inventam cotidianamente. Aprendizado contínuo. Olhando para mim, parto do LAPPIS com a plena consciência de que sei hoje muito menos sobre integralidade e sobre os processos de transformação das práticas com os quais sonhamos do que pensava saber ao começar, ao lado de Roseni, a estudar o tema. E fico muito feliz com isso, pois tal consciência me torna mais aberto a aprender novas coisas. (Mattos, 2009, não publicado)

Ruben se torna diretor do IMS no ano 2004, em parceria com a professora Jane Russo. Foram quatro anos de parceria de uma gestão que teve como marca a coletividade das discussões e decisões. “acho que tivemos um momento de radicalização do processo democrático” (Gonçalves, 2017, não publicado).

O Grupo de pesquisa “Construindo caminhos para análises das políticas de saúde”, em parceria com a professora Tatiana Wargas e tantas outras pessoas queridas que foram chegando no percurso, fez parte da sua trajetória desde 2009. Caminhos é um grupo de pessoas insurgentes que buscam conversar e refletir sobre o que estamos fazendo na política de saúde brasileira. Estou em Caminhos e este também passou a ser o meu lugar de junção, reflexão e respiro.

Sua trajetória também perpassa por temas que foram se achegando e Ruben foi adensando seu interesse e foco, como foi pela área da Alimentação e Nutrição e Educação Permanente. Uma característica de Ruben era se permitir conhecer e reconhecer nas pessoas suas paixões pelos seus temas que geravam inquietações, brilho nos olhos. Isso sim era seu motivador, despertar motivações. Ruben era um entusiasta da motivação!

Feita uma breve contextualização para quem dedico essas linhas, seguirei por outros caminhos de aproximação e apresentação que passam por histórias e marcas dessa trajetória.

**Germinar**

Nascemos imensidão  
Perdemos a conexão  
Pela doença de ouvir  
A voz da falsa razão

Abrindo os olhos sem acordar  
Fechando o olho da intuição  
Abrimos mão de enxergar  
O desabrochar da vida

Obedecer, entristecer  
Procrastinar  
Sem tempo de ser  
O que a nossa alma pede

Dentro de nós acumulamos pesos cruéis  
Acreditando que é assim que a vida é

Tá na hora de reagir  
Entender que somos gigantes  
Ocupar o nosso lugar  
Acolher nossas almas

Nunca é tarde pra replantar  
Nossa terra é de amor infundo  
A semente vai germinar  
É assim que a vida é

Flaira Ferro

## 2 VAI! VUPT! - SOBRE A PROVOCAÇÃO PARA NASCER E CRESCER

me interesse pelo momento de transfigurar o mundo da ação sob os auspícios da ficção e mostrar que a história continua, pois, se se é livre para pensar e escrever a própria história, então trata-se de um novo começo.

Ida Mara Freire

Essa escrita é movida parte pelo acaso, pela própria imprevisibilidade do viver, assim como também pela minha necessidade em fazê-la. É uma opção me deixar guiar pela minha intuição de escrever de um novo jeito e em um novo tema. Me sinto nascendo, já em vida.

O contato com pessoas incríveis tem me trazido alguns entendimentos do meu lugar, da minha história e de seus rumos, reconhecendo nas mulheres fortes da minha vida, minhas avós, minha mãe e minha madrinha, os valores e traços que em mim imprimiram.

De um lado uma portuguesa nata, Maria Augusta, que cresceu no Brasil, veio com minha bisa quando era bem pequena, trabalhou na infância em uma pensão e logo casou com meu avô, também um português. Tiveram dois filhos, meu pai e minha tia. Uma cozinheira de mão cheia, uma vó, vó mesmo, daquelas que adora agradar aos domingos. Ela faleceu já tem um pouco mais de uma década.

Minha vó, de lado de mãe, essa nunca vi, ela partiu quando minha mãe tinha apenas onze anos. Se chamava Maria Edith, filha de uma mulher indígena, casou, teve cinco filhos, viveu uma vida com um tanto de restrições e faleceu por conta de uma tuberculose, ainda bem jovem. Porque falar dela se nunca a vi a não ser em fotos ou ouvindo histórias de minha família sobre ela? A resposta é porque seus traços se espraiam pelas gerações e chegam em mim. Sua presença, que não é física, é presença daquelas que os olhos não veem, mas o corpo sente.

Minha madrinha cuidou de mim e de Ernani, boa parte da nossa infância. Sempre estive ao meu lado, como um anjo da guarda. Meus filhos a chamam de vó dinda.

Quando me enxergo na minha trama familiar me percebo entre teias. Àquelas que vieram antes, dos laços de sangue ou somente dos laços do coração, é como se estivéssemos ampliadas em ramos de raiz, enlaçadas.

Poderia tecer aqui mais alguns parágrafos, muitos, sobre cada uma das mulheres que vieram antes de mim, mas aqui quero destacar uma única característica, marco e reveladora de todas elas, que é o cuidado com outros. Não por um acaso a enfermagem surgir na minha vida.

Com elas, especialmente com minha mãe, passo a enxergar o lugar de cuidar como Ruben nos convidava a refletir, enquanto prática social entremeada no nosso contexto sócio, histórico e político. Cuidado sempre foi a forma de levar a vida. Óbvio que isso tem muito de uma questão geracional, mas não estou aqui entrando pelas armadilhas e crueldades que o machismo conduz as vidas não masculinas, ressalto um outro aspecto que se relaciona com a ideia de vivência de uma ética da vida, conduzida pela amorosidade.

A experiência de olhar os caminhos que me trouxeram a esta cena me preenche de desafios. Vou aprendendo a ver o que não é visível e a ouvir o que não tem som. O barulho do silêncio do nada e tudo que o nada pode vir a representar. “Tem mais presença em mim o que me falta” (Barros, 2013, p. 319).

E uma parte dessa história de impulsionamento ao crescer passa pelos caminhos que fui seguindo na minha adolescência no campo da religiosidade institucional. Tem algum tempo que tenho vontade de escrever sobre essa experiência, mas confesso que nunca consegui, vou tentar sendo bem breve.

Entrei por conta própria para a religião católica tinha 17 anos. Meus pais eram de outra religião, sei lá porque fiz esse caminho. Resolvi fazer o curso de Crisma de Jovens, que nem sabia exatamente o que era, mas uma faixa na frente de uma igreja me chamou a atenção e eu fui lá ver. Apesar de não vir de uma família católica, tinha sido batizada e feito a primeira comunhão.

Após o Crisma, curso que durou um ano, já estava bem envolvida com algumas atividades na Igreja, dentre elas grupos de formação jovens e grupos de renovação carismática. Sobre esse último, para quem não conhece é um certo tipo de espiritualidade, que de forma bem breve posso dizer que é pautada pelo individualismo com a capa do “Ser coletivo”. Uma fé pautada a conduzir seus fiéis a enxergar jeitos certos e modelos ideais de seguir a vida, onde a mulher tem o seu lugar, e os homens os deles, obviamente, de soberania. Às mulheres, sem ninguém dizer, era aceitável não ocupar lugares de destaque e poder, já que esses lugares cabiam aos homens, na sua grande maioria, oriundos de família, no mínimo de classe média e brancos. Durante um bom tempo não consegui fazer essa reflexão, não enxergava um cenário de fundo extremamente machista, sexista e racista. Um mundo dos estereótipos, binários, com condutas corretas a serem incorporadas pelos corpos femininos e pelos corpos masculinos, outros corpos nunca tiveram espaço e me parece que seguem não tendo.

Paralelo a essa experiência, dediquei alguns anos da minha vida a um grupo de jovens, que era onde me permitia ampliar e dessufocar. Ali aprendi muita coisa, conheci muita gente e

fiz amigos da vida toda. Vivi momentos que guardo na lembrança de profundo amor, aconchego e carinho.

Um dia recebi um convite para ir para uma outra equipe, fora do meu ninho. Era uma espécie de coordenação do grupo que eu frequentava. Fiquei com medo, teria que sair da minha zona de conforto. A maioria das pessoas que eu conversava me diziam não ser esta uma boa ideia, mas nesse momento, movida tanto pelo impressionismo de ter sido escolhida, como pela minha intuição, eu resolvi não pensar muito e ir.

Trabalhávamos com formação humana de jovens, montávamos cursos de jovens para jovens, tínhamos como premissa, entender qual era nosso papel dentro da igreja, respeitando nosso corpo e nossa humanidade.

Jovens em ebulição, imaginem... Começamos a incomodar e eu comecei a gostar disso. No auge da insatisfação dentro da institucionalidade tínhamos poucos parceiros “adultos”, era nós por nós, os jovens. Aos poucos fomos sendo pressionados a abandonar nosso grupo, pois nos diziam que deveríamos acabar com as questões contraditórias do discurso, e obviamente não topamos. Um grupo que era uma espécie de escola de jovens que era tutorada pela escola de adultos. Rompemos e deixamos tudo para os adultos, à época, e criamos nosso próprio grupo, com nossas regras, de jovens, com jovens e para jovens. O que não contavam era que tínhamos força, garra e muito brilho nos olhos, e que nos auge da nossa juventude e criatividade, tínhamos todos os elementos para inventar tudo denovo, tínhamos tudo na cabeça, não precisávamos dos papéis, dos nomes.

Foram muitas reuniões com nossos poucos apoiadores e muitas ações de mobilização em atividades públicas dos eventos gerais de jovens católicos, buscando divulgar nosso trabalho. Nos tornamos jovens organizados e políticos dentro da Igreja.

Nessa época, já tínhamos algumas discussões a respeito dos valores que defendíamos e que não topávamos injustiça social, machismo e racismo, vale dizer que não sabíamos dar esses nomes, não tínhamos letramento, mas sabíamos que queríamos um mundo de respeito às pessoas.

Éramos jovens com atuação política dentro da igreja, aprendendo a nos organizar dentro e fora da igreja. Nos guiávamos pela questão: “O que Jesus faria se estivesse no nosso lugar?”, que a mim descortinou muitas e muitas pautas. Viramos monstros (os) nas igrejas.

Questionamos e enfrentamos foi gente. A clesma<sup>26</sup> não nos limitava. Não tínhamos medo de falar, éramos destemidas (os). Essa vivência e inserção mudou minha vida. Passei a enxergar o mundo de outro jeito. Comecei a estranhar o que era tão natural e visceral para mim.

Me ensinou sobre ser coletiva e sobre sermos todos atores políticos. Aprendi sobre disputas e lutas. Esse grupo me potencializou a me enxergar como pessoa ampla, múltipla, viva, inteira, como mulher que pode e deve ser liberta a ser e sentir.

Tenho uma gratidão profunda a esse momento da minha história pois sou quem sou hoje, porque passei por essa experiência que me ajudou a me ver.

Tenho nascido e renascido ao longo da minha trajetória de vida. Hoje sou mulher, mãe e feminista. Não tolero machismo, racismo, sexismo, misoginia, capacitismo e homofobia. Eu aprendi a ser assim a partir da transgressão de um grupo de jovens dentro da igreja católica na cidade do Rio de Janeiro.

Ser é com o outro, é intersubjetivo, relacional (Ayres, 2009). É coletividade. “a escuta de si próprio é o primeiro passo no caminho em direção à escuta do outro. Por isso, a percepção de si está sempre vinculada à percepção do outro” (Freire, 2014, p. 569).

Uma, nada breve, contextualização e religação sobre o meu crescer e me tornar, desde a base da minha vida, que me ensina, especialmente, sobre o ser com o outro, a partir do exercício do olhar de cuidado e da experiência de me tornar ampla e com muitas vozes.

Bianca é quem tenho construído diariamente, Angelina é a minha insurgência que rompe as barreiras do meu corpo. Nasce como filha do meu oculto, como marca de minha transgressão comigo mesma, um cuidado amoroso. Angelina é explosão. Uma experiência de gestar que tece o ser com o fio da vida (Freire, 2014), de puerperar que descobre que a vida lança vários fios que provocam o reinício. Tecendo a vida por novos fios. E aqui volto ao início dessa sessão, meus caminhos geracionais, a força que me sustenta e me amplia em ser cuidado coletividade e que nasce de alguém que já existe.

## 2.1 Nascer quando já está nascida

O Nascimento puerperal de Angelina

Já nasce assim, em vida

---

<sup>26</sup> Clesma é o colarinho alto na camisa de padres, bispos. Essa frase se refere que não nos limitávamos ao poder hegemônico do padre dentro das instituições. Éramos atrevidas (os).

É um nascer de se tornar  
 Se tornar algo novo, mas que estava por ai  
 Angelina vem assim  
 Vem já em puerpério  
 Vem sem ordem, transgredindo a ordem vital  
 Já vem no rebuliço

Nasce para trazer para fora algo que tá vivo, sentido e que expropria o que tá dentro  
 Vem para gritar  
 Um grito mudo, sem voz  
 Um grito lacerante  
 Um grito de alma  
 Que pula e reinventa quem a torna sua mãe

Puerpério é redescoberta inventiva de gente  
 Não dá para voltar atrás e demora a passar  
 É intenso, doído, é de culpa, arrependimento e é de invenção, redescoberta  
 É ruim! É bom!  
 Novo é sempre assustador, quando vira velho, ufa!

Angelina nasce no caos. Nasce para trazer o que o turbilhão trouxe como novo  
 Angelina vem dizer a Benjamin o que Bianca aprendeu com Ruben  
 Vem ser escrita de alma  
 É fruto da sensibilidade, generosidade e acima de tudo é transgressão.

Ela vem  
 Puerperada de nascimento  
 Em nascimento  
 Extrapolando os limites do sentir, se libertando ao provocar  
 Sendo a versão doída e forte da expressão da coragem.

Siga se puerperando!  
 E ela nasce nascida.

Angelina Silva

A melhor experiência para trazer esse nascer é a vivência do puerpério, como uma vivência que me atravessou profundamente. Foram dois. Foi uma etapa difícil e sofrida. Espera-se que a mãe ame ser mãe, não pode sofrer, não pode se questionar, não pode estar infeliz. É esperado cansaço, porém transbordado de felicidade, gratidão e muita doação.

Viver puerpério é encarnado, tá bem longe de ser um mundo idealizado de respostas prontas, como em ficção. Vida real é bem diferente e sem receitas de como fazer. Dialogo a partir da minha experiência que foi desafiadora e exaustiva.

Puerpério é nascimento de pessoas que se descobrem, é reinício. É Confluência de vidas. Um viver repleto de estremecimentos, hormônios, energias, angústias, tristezas e alegrias. Um nascer do que já vive, nascer de gente que já sente, que já está no mundo. É um nascer do se tornar. Se tornar mãe, pai, irmão, avó... Puerperar é a real ruptura de modos de vida. Me

pergunto porque se fala tanto em parir e pouquíssimo em puerperar? Quanta coisa não dita e que precisa...

Quantas rupturas tem nesse nascer. Momento não só de descobertas, mas de invenção. Angelina não escapuliu das entranhas, não foi puxada dessas, não foi expropriada de ventre. Ela já nasce em puerpério. Me permito essa imagem meio sem sentido e invertida de ordem, mas na verdade sem ordem.

Angelina é diálogo a partir da provocação de Benjamin. Exposição, com receio, assim como conexão circular com as relações confluentes entre terra e ancestralidade que me guiam. Seu nome, Angelina, surge como expressão de desejos de minha mãe que pensou neste nome para mim, antes de meu nascimento e Silva, surge da família de meu pai.

Puerperar nos provoca o movimento visceral de sentir, pensar e ser em potência e em comunhão. Movimentos enlaçados e vibrantes no corpo, que se embalam no cuidado, mesmo quando suas forças se esvaem. Não há volta, é preciso a conexão.

Podê parecer uma loucura falar de puerpério no meio de uma tese que não fala de puerpério, pois bem, é sobre processos e sobre vida. Sobre aprendimentos e vivências. Iemanê me convida a reinvenção, ao silêncio e fazer barulho, a escutar os gritos de alma, a transfluir em coragem de me escapular. Puerperar em texto é a minha ação, o meu ajuste de contas, cuidadoso e amoroso comigo, mas é sangrar também. “Na busca por (auto) conhecimento e pela compreensão que o processo de doutoramento empreende, e na pergunta sobre eu mesma que a maternidade me impunha, o pensar foi se fazendo perceber como sentipensar” (Sousa, 2017, p. 33).

Ser invenção na escrita trazendo a poesia é uma estratégia de liberdade para sentir pensando, sonhando e sendo. Assusta, dói, mas amplia a corazonar, por uma vida repleta de mais ternura. É tempo de corazonarmos na Academia e em todas as dimensões do viver. (Arias, 2010).

Corazonar nos permite começar a inscrever a ternura na academia, recuperar esse lugar que a hegemonia da uma razão sem alma negou ao ser humano, dar espaço para que a sabedoria espiritual do coração fale, para nutrir de sensibilidade a inteligência, que nos permita sentir o que pensamos e pensar o que sentimos e assim poder caminhar com equilíbrio pela vida (Arias, 2020, p. 12, tradução do espanhol nossa).

## 2.2 Sabedorias Insurgentes do coração

Corazonar é uma resposta insurgente para enfrentar as dicotomias excludentes e dominadoras construídas pelo Ocidente, que separa o sentir do pensar, o coração da razão... busca reintegrar a dimensão de totalidade da condição humana, pois nossa humanidade assenta tanto nas dimensões de afetividade, como da razão (Arias, 2010, p. 11, tradução do espanhol nossa).

Corazonar surge enquanto postura política de luta de descolonização do saber, poder e ser de nossa existência. Uma insurgência de reconexão da afetividade com a razão, enquanto sabedoria de nossa condição humana (Arias, 2010).

Sequestraram nossos corações e afetos para facilitar o domínio de nossas subjetividades, de nossos imaginários, de nossos desejos e nossos corpos, territórios onde se constroem as poéticas da liberdade e da existência. A hegemonia da razão fragmenta a condição de nossa humanidade, pois ignora que não somos apenas o que pensamos, e pior, que não existimos apenas por causa disso, como sustenta o fundamentalismo racionalista cartesiano, mas que o sentido do humano está acima de tudo na afetividade: Não somos apenas seres racionais, mas também sensibilidades ativas ou, como a sabedoria xamânica nos ensina, *somos estrelas com coração e consciência* (Arias, 2010, p.10, grifo nosso, tradução do espanhol nossa).

Aguiar (2023) nos provoca a corazonar para aquecer a razão e sentipensar na saúde coletiva, em contraposição a elaboração de teorias tão somente racionais. Uma maneira possível de existir no mundo, oriunda de uma sabedoria de povos originários de pensar, sentir e ser (Sousa, 2017).

### 2.2.1 Sentipensar

#### Celebração de bodas da razão com o coração

Para que a gente escreve, se não é para juntar nossos pedacinhos? Desde que entramos na escola ou na igreja, a educação nos esquarteja: nos ensina a divorciar a alma do corpo e a razão do coração.

Sábios doutores da Ética e Moral serão os pescadores das costas colombianas, que inventaram a palavra sentipensador para definir a linguagem que diz a verdade.

Eduardo Galeano

Sentipensar permeia a literatura do escritor uruguaio Eduardo Galeano. Tenho percebido ser um termo muito mais presente, em trabalhos estrangeiros, do que brasileiros, “Sentipensar” tem chegado aos poucos na nossa literatura e produções. E aqui, mais do que o termo, falo de sentipensar em ato.

Krenak e Bispo em suas insurgências sentipensam em existência integrada ao Cosmos e na intrínseca e direta relação entre seres humanos e natureza. “Foi o *sentipensar* sobre sermos natureza que começou a desembotar os meus sentidos para as múltiplas existências que nos cercam” (Aguiar, 2023, p. 169)

Se ouvíssemos com humildade o nosso coração poderíamos aprender o que cotidianamente nos ensinam os pássaros, quem todos os dias ao amanhecer agradece cantando por poder viver o milagre de um novo dia (Arias, 2020, p. 18, tradução do espanhol nossa).

### 2.2.2 Sentisonhar

Sonhar é território de condução da existência para muitos povos de cultura indígena. É tradição, guia e oráculo para seguir a vida. É conexão com antepassados e com possibilidades de vir a ser.

Sidarta nos chama atenção para um conceito central do xamanismo<sup>27</sup> que é a importância do sonho com intenção. Um sonho que busca possibilidade de imagens para agir no cotidiano, para transformação. Xamãs com frequência buscam sonhar como quem está caçando ideias, com intenção, comprometida com os rumos que precisam ser tomados, mesmo diante das adversidades (Ribeiro, 2022).

Krenak conta que entre os xavantes há o “sonhador”, que é aquele que quando alguém na aldeia se depara com alguma questão que envolve decisões importantes, recorre ao “sonhador” e este vai buscar nos sonhos caminhos possíveis. Somente quando ouvem sobre o sonho tomam as decisões necessárias (Krenak, 2023).

---

<sup>27</sup> Prática ancestral de culturas indígenas de religação com o sagrado.

No mundo contemporâneo o sonhar é pouco valorizado entre nós, uma arte quase totalmente esquecida (Ribeiro, 2019). Somos povo que vive as urgências de um mercado capitalista que massacra, oprime e mata por lucro e dinheiro. A calma, reflexão e realinhamento têm sido difícil em tempos de tantas prioridades e necessidades para viver na cidade.

Kopenawa (2015), liderança Yanomami, diz que os brancos não sabem sonhar, aqui se refere aos povos das cidades e que se quisermos construir um novo mundo de respeito e solidariedade precisamos reaprender a sonhar.

Um outro aspecto do sonhar é extremamente popular em nosso cotidiano, aquele que se refere ao âmbito do desejo, este sim é amplamente conhecido e valorizado por nós. Ribeiro (2019) nos provoca a pensar porque o sonho, enquanto fenômeno do dormir, que pode evocar tanto alegrias, como medos, é exatamente a palavra utilizada para se referenciar aquilo que se buscar ter, conquistar. Afirma que o vocabulário publicitário não duvida que o sonho é “a motivação íntima de nossa ação exterior”. Conta sobre um cartaz em uma área de desembarque de um aeroporto, com um casal sorridente velejando em um lindo mar, com a frase logo abaixo: “Aonde os seus sonhos o levarão?” ou ainda as promessas de igrejas que vinculam a materialização dos sonhos pela fé, atribuindo, obviamente a ideia de felicidade. Sonho que é desejo, que é dinheiro. Uma exarcebção do ter, no lugar do ser, viver, sentir. “É gritante o contraste entre a relevância motivacional do sonho e sua banalização no mundo industrial globalizado” (Ribeiro, 2019, p. 20).

Davi Kopenawa diz “os brancos não sonham tão longe como nós. Dormem muito, mas só sonham com eles mesmos. Seu pensamento permanece obstruído” (Kopenawa & Albert, 2015, p.390). Ribeiro diz que apesar das interferências das cidades, com suas luzes e ruídos, sonhamos muito, porém a granel. “O sonho é a imaginação sem freio, nem controle, solta para temer, criar, perder e achar” (Ribeiro, 2019, p. 20)

No livro “A queda do céu” Kopenawa afirma que precisamos parar, ouvir e repensar nossa relação com o território, com a terra. A queda do céu acontece quando não olhamos para além de nós, não enxergamos as mudanças que estamos imersas (es/os). É um convite dos povos das florestas a sonharmos para além do nosso próprio umbigo. (Kopenawa & Albert, 2015)

Joyce apresentou uma tese a partir da sua experiência de muitas batalhas nos ambientes de trabalho por onde passou. Fala de violências dos bastidores da gestão em saúde, das inconstâncias que estava imersa, mesmo quando muitas delas são alheias a sua própria escolha, e termina nos dizendo que naquele momento não via possibilidade de modificações concretas do cenário que faz sua crítica, mesmo apresentando várias propostas (Flores, 2023). Achei

extremamente curioso e honesto esse término de tese e confesso que em mim a provocação foi exatamente ao contrário, entendi que das nossas inquietudes, brotam nossas insurgências, nossas lutas e microrevoluções diárias e somente a partir destas podemos reexistir. Joyce empurrou o céu, ao nos permitir ler sua história de lutas e enfrentamentos diários. Nos encontrar em seus caminhos é enxergar formas de adiar o fim do Mundo, como propõe Krenak (2020b)

Seguimos a luta por um mundo melhor, quando coloco o verbo na primeira pessoa do plural quero dizer que parte de mim esse sonho, do desejo, que se relaciona ao ser e não ao ter e junto comigo tem um tanto de outras pessoas que compartilham dos mesmos valores. Seguimos na busca de um mundo que é antes de tudo sonhado.

Os sonhos que se projetam na perspectiva do desejo do sentir em perspectiva do ser, dos anseios, para onde nossos giros de alma vão nos levando e possivelmente para onde miramos esforços, quando estes são possíveis, talvez também possam ser por onde possam ir caminhando os nossos sonhos do dormir, isso é *sentisonhar*. griffo nosso

Sentisonhar é a conexão da possibilidade do sonhar as conquistas e lutas diárias, insurgentes, a partir de quem somos no nosso contexto coletivo, um sentir encarnado em nossos corpos, para então nos conectar ao sonho da transformação, da revelação, condução. Somos meros aprendizes nessa arte.

Aprender a se desconectar da necessidade de ter em excesso, para sonhar a partir do que sentimos ser. Que tal libertar o sentir para fruição da nossa imaginação do sonhar a partir de microrevoluções que nos mobilizem a empurrar o céu um poquinho a cada dia?

Temos que reflorestar o nosso imaginário e, assim, quem sabe, a gente consiga se aproximar de uma poética de urbanidade que devolva a potência da vida, em vez de ficarmos repetindo gregos e os romanos. Vamos erguer um bosque, jardins suspensos de urbanidade, onde possa existir um pouco mais de desejo, alegria, vida e prazer, ao invés de lajotas tapando córregos e ribeirões. Afinal, a vida é selvagem e também eclode nas cidades (Krenak, 2022, p. 71).

Aprendendo com as sabedorias insurgentes dos povos das florestas, entendo que é preciso reexistirmos enquanto sonhadores acordados para que nossos sonhos do dormir possam nos conectar com a vida que acontece e que sonhamos para nós, os nossos e para o mundo que habitamos e somos.

O Sonho é um lugar de veiculação de afetos. Afetos no vasto sentido da palavra: não falo apenas de sua mãe e seus irmãos, mas também de como o sonho afeta o mundo sensível, de como o ato de contá-los é trazer conexões do mundo dos sonhos para o amanhecer, apresentá-los aos seus convivas e transformar isso, na hora, em matéria intangível. Quando o sonho termina de ser contado, quem o escuta já pode pegar suas ferramentas e sair para as atividades do dia: o pescador por ir pescar, o caçador pode se recolher e quem não tem nada a fazer já pode se recolher. Não há nenhum véu que o separa do cotidiano e o sonho emerge com maravilhosa clareza (Krenak, 2020a, p. 37-38).

É processo e eu também estou no caminho, aprendendo a sentisonhar.

### 2.2.2.1 A Árvore dos sonhos

Mari-Hi, a árvore dos sonhos, foi plantada nos confins da terra por Omama<sup>28</sup>, o sonhador, bem no meio da floresta, com suas folhas verdinhas, suas raízes que mais pareciam pés e um tronco bem forte. Ao ouvir a voz de Davi, uma liderança Yanomami, que foi procurado em sonho por Luna, uma menina inconformada com a situação do mundo que já não dormia mais, Mari-Hi desabrocha enviando em ventania suas flores para o mundo que já não conseguia mais sonhar. Diz-se que quando suas flores nascem e quando desabrocham são enviadas em sonhos para os Yanomamis e estes contam que Mari-Hi foi criada para que humanos pudessem sonhar. (Limulja, 2022; Kopenawa; Albert, 2015).

O Mundo então passa de um dia que não tinha fim, para ser presenteado com uma chuva de flores que caíram do céu a adormecer todos os humanos, que sonharam coletivamente e se encontraram em um grande abraço.

A noite chegou, o dia chegou novamente e o sol surgiu no horizonte. Um sonho coletivo e cósmico mudou o mundo. (Limulja, 2023).

---

<sup>28</sup> Omama é um ser mitológico do saber Yanomami associado como corruptela de Deus.

### 2.2.2.2 O desabrochar das flores de Mari-Hi

O sonho sentido nos remete ao lugar de responsabilidade. Nosso corpo sonha os sentires que estamos vivendo e o que desejamos enquanto vir a ser. Mari-Hi, um mito Yanomami, nos manda flores a sonhar e deste sonhar nos aproximar de um mundo mais místico, cósmico e possível em adiar os fins que estão cada vez mais iminentes, seja em escala macro ou até nos nossos microespaços de vivência. Um dia de cada vez a enxergar as possibilidades que esse universo dos afetos insurgentes pode nos propor.

Mari-Hi ao nos lançar suas flores, embala nossas noites. Somos movidas (es/os) pela força da nossa imaginação no tempo do sonho, que não é linear, mas que pode ser acessado continuamente. Passado, presente e futuro. Envolve o que já aconteceu, o que acontecerá ou o que está acontecendo, podendo influenciar a vida da pessoa que sonha ou da comunidade na qual está inserida. (Limulja, 2022).

A sabedoria dos sonhos nos oferta possibilidades. Me aproximo da temática dos sonhos para trazer a importância de sonhar na interação e vivência com Ruben. O sonho com intenção de conduzir o dia, o sonho sentido por quem o sonha a partir da vivência do cotidiano. Agora o acessamos não somente nas lembranças, mas também nos sonhos. Um mestre!

Ele teve esse sonho que ele estava em uma estrada dirigindo em um carro e aí essa estrada era muito sinuosa assim e ele subia, subia, subia e uma voz dizia pra ele só vai, só vai. Aí quando ele me contou isso, fazia todo o sentido para aquele momento que ele estava vivendo e aí vira e mexe ele compartilhava assim os sonhos. (Sabiá, 2023)

Um sonho que ele sonhava dormindo era objeto de reflexão – (Sabiá, 2023)

Sonhos como pauta e condução do dia.

ele sempre foi essa pessoa que sentia as coisas... e tinha sonhos. Os sonhos dele... Nossa! Os sonhos dele eram...; e ele tinha sonhos de coisas que, ele ia passar, assim, que iam acontecer com ele. Então ele tinha uma sensibilidade muito grande, para saber o quê que estava ao redor. (Gaivota, 2023)

Dessa vez, ele reapareceu essa noite para me dizer que eu tinha que falar sobre os sonhos. (Baptista, 2023, informação verbal)<sup>29</sup>

### Sonhos que conectam com as estrelas

A diferença é que com ele, eu tenho tido alguns encontros num desses espaços de sonho. Ele estava numa esquina, eu estava parada assim meio aflita, aí ele me olhava, aí ele: ‘Sabiá’ e ele me abraçava e fazia assim com a mão... Sabiá confia nas suas escolhas e vai. (Sabiá, 2023)

Vou compartilhar o nosso sonho, que foi intuído, pensando e sentido.

#### 2.2.2.3 Um sonho, um encontro e um convite

Experiencio o sentido do sonho como instituição que prepara as pessoas para se relacionarem com o cotidiano

Aílton Krenak

Era manhã de sol, aquele de inverno, tímido e pouco caloroso, o celular na música diária despertava para mais um dia. Ela, de um salto, como de costume, senta na cama para iniciar seu processo de correria de se arrumar para o trabalho e sair.

Naquele dia não conseguiu levantar rápido, sentada na cama após acordar, algo a intrigava, tão próximo do real, que nesse momento a confusão do acordar a atordoava. Angelina repensa o que fora aquele encontro tão real, um sonho? Uma verdade em sonho ou um sonho de uma verdade? O dia tinha que seguir, mas caminhava de outro jeito, com um sentimento de aconchego vindo daquele universo do imaginário.

---

<sup>29</sup> Tatiana Wargas de Faria Baptista. Disciplina "Ruben Mattos: Seus Caminhos pela Saúde Coletiva", Rio de Janeiro, no dia 09/05/2023.

Um encontro casual, em um dia comum, onde Angelina e Benjamin se esbarram e falam algo, mas nem a força de tentar trazer a memória esta conversa dá certo e ela simplesmente não lembra. Ainda sentada busca fragmentos, mas um apagão é o que tem. Por fim, desiste, pois a hora anda, o sol se põe, e o dia e sua rotina se impõem. Segue. Mal sabia que em breve o sonho não lembrado talvez fizesse algum sentido.

Arruma sua rotina do dia, pensa e organiza a trajetória das crianças. Faz café, toma café, dá café. Uma rotina diária e corrida que rapidamente a retirou dessa imersão na plenitude do irreal, mas permanecia com o coração cheio de afeto. Ela sabia que seu humor estava diferente, falava mais manso com os pequenos, que não era tão comum logo após trinta minutos do despertar de toda a casa. Era normalmente um corre, que a voz aumentava na tentativa de dar agilidade e ordenamento àquela rotina que parecia não acabar, mas naquele dia tinha algo diferente.

Chega para a sua atividade de trabalho daquele dia, Angelina voltava à universidade dos seus últimos passos acadêmicos para participar da organização de evento que ali acontecia. Aquele lugar, muito conhecido, de passagem, de encontros, de muitas vivências, parecia mais que comum, tinha algo de não explicado. Era cedo, por volta de oito horas da manhã e o sol tímido de inverno se firmava. Ela naquele lugar de reconhecimentos e estranheza aguardava companheiros para início do trabalho do dia, seguiriam juntos a uma sala para uma atividade. Benjamin que vinha chegando com sua blusa em tom goiaba, bolsa e livros em mãos a encontra. Com toda a delicadeza do encontro casual e de alguma maneira sentido desde o sonho de Angelina, aquele lugar se revela, aquele sonho se abre e eles se abraçam e dizem um para o outro “Eu sonhei com você”.

Para a desconexão do sonho, o encontro traz a conexão, pelo acaso, pelo olhar, pela linguagem e expressão corporal, trazendo não só sentido para a alma, mas expectativas para um caminho que se demonstrava a planejar.

Após um caloroso abraço e um possível encontro de perspectivas, expresso na acolhida, cada um segue seu rumo para suas atividades diárias. Benjamin seguiu ao elevador e Angelina permaneceu ali no aguardo dos companheiros para sua atividade.

Ao final da manhã, Angelina retorna a um outro lugar de muitas histórias e muitas lembranças. Aquela porta de vidro, aqueles bancos, corredores, foram tantas passagens por ali, encontros, e também desencontros, o coração se preenchia da saudade do vivido. Passou a porta de vidro, a recepção e seguiu rumo àquela salinha dos encontros. Com o nome na porta e sua voz em conversa ao fundo, Angelina bate na porta e prontamente Benjamin pede que entre. Ela entra, cumprimenta quem estava na sala e então os dois combinam que ela aguardaria no

corredor o final daquela conversa que já acontecia. Angelina fecha a porta e senta no banco, percebe a vida daqueles corredores e o quanto da sua própria história também se fez ali.

Andanças com bebê, amamentação no corredor, cafezinhos, conversas, processos seletivos, entre pessoas que chegavam e outras que saíam ia ela pairando sobre suas lembranças e se conectando com aquela realidade que relembrava. Voltava àquele corredor. Seria um convite? Seria um acaso? Entre olhar murais, ver pessoas, felizmente encontrar rostinhos conhecidos, Angelina prosseguia no aguardo.

Em alguns minutos a porta se abre e Benjamin chama Angelina. “Vamos almoçar?”. O restaurante era naquele mesmo prédio. Benjamin tinha apresentado esse restaurante para Angelina em algum momento e lá retornavam para uma conversa. O embalo da conversa seguiu para tantos caminhos: vida, filhos, expectativas, lembranças. Entre risos e garfadas contaram seus sonhos.

Fazia alguns dias que ele tinha sonhado com ela, algo sobre fazer um convite para retornar aquele lugar para estudar, e ela, bom ai vocês já sabem, tinha apenas algumas horas, e apesar da rotina do dia ter aliviado aquele atordoamento, naquele momento parecia que nunca tinha existido. Para ela ficou claro e se conectou com o que Benjamin a contava. No sonho dela os dois se encontravam naquele mesmo prédio, mas em outro espaço, naquele de passagem do início, assim como tinha acontecido naquela manhã, e se abraçavam, a fala ficou óbvia para Angelina. Lembrou! Ele falava que estava com saudades dela e a chamava para estudar com ele. Acreditem: Uma verdade em sonho ou um sonho de uma verdade?

A conexão dos sonhos e do encontro matutino fazia todo sentido. A prosa seguiu pela vida, pelas lembranças e ao final o convite para estudarem juntos por quatro anos. Ambos pareciam bem felizes, mas tinham uma questão, era preciso um texto, um projetar as intenções. A ideia do que estudar para ela, nesse momento, era razoavelmente clara, e para ele havia nítida empolgação com aquele encontro, como fazer era uma dúvida, mas para um projeto não era preciso tantas respostas. E então, foi ela se haver com esse convite na busca da escrita de algo.

Uma pausa: aquele dia do almoço, do encontro, do sonho, era o primeiro dia de edital para aquela proposta de estudarem juntos, o doutorado. Eles tinham juntos somente vinte e nove dias para a conclusão do processo de inscrição no processo seletivo. Muito cuidadoso como Benjamin era, entre histórias e entusiasmos, fala que aquela era uma retomada de uma parceria que poderia se oficializar naquele momento, mas que tudo bem se ficasse para o ano seguinte. Ele não sabia, ela não sabia, que aquele era seu último edital.

O processo seletivo foi árduo, denso e tenso. Preparar projeto, inscrição, prova teórica, prova de duas línguas diferentes, entrevista. Um Verdadeiro desgaste! Ao final a aprovação

brinda o compromisso de parceria. Ela tinha medo de não passar e Ele disse ao final: “Eu sabia que você passaria!”.

### 2.2.3 Sentirser

Aquietar nem sempre é uma possibilidade. É sim uma necessidade dos nossos corpos, mas nem sempre possível. Quantos de nós nos damos espaço? Nos permitimos encontrar hobbies e vivê-los? Treinar habilidades. A vida na cidade é correria, urgência, é muitas das vezes de desencontros, individualidade e remédios.

Sentirser é convite a nos perceber, enquanto frutos desse espaço tempo que vivemos. É nos respeitar. Nos ampliar. É ação. Enxergar e viver, dentro do que for possível, para além das amarras impostas pelo mundo capitalista e globalizante, que não respeita corpos, vidas, existências, que exclui, segrega e diz quem é mais e quem é menos digno de viver.

Viver a ética da vida em busca da ética da Felicidade é aí que estão depositados todos os valores que defendemos.

#### 2.2.3.1 Perceba-se

Estou no plantão em um hospital de grande emergência e nos é avisado que chegariam vítimas de um acidente automobilístico. Era madrugada, emergência vazia, e rapidamente o cenário muda. Vítimas do acidente entrando em macas corredor adentro.

O primeiro era um senhor, jovem, que tinha um corte na testa. E nesta região é uma área que sangra muito. E aí começa-se o movimento de fazer estancar o sangue, começar os procedimentos de sutura. Então, esse senhor foi para um boxe de atendimento e um profissional de saúde ficou ao lado dele, começando a fazer o curativo.

A esposa dele, uma jovem, entrou com o quadro de traumatismo generalizado. Ela entrou inconsciente e logo teve uma parada cardíaca. Em torno dela, sete profissionais estavam fazendo as manobras de ressuscitação, que foi bem sucedida, e tentando dar o apoio para permitir que a pressão dela se elevasse ao nível que ela pudesse suportar a cirurgia, que ela

tinha que fazer, para corrigir problemas abdominais. Uma cirurgia quase heróica. Eram sete pessoas.

O terceiro ocupante do carro, uma menina, em torno de cinco anos, que não tinha tido nenhum arranhão e ficou sentada vendo aquilo que mostrou ser o início da morte da mãe, que faleceu em centro cirúrgico.

Essa é uma situação que incomoda a todos. Eu acho que vocês se sentem incomodados com essa história, porque dá uma angústia. Gente, como é possível? Sete pessoas ali, naquele lugar. Alguém podia ter saído e, de alguma maneira, cuidado da menina. Só porque ela não tinha ferimento, não quer dizer que ela não precisasse de cuidado. Ao contrário, essas coisas são um sofrimento que nos parece inaceitável.

Eu estava uma vez em uma palestra e um aluno me perguntou o seguinte: Professor, eu entendi quando você falou, mas eu não entendi direito, como é que o senhor percebeu esta situação da menina? Quem lhe falou dela?

E aí caiu uma ficha para mim e eu tive que dizer a verdade. Eu era um dos sete. Eu estava naquele lugar. Depois da recuperação, quando a paciente sai para o centro cirúrgico e na saída dela, eu vejo a menina. E isso me fez pensar.

Aí um aluno chega e diz: “Ah entendi, professor, porque você estava falando de coisas, de integralidade, como se fosse uma coisa inalcançável. Como é que a gente consegue prestar atenção em tanta coisa? Mas agora eu entendi. O senhor refletiu sobre o que fez”.

Eu estava na Universidade Federal Fluminense em um curso de medicina, conversando sobre integralidade, dando exemplos como esse.

Pausa para uma água.

Que tal ouvir passarinhos, admirar uma árvore, olhar para o céu?

Sentipensar

Esse texto é a fala de Ruben em uma palestra. Para quem convivia com ele, já ouviu algumas muitas vezes essa história, sempre contada a partir do impacto que causou na vida dele. Já ouvi essa história em orientação, aula, palestra, vídeo e sempre me sinto tomada por emoção, sempre angustiante, pela tão próxima possibilidade de sermos qualquer um de nós a estarmos neste lugar.

Essa história foi um momento de autopercepção, de se enxergar e perceber seu lugar de ser e então de ressignificar e recomeçar. Perceba-se é um convite a sentir para pensar, sonhar e ser.

Não é nada fácil e bell hooks nos alerta a partir da sua vivência de professora, dizendo:

vi que pode haver, e geralmente há, uma certa dor envolvida no abandono das velhas formas de pensar e saber e no aprendizado de outras formas. Respeito essa dor. E agora, quando ensino, trato de reconhecê-la, ou seja, ensino a mudança de paradigmas e falo sobre o desconforto que ela pode causar. (hooks, 2017, p. 61)

O questionamento não é somente das ideias, mas da ação do ser. Só assim construímos comunidades. (hooks, 2017). Ruben percebeu e passou a contar sua história a partir da sua inquietude a mobilizar a quem quer que fosse.

#### 2.2.3.2 Aquele dos corredores

Nunca tive problema com o exercício do poder, mas eu não tenho fascínio pelo exercício do poder... aquilo que me dá mais prazer é a conversa

Ruben Mattos

Estava empolgada e feliz, iria começar uma disciplina. Depois de tantos anos voltar a estudar seria um aconchego, talvez até pudesse me levar ao mestrado, mas na verdade não era bem isso o que eu buscava, queria mesmo era voltar para o espaço de discussão, de conversa, queria ouvir, aprender, conhecer pessoas. Aquele era um bom momento da minha vida. Estávamos em 2019.

Era sexta pela manhã, acordei cedo, me organizei na minha rotina diária e naquele dia não fui ao trabalho, estava liberada para iniciar a disciplina. Era um recomeço. Estava que não cabia em mim de profunda ansiedade e alegria. Fiquei sabendo da disciplina, por uma amiga

que me falou do Instituto e então me inscrevi. Não conhecia absolutamente nada daquele universo.

Naquele dia, ao chegar, não conhecia ninguém, só sabia o andar que eu precisava ir. Cheguei e rapidamente identifiquei onde era a secretaria acadêmica e fui para o início da aula. Era uma disciplina sobre Histórias e Verdades, mas me deparei com a notícia do adiamento do início da disciplina para a semana seguinte e tanto eu, quanto a secretária percebemos que eu não tinha sido avisada sobre o adiamento.

Ela: Ai meu Deus, ele vai ficar arrasado. Peraí que vou ligar pra ele.

Então atendo o telefone

Ele: Olá, eu sou o Ruben, queria te pedir desculpas! Me perdoe! Essa disciplina é para a tese da [...] e tivemos que adiar o início pois seria difícil para ela essa data. Me perdoe! Que falha!

Eu: Fica de boa. Está tranquilo! Eu já vinha mesmo na UERJ para resolver outras coisas e aproveitei para deixar para resolver nesse dia que era o primeiro dia de aula.

Ele: Mas você vai voltar sexta-feira que vem?

Eu: Vou. Com certeza!

Confesso que não entendi nada, mas achei de uma generosidade enorme. Ele estava muito constrangido enquanto falava comigo ao telefone. Eu não sabia quem ele era.

Na outra sexta-feira, novamente retorno ao Instituto para o início, de fato, da disciplina. Dessa vez eu já sabia chegar até a secretaria e fui subindo por aquelas rampas, até que rapidamente cheguei ao sétimo andar. Chegando ao Instituto, a porta blindada foi aberta para que eu entrasse. Após a porta tinha um balcão que era uma espécie de recepção e lá tinha um senhor. Estava em pé, na frente do balcão, apoiado, e ao me ver fez questão de ir até a porta e abrir para que eu pudesse entrar. Não o conhecia.

- Seja bem-vinda!

Ele tinha um acolhimento no sorriso e no olhar. Achei gentil.

-Obrigada! Vim fazer uma disciplina como aluna ouvinte.

-Vamos lá na secretaria.

Secretária: Ah, é com ele a disciplina.

- Muito prazer! Eu sou Ruben.

E então fomos para a sala de aula, ou melhor, para a sala dele que era nossa sala de encontro. A mesa redonda era um convite para o café com bolo.

Esse é um relato real de um passarinho que me cantou sobre seu pouso no IMS. Foi no corredor o primeiro encontro com Ruben.

Era um cara do corredor. Um traço marcante do Ruben, uma pessoa presente, muito presente no cotidiano da instituição e enquanto muita gente ficava nas suas salas, o Ruben estava sempre aqui no corredor. Você cruzava com ele e poderia não ter nenhuma agenda marcada, mas ele estava ali e você tomava um café, bebia uma água, conversava e os assuntos dele vinham, assuntos seus, independente de ter alguma coisa agendada. (Papagaio, 2023)

Quando falou que a gente ia voltar pro IMS, a gente falou, agora a gente vai viver mesmo a realidade de não encontrar mais o Ruben no corredor. Ele era o primeiro a estar por aqui de manhã e ele ficou muito nesse circuito, café / balcão (Bem-te-vi, 2023).

Falo sobre os corredores como lugar de passagem e acolhida, de encontros e desencontros, de descobertas e reconhecimentos, de planejamentos e acasos.

Para quem não conhece o IMS, este é localizado no sexto e sétimo andar, dos prédios D e E, na UERJ, campus Maracanã. Seus corredores interligam salas, paredes e varandas. Tenho a impressão que seu maior espaço é o coletivo, os corredores. Faz sentido a vida acontecer por ali. No corredor é onde as pessoas estão sendo elas mesmas, ora conversando, ora tomando um café, ora fumando, e até fugindo de alguma reunião/aula. Se tivesse uma expressão que representasse o corredor talvez pudesse ser: “Ufa”.

Suas pautas na maioria das vezes competem ao acaso, ao despropósito, ao freiar, ao “*stop*”, a não ser pelas andanças rápidas que não se permitem viver o “ufa”, pessoas que passam na correriam e não conseguem ou não se permitem um descolar da necessidade.

Bom, já frequentei muito esses corredores e posso dizer que esse lugar desbanca gente, revela, por mais difícil que seja a pessoa que ali esteja, em algum momento, o corredor a convida a “ser ai” e viver um “ufa”. Difícil resistir.

Ruben era a pessoa do corredor, se permitia olhar curiosamente para quem chegava, se mobilizava em apresentar, em guiar. Cuidava de quem ali entrava, especialmente quem estava perdida (e/o). O circuito café-balcão é uma linha reta, na entrada do Instituto. Ruben estava sempre por ali, acolhendo, recepcionando, tomando café e conversando com pessoas, fossem discentes, docentes ou visitantes. Os corredores do IMS continuam sendo ponto de encontro e reencontro.

A primeira vez que retornei ao IMS após a pandemia, foi em 2022, foi um vazio sem tamanho, o blindex, porta de vidro do Instituto, parecia não querer abrir, como se um pedaço da vida tivesse esvaziado. Abri, entrei e me preenchi de saudade, muita saudade. Passei em frente da salinha, sozinha, e fiquei vazia, mas passou e outras pessoas foram chegando, li mural, tomei café, sentei, olhei e pensei que o corredor é vida que pulsa, impressa, como uma revista. É átrio e ventrículo, e é preenchido de histórias e presenças. É coração.

A conversa no IMS era nos corredores. Era você encontrar as pessoas, encontrar no café, encontrar no corredor, conversar sobre tudo que acontecia. Então pra mim IMS é conversa de corredor (Canário, 2023)

Ruben me fez olhar o corredor como lugar que pulsa, em movimento, que convida a histórias de vida, a papo aberto, coletivo, a sorrisos, a compartilhar. É o filtro para entrada e saída de reuniões tensas, aulas, cansativas ou não, mas intensas.

Os corredores do IMS é onde está a história das pessoas que ali circularam e das que seguem circulando. Devíamos estar mais nos corredores e menos protegidos pelas paredes das salas.

#### 2.2.3.3 Metralhados de conhecimentos

O professor que prendia por horas nossa atenção. Nos conectava com suas idas e vindas, devaneios, arremates e provocações. Em aula: falava, falava, falava...

O que eu sempre penso quando eu penso no Ruben é a capacidade de diálogo. Eu acho que eu nunca vi assim, é uma capacidade de falar por horas e não ser insuportável e nem transformar tudo sobre ele. Nunca foi tudo sobre ele, embora só ele falasse muitas vezes (Arara, 2023).

Me recordo de alguns momentos em aula, tanto presencial, no mestrado, como on-line, no doutorado, onde Ruben era incansável em sua construção de narrativas. A sala de aula era espaço de tessitura, articulava experiências, práticas e autores. Vale destacar que algo que sempre me marcou, foram os exemplos a partir do primeiro nome das pessoas, muitas das vezes referente não somente a autores consagrados, mas a pessoas que passaram ou estavam por ali naquele espaço. Nomes podem apontar caminhos e trajetórias.

A gente saía das aulas e ia tomar uma cerveja. Não tinha intervalo, são quatro horas, se as pessoas não gritassem. Já sabe, precisamos então relaxar, viu. E ele dava. Ele estava falando, estava ótimo, quem cansava era a galera. Eu só ouvia. Eu

particularmente adorava, por mim eu ia também sem parar, mas era uma dificuldade de conseguir processar tanta coisa de uma vez e aí a saiu essa história, porque a gente se sentia **metralhados** e aí o metralhado era por conta dessa metralhadora de conhecimentos, conteúdo para assimilar (Cavalcanti, 2023, informação verbal)<sup>30</sup>

A maneira do professor Ruben de conduzir nos faz viajar na história, correlaciona fatos, datas e momentos (Curió, 2023)

A gente adorava quando ele participava da seleção de alguma coisa, porque era isso, a gente entendia o processo pela visão deles, não só da parte burocrática, porque ele adorava explicar, aí ficava [...] explicando, tudo que a gente tinha que trabalhar com ele de burocrático era mais fácil, porque ele era muito generoso. Com ele a gente entendia porque que era daquela forma (Bem-te-vi, 2023).

Um didatismo que se expressava em sala de aula, falando por horas, mas conduzindo nossa atenção de forma cuidadosa, por vezes cansativa, mas generosa. Ser professor era uma atuação política. Explicar, conduzir a reflexão, produzir críticas e fazer pensar não era só no espaço da sala de aula, mas atuação pelos caminhos do Instituto.

#### 2.2.3.4 Fala que eu te escuto

Era uma unidade hospitalar o local do meu trabalho. Entro direto para o ambulatório. Agenda programada e bem cheia era o que me esperava por ali. Tomei meu café e fui ao trabalho.

Chamo um senhor que teria sua primeira consulta comigo. Ele entra no consultório, senta e começa a me contar sobre o quanto sua vida tinha mudado nos últimos dois anos, quando ele teve um ataque cardíaco.

Aquele episódio foi o necessário para reordenar sua vida para bem e para mal. Reviu alimentação, mas também evitava caminhadas e tinha lá uma série de restrições que impactavam sua rotina e que geravam claramente algum sofrimento nele, o que o levou a consulta comigo naquele dia e ainda tinha uma queixa de azia.

Fui conversando e rapidamente entendi como conduzir, mas estava um tanto curioso pelo ataque cardíaco que tanto mudou sua vida. Fui perguntando o que ele usava e como tinha sido o ataque cardíaco, buscando entender melhor uma coisa tão importante na vida dele.

---

<sup>30</sup> Felipe Cavalcanti. Disciplina "Ruben Mattos: Seus Caminhos pela Saúde Coletiva", Rio de Janeiro, no dia 20/06/2023

E então começa a me contar e fui ficando cada vez mais curioso.

- Você sentiu dor? E a resposta foi negativa

- Alguma outra coisa? E a resposta foi negativa

- Como o senhor soube que era um ataque cardíaco?

E então me conta que foi ao pronto socorro e que lá fizeram um eletrocardiograma.

Foi atendido e em seguida liberado para ir embora.

- Não foi internado? Perguntei e logo tive como resposta que não

Pensei: Até tem casos de infarto sem dor, porém ir para casa depois do eletro é no mínimo esquisito. Resolvo perguntar se ele ainda tinha esse eletro e para minha surpresa, ele não só tinha, como estava em sua bolsa, ali com ele.

Abriu sua bolsa e pegou um papel bem amarelado e me entregou.

Fiz a leitura do eletro e vejo que o ataque cardíaco nunca existiu. Então percebo que aquele eletro apresentava um ritmo cardíaco que estava normal, o que ele tinha era um momento de taquicardia. Inclusive vi escrito “Taquicardia sinusal” no laudo amarelado atrás do exame.

Me dou conta que o colega que o atendeu disse “taquicardia” e para o senhor o registro do que estava acontecendo com ele foi: “ataque cardíaco”.

Sua vida mudou em função desse fantasma que nunca existiu.

Pausa para sua reflexão!

Se precisar volte a história e imagine

Que tal um café?

Gostaria de poder expressar verbalmente o que essa história provocou em mim ao ouvi-la pela primeira vez, mas por aqui conversamos em linguagem de palavras então vou me esforçar para conseguir refletir o que talvez seja muito do campo do sentir.

A mim parece uma história que qualquer um de nós, trabalhadores de saúde, poderíamos viver. Estou errada? Me assustei com a sutileza e ao mesmo tempo a intensidade e responsabilidade. Tanta coisa envolvida que a mim me fez pensar sobre formas de comunicação; a importância e o direcionamento das palavras, bem como sua interpretação; processos de trabalho; acolhidas; a relação dicotômica do “outro e nós” que permanece em contínua disputa em tantos ambientes com relações de poder em jogo; me fez refletir ainda sobre práticas de cuidado em saúde e suas repercussões para quem cuida e quem é cuidado.

Apontei algumas inquietações que me foram surgindo a partir da escuta, no seu caso a partir da leitura, mas talvez se me dedicasse a mais alguns parágrafos sairiam outras tantas questões. Talvez você ao ler essa história, que é real, tenha sido lançada (e/o) a algum lugar de reflexão que não fui capaz e talvez não seja capaz de explorar nessas linhas, isso porque nossas leituras e olhares nos levam a percepções a partir daquilo que aprendemos, vivemos e sonhamos. Somos afetadas (es/os) de diversas formas pelos textos que lemos e isso reflete tanto de quem escreve, como de quem lê. (Ruben, 2008b, não publicado)

Minha sugestão de pausar e olhar é para sentir o que essa cena pode provocar, e para onde pode nos levar, se colocar no lugar, reinventar e encenar essa história por caminhos que sua mente te levar. Como aprendi com Jurema Werneck <sup>31</sup>, olhar com olhos de ver, para além dos formatos e cores, mas encarnar a história, só assim faz sentido. Não é uma história do outro, pode ser nossa e assim pode ser lançada às mexidas possíveis para cada um.

Garrafas ao mar como Ruben nos provocava a pensar sobre nossas escritas e sobre nossas leituras de escritos de outros. Afinal, quem lerá as mensagens lançadas na garrafa? E quem disse que controlamos as leituras? (Ruben, 2008b, não publicado).

As reflexões suscitadas para mim do caso acima foram um exercício de raciocínio que te convido logo em seguida a fazer também. Escolho aqui refletir sobre a importância de nossa comunicação, sobre entender e ser entendido e sobre nossas ações no contexto de trabalho, isso tudo para falar sobre cuidado.

Por vezes tomamos atitudes imbuídas pela rotinização do contexto diário da vida social que invisibilizam os efeitos de nossas ações. Nem sempre sabemos, percebemos, o que de fato acontece quando quase sempre entendemos que estamos por fazer o que devemos. Ao naturalizarmos o que nos é rotina, precisamos de uma lente maior para enxergar além do que é óbvio no nosso dia a dia.

Falar não é garantia de ser escutado, já pensaram sobre isso? Taquicardia não é ataque cardíaco. Fale rápido, perceba que sonoramente podemos confundir. Olhem que responsabilidade não ser entendido nesta cena. Muda e redefine a vida de alguém.

O quanto estamos dispostos, podemos e topamos nos envolver com as cenas postas no nosso dia-a-dia? Desnaturalizar nossa forma de falar, cuidar, de olhar e escutar, mexe antes de tudo conosco. E aqui não estou falando somente do falar para dar uma informação correta, é também isso, mas é se permitir se revirar a partir do outro, sentir.

---

<sup>31</sup> Aula na disciplina Saber Samba - no link: [https://www.youtube.com/watch?v=KbJMkA\\_OMFE](https://www.youtube.com/watch?v=KbJMkA_OMFE)

Nossas ações de práticas de cuidado podem ter efeitos e estas podem ser cruéis, hediondas, que gerem tutela, mas também podem ser solidárias, justas e respeitosas. (Mattos, 2008a)

Quem sabe poderemos provocar sentirsonhar com revoluções diárias que façam sentido para todos os envolvidos em uma prática de cuidado?

Cabe-nos pensar alternativas a essa medicalização colonizadora. Penso que isso pode ser feito pelo esforço sistemático na formação e no cotidiano do trabalho, pela reflexão sobre as possíveis conseqüências impremeditadas das falas normativas que fazemos. Isso envolve o exercício cotidiano da reflexão crítica de nossas práticas, no esforço de reconhecer em nossas palavras a potência colonizadora sobre o outro. Isso implica abrir mão da idéia de que conhecemos a melhor forma de conduta para as pessoas, para que possamos compartilhar, mais do que impor, nosso conhecimento, e possamos entrar em contato com o conhecimento do outro, de modo a substituir nosso ímpeto normativo pelo esforço de diálogo. Trata se aqui de buscar o que José Ricardo de Carvalho Ayres (2001) chama de fusão de horizontes. (Mattos, 2008a, p. 332-333)

**Coração de Estudante**

Quero falar de uma coisa  
Adivinha onde ela anda  
Deve estar dentro do peito  
Ou caminha pelo ar

Pode estar aqui do lado  
Bem mais perto que pensamos  
A folha da juventude  
É o nome certo desse amor

Já podaram seus momentos  
Desviaram seu destino  
Seu sorriso de menino  
Quantas vezes se escondeu

Mas renova-se a esperança  
Nova aurora a cada dia  
E há que se cuidar do broto  
Pra que a vida nos dê flor  
Flor e fruto

Coração de estudante  
Há que se cuidar da vida  
Há que se cuidar do mundo  
Tomar conta da amizade

Alegria e muito sonho  
Espalhados no caminho  
Verdes, planta e sentimento  
Folhas, coração, juventude e fé

*Milton Nascimento*

### 3 TRAJETÓRIAS

#### 3.1 Quilombo Amefricano

O nome do grupo foi criado juntando dois importantes conceitos, o primeiro de Quilombo, que Beatriz Nascimento reflete enquanto espaço que inaugura um novo núcleo organizado socialmente, como tentativa de independência de pessoas que procuravam por estabelecer uma vida para si, diante da sociedade opressora e escravista. (Reis, 2019).

E o conceito Amefricano que Lélia Gonzalez criou como narrativa para repensar o território América, como um território cheio de ancestralidade, composto tanto por pessoas trazidas do continente Africano, em diáspora, como também de todos que nessa terra já habitavam e com isso uma desconstrução do imperialismo do Estados Unidos como única América. Lélia nos ensina a pensarmos que somos América e África. Que somos Amefricanas(os) e vivemos na América Ladina (González, 1988).

Bom, não tenho a intenção de ampliar a discussão sobre o nome do grupo, mas pretendia, em uma breve contextualização, apresentar os conceitos que compõem este nome. Quero também apresentar o Quilombo Amefricano como um espaço protegido, de acolhida, rede de afetos que nos fortalece em coletivo a seguirmos em construção de pesquisas que vão surgindo em distintos formatos e com escritas diversas, resistindo e provocando de certa forma a dureza que a Academia por muitas vezes nos enquadra.

Nos aquilombando fraternamente vamos nos apoiando e discutindo nossas trajetórias e melhores maneiras de mudarmos nossa realidade social partindo de onde nossos pés ocupam. Somos pessoas de diferentes raças, gêneros e gerações.

No Quilombo Amefricano tenho experienciado a alegria de estar junta com pessoas que repensam seus lugares no mundo, pessoas inquietas. Isso! Pessoas que querem um mundo melhor e talvez por isso estamos juntas (es/os), trazendo nossas inquietações. O nome do grupo foi criado carinhosamente por André, meu orientador, ou (des) orientador, e reúne seus atuais e alguns ex-orientandas (es/os) e amigas (ues/os).

Temos o hábito de nos encontrar para conversar sobre os projetos ou ideias que estão circulando entre nós e sempre propomos uma pré-banca<sup>32</sup> quando estamos perto de

---

<sup>32</sup> Reunião do grupo para debater o projeto que está em pauta.

qualificações e defesas de mestrado e doutorado. Vale dizer, que quando para alguém não é possível estar presente tentamos garantir um encontro também por sala virtual.

Minha pré-banca do projeto de qualificação foi uma real preparação e desprendimento. Me apresentei, fui escutada e conversamos sobre a importância do que eu trazia e o quanto me ampliava a partir daquela escrita. Entre dicas e sugestões, ganhei massagem com óleo essencial, um tanto de abraços e escritos afetuosos sobre o que o meu projeto provocou. Foi uma conversa regada com um belo banquete e vinho, cada um levou um pouquinho e André nos brindou com alguns quitutes. É importante dizer que fomos todas (es/os) recebidas (es/os) na casa do André e espalhadas (es/os) pela sala fizemos a nossa conversa.

Nosso encontro foi um dia a noite, presencial e virtual, cheio de gente querida. Ao final, estava preenchida de amorosidade e de muito afeto, parecia que não cabia mais em mim o temor. Estava forte!

Figura 3: Quilombo Amefricano. Pré - Banca de Qualificação, Projeto de Doutorado



**Fonte:** arquivo pessoal da autora

Após alguns dias...

### 3.2 Um encontro, uma mesa e convites

Naquela semana estava exausta, ansiosa e muitíssimo esperançosa com o que se seguiria. Era um turbilhão que se achegava entre a certeza do que eu tinha que fazer e a possibilidade dessa certeza não fazer o menor sentido para mais ninguém além de mim. Talvez eu não saiba explicar ou sequer tenham palavras que expressem esse sentimento antagônico e muito tensionador.

O que eu sabia era que eu tinha que ir lá e falar o que era tão claro e tinha todo o sentido pra mim. Não estava sozinha e não estava mesmo. Como já disse, pessoas queridas me deram as mãos e me prepararam para aquele dia com muito aconchego. Faltavam três dias para o encontro de qualificação do projeto e em meio a tensão, me dou conta do presente que tinha acontecido.

Estava em uma esquina de uma rua, possivelmente uma encruzilhada, desse lado de cá olhava para o lado de lá, tinha a vista de um prédio de esquina bem alto. Era dia e fazia sol, eu não o enxergava, mas sentia seus raios e sua claridade que abrilhantava a minha cena. Meu olhar se fixou no alto do prédio e aos poucos fui escorregando e enxergando mais, até que meus olhos chegaram ao nível da calçada e percebo um homem do outro lado da rua, na mesma direção que eu. Ele me olhava, estava sorrindo e tinha bochechas bem rosadas, estava com a cabeça tombada levemente para a direita, usava calça em tom claro e uma blusa cor de goiaba, em tom vibrante, quanto aos sapatos não sei dizer, não me chamaram atenção. Ele insistia no sorriso e em me olhar, e eu alegre e plena, agradei e sorri de volta balançando minha cabeça em sinal de assentimento. Não era de atravessar a rua, talvez não pudesse, mas essa cena – foto - sonho me preencheu. Era Ruben Mattos. E então acordei.

*Bianca Moraes*

Fui tomada pelo acarinamento que essa semana me preencheu. Esse presente me trouxe paz. Confesso que estive sempre ali mexida com o confronto entre a certeza e a angústia de como seria, mas estava feliz e segura pelos rumos que estava seguindo e não por coincidência, mas como dizia Nego Bispo, por confluências, eu estava caminhando naquela temática e para aquele dia. Ia dar certo!

Era 21 de setembro de 2022, *dia da árvore*<sup>33</sup> cheguei cedo ao IMS, tensa e feliz. Era verdadeiramente uma confusão de sentimentos. Logo, recebi um super abraço, daqueles que entrelaçam almas, seguido por um agradecimento por aquela escrita. Naquele momento, foi

---

<sup>33</sup> Não foi proposital o agendamento da qualificação no dia da árvore. Foi confluência!

como se um peso saísse dos ombros, respirei aliviada e depois seguimos para a mesa de conversa.

Como rito formal a ser seguido, etapa a ser superada, a qualificação é o momento de apresentação das ideias de uma forma mais detalhada em um projeto para uma banca de professores, que aceitaram ao convite de ler e avaliar o texto. Nós conversamos sentadas (os) à mesa em uma sala do IMS, lá no sexto andar. Lá recebi incentivos, presentes, orientações e deu certo. Minha banca de qualificação me provocou excelentes reflexões e aprovou o projeto.

Entre recomendações, orientações, fui acolhida, ouvida e percebi que minha escrita emocionava, que aquela leitura trouxe bons sentimentos e reflexões para aquelas pessoas que estavam comigo. E pensei: É Isso! Vou seguir no ritmo que eu conseguir, mas com muita resiliência e com ouvidos abertos aos convites que já surgiram e que seguirão aparecendo.

Giros são importantes e nos proporcionam ressignificar sentidos. Olha Bispo aqui denovo, com a circularidade (Bispo, 2023). A qualificação do meu projeto de doutorado me ajudou a direcionar o meu olhar e sou grata a cada um que esteve comigo na preparação e neste dia.

Como etapa que foi vivida, meu projeto foi construído ainda sem muitas clarezas de como me enxergava nessa pesquisa, muito comum em projetos, certo? Foi um processo. Não chegaria nessa etapa de escrita se não tivesse vivenciado a escrita de projetar minhas inquietudes que me afetavam. Chamei meu projeto “Da urgência da alma ao seguir a Vida: Sobre o ato de Conversar com Ruben Mattos e suas Marcas em nós e na saúde coletiva”, deixo, em anexo, um fragmento deste texto, Carta ao filósofo Poeta da Sala de Aula, para quem se interessar em passar o olho.

Deixo aqui uma foto tirada por mim sentada em um jardim no entardecer do verão baiano. Sinto que a árvore e o mar me pedem uma foto. Está aí, uma árvore bem ousada que se protege no sombreio de outras árvores e em seu potencial de árvore lança seus galhos bem esticados a se folhear. Vejam se não parece querer chegar a um lugar mais alto. Ousadia de árvore. Talvez a foto não represente esse meu sentimento no dia de conversa com a árvore, não sou boa fotógrafa, mas deixo a foto lançar a cada uma (e/um) percepções.

Figura 4: Vista de uma árvore com o mar ao fundo em Cumuruxatiba/BA, no ano de 2024.



**Fonte:** arquivo pessoal da autora

### 3.3 Ausência, elaboração da ausência e seguir...

Elaborar a ausência de Ruben tem sido um cotidiano desde que ele partiu, especialmente desde o momento que preciso escrever sobre uma história a partir de nós, a partir de mim. Viver e elaborar a ausência tenho aprendido que é processo.

Meu giro de tema me levou a um recomeço já no meio do meu período do doutorado e estou recomeçando a cada dia, em cada palavra escrita desde 2022.

Seria inevitável esse *looping*? Em Circularidade somos mais ampliadas (es/os) – Vivo, elaboro e sigo a cada dia e isso não é fácil não, tem um tanto de sentimentos, certezas, medos entremeados que alavancam e paralisam na mesma intensidade.

Após a qualificação, bem rapidinho, enviei meu projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e com muita agilidade também foi aprovado. Não passou de 2 meses. Quem já viveu a saga de CEP sabe que não é fácil, e eu vivi no mestrado, mas dessa vez foi leve. Preciso deixar

registrado aqui, meu agradecimento muito especial a Juliana, secretária do CEP do IMS, que me apoiou com muita responsabilidade, presteza e cuidado nas correções que precisava fazer. Terminei 2022 com projeto qualificado e aprovado no CEP.

### 3.4 Sobre poetas e poesias

Benjamin Barreto e Angelina Silva estão em revelação neste texto. Nossas expressões de um “eu” para simplesmente trazer pra fora, se revelar. Benjamin é ele, Angelina sou eu. Ruben em alguns momentos nos brindava com poesias de Benjamin Barreto e hoje olhando para essas ofertas percebo a provocação para uma nova linguagem de diálogo. Nunca falamos sobre isso, mas era ato. Ruben era poeta da vida, por letras e frases de Benjamin.

A poesia inspira e ajuda a ampliar meu olhar para amenidades, para o comum, para aquilo que não chamaria atenção. Manuel de Barros e Conceição Evaristo são inspirações. É um exercício de destravamento, de perceber potencialidades e também de entrega. Me ajuda a dispersar e a buscar sentidos

Do fogo que arde em mim

Sim, eu trago o fogo,  
o outro,  
aquele que me faz,  
e que molda a dura pena  
de minha escrita.  
é este o fogo,  
o meu, o que me arde  
e cunha a minha face  
na letra desenho  
do auto-retrato meu.

Conceição Evaristo

### 3.5 Sobre as Apostas...

#### 3.5.1 A ousadia de lançar uma disciplina eletiva no IMS

No primeiro semestre letivo de 2023, junto com André e Tatiana, propomos uma disciplina no IMS chamada: “Ruben Mattos: Seus caminhos pela saúde coletiva”, que aconteceu de forma presencial, todas as terças-feiras pela manhã. Alguns encontros também aconteceram no formato híbrido. Deixo a ementa da disciplina nos anexos para quem quiser dar uma olhada, tem propostas de leituras bem bacanas.

Fui intitulada como docente da disciplina também, mas confesso aqui nesse texto, que nunca me senti nesse lugar. Me sentia como aquela aluna que chega em um espaço e quer aproveitar tudo, tudo, que está acontecendo. Como a primeira vez em um congresso, estando ainda na graduação; ou no primeiro dia de aula após aprovação no vestibular, agora ENEM; ou na primeira organização de um seminário; ou ainda na participação no primeiro curso de formação, do primeiro emprego. Você se achou em alguns desses sentimentos? Pois é, era uma energia e um sentimento de conexão que me mobilizava como uma descobridora. Eu era verdadeiramente uma aluna a descobrir tudo no seu primeiro dia de aula. Mas foi um tanto generoso esse convite.

Foram oito encontros que organizamos com textos, músicas, poesias e alguns convidados. A disciplina aconteceu de março a julho de 2023. Nomeamos cada encontro e fizemos *cards* de divulgação, que vou deixar também nos anexos.

Em cada encontro tínhamos alguns lanchinhos, contando sempre com o famoso “bolo de pão de queijo” que André levava a cada encontro. Ele nos viciou nessa iguaria de um jeito, que agora em cada encontro nosso sempre penso: Será que teremos o bolinho?

Nosso primeiro encontro chamamos de “Garrafas ao Mar - Encontros de ex- orientades”. Para esse encontro fizemos a proposta de dois textos<sup>34</sup>, mas foi mais do que textos, foi muita afetação. Tivemos desde a primeira orientanda de Ruben no doutorado, até nós, algumas das

---

<sup>34</sup> As referências foram: Um pequeno box de

um capítulo de livro de Ruben, disponível em: <http://historico.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/serie-interlocucoes-praticas-experiencias-e-pesquisas-em-saude/caminhos-para-analise-das-politicas-de-saude-pdf> – Páginas: 74 a 77; E o texto “ Sobre o ato de escrever”, um texto de Ruben nunca publicado, mas amplamente divulgado entre pessoas queridas.

últimas ex-orientandas. Cada uma foi falando sobre sua experiência com Ruben e suas lembranças. Foi uma manhã lindíssima e tomada por emoções.

O segundo encontro foi “Quebrando o Paradigma de Paradigmas”, convidamos dois professores do IMS, porém não puderam estar. Fizemos uma conversa entre nós, mais uma vez não pautadas (es/os) somente nos textos<sup>35</sup>, mas nas vivências e experiências. Esse dia falamos sobre ciência, construção do conhecimento a partir da nossa realidade, sendo quem somos. Vale dizer que, em outro momento, fizemos uma conversa convidando os dois professores, para uma mesa de debates no Semnário dos Estudantes do IMS.

“Planejamento Autorreferencial e Solidário” foi o tema do terceiro encontro que contou com a participação da Professora Carmen Teixeira, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Carmen trabalhou em alguns momentos próxima de Ruben nesse debate sobre o planejamento e a convidamos para essa conversa. Para esse dia também escolhemos um texto para diálogo<sup>36</sup>.

O quarto encontro foi chamado de “Revisitando os Sentidos de Integralidade”, nesse encontro convidamos a professora Roseni Pinheiro, do IMS; o professor Aluísio Gomes, da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Ricardo Teixeira, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Os três professores foram escolhidos pelos diálogos e trajetórias com Ruben no tema da Integralidade. Para esse dia escolhemos um texto<sup>37</sup> que é o texto mais visitado e citado de Ruben Mattos, que marca esse debate. É um texto de 2001, um texto de abertura à produção do LAPPIS, que inclusive compôs o primeiro livro do grupo.

“Por uma formação mais bela e feliz” foi o tema do nosso quinto encontro e contamos com a presença do professor Eduardo Melo, da UFF, que também foi ex-orientando de Ruben. Para esse encontro sugerimos como proposta um texto de Ruben<sup>38</sup>, que ele costumava dizer que era o que ele mais gostava, apesar de não ser o mais conhecido.

---

<sup>35</sup> As referências foram: Ciência, Metodologia e Trabalho Científico (ou tentando escapar dos horrores metodológicos). Disponível em: <http://historico.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/serie-interlocucoes-praticas-experiencias-e-pesquisas-em-saude/caminhos-para-analise-das-politicas-de-saude-pdf> – Páginas: 29 a 81; e Paradigmas, Ciência e Saber Médico: Uma discussão. Disponível em: <https://www.ims.uerj.br/wp-content/uploads/2017/05/SESC-031.pdf>

<sup>36</sup> A referência foi: “Ciência, Metodologia e Pesquisa Científica: anotações segundo a perspectiva construcionista”, do Livro: “Políticas, planejamento e Gestão em Saúde. Abordagens e métodos de pesquisa. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/8dt4/11>

<sup>37</sup> A referência foi: “Os Sentidos da Integralidade: algumas reflexões acerca de valores que merecem ser defendidos”. Disponível em: <https://www.cepesc.org.br/wp-content/uploads/2013/08/Livro-completo.pdf>

<sup>38</sup> AO texto proposto foi: “Integralidade, Trabalho, Saúde e Formação Profissional: algumas reflexões críticas feitas com base na defesa de alguns valores”, disponível em: <https://books.scielo.org/id/v4fx5/pdf/matta-9788575415054-10.pdf>

Fizemos o sexto encontro com as ex-orientandas nutricionistas. Foi lindo também esse dia e chamamos de “Cuidar do Cuidado Nutricional!”. Sugerimos um texto de Ruben sobre a jornada com as nutricionistas<sup>39</sup>.

O sétimo encontro chamamos de “Descolonizando saberes e práticas” e tivemos como convidado o ex-orientando Felipe Cavalcante. Felipe foi um importante articulador da criação do Grupo Caminhos para Análise de Políticas. Como proposta sugerimos um texto de Ruben<sup>40</sup> que faz evocação a uma expressão utilizada por Boaventura de Souza Santos que é: “Conhecimento prudente para uma vida decente”.

Por fim, fechamos a disciplina com chave de ouro. Fizemos uma Saraula que foi organizada e guiada por André de forma cuidadosa e Milton Nascimento deu o tom.

A disciplina ao longo dos seus encontros contou com alunos de pós graduação, pessoas que conviveram ou não com Ruben, professores. Quero ressaltar aqui a presença da filha de Ruben, Laís Mattos, em boa parte dos nossos encontros e de sua mãe, Regina, no encontro sobre Integralidade. Foi generosa essa aproximação, ouvimos e contamos histórias de afeto.

### 3.5.2 Me conte sobre Ruben Mattos

Fomos buscando, tateando, caminhos para fazer ecoar essa pesquisa, até que resolvemos criar um formulário no google, um Forms, online, com o título “Me conte sobre Ruben Mattos”. Lançamos em nossos grupos de WhatsApp e pedimos divulgação. Inicialmente divulgamos em grupos de pessoas que conviveram com a nossa proposta.

A mobilização em fazer o Forms foi para ressoar, ter mais e mais vozes que pudessem falar e contar suas experiências e vivências com Ruben, porém sabíamos que em um formulário de perguntas abertas e mobilizadoras havia uma probabilidade de baixa adesão, menos pelo não interesse e mais pelo envolvimento e resgate que poderia ser necessário a escrita e por vezes até a indisponibilidade/impossibilidade emocional de cada pessoa em renarrar histórias. Sabemos que mexe e mobiliza afetos apaziguados, lembranças, saudades. Não é fácil!

---

<sup>39</sup> Referência foi o texto: As políticas nacionais de alimentação e nutrição e as trajetórias institucionais dos direitos à saúde e à alimentação. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/WFyrdB3DNLTwLhBj9TkVQVr/#>

<sup>40</sup> Referência foi o texto: Cuidado Prudente Para Uma Vida Decente. Disponível em: <https://lappis.org.br/site/wp-content/uploads/2017/12/livro-do-cuidado-3A-EDICAO.pdf>.

O Formulário foi divulgado no final de julho de 2023. Fazíamos uma apresentação da proposta, uma breve apresentação de Ruben Mattos e convidava as pessoas a fazerem seus relatos a partir de duas questões mobilizadoras, foram elas:

- 1) Me conte sobre Ruben Mattos (Se quiser me mande por email);
- 2) O que você gostaria de dizer para Ruben Mattos? (Se quiser me mande por email)

Sete pessoas preencheram o forms entre o final de julho e início de setembro de 2023. Recebemos ainda dois relatos mais ampliados por email.

### 3.5.3 Conversas

Após a aprovação do projeto no CEP, sob o parecer nº 5.793.875, iniciei conversas com pessoas que fui identificando serem interessantes para trazer elementos para a pesquisa.

Em um primeiro momento, em dezembro de 2022, fiz um encontro que chamei de “Piloto”, onde reunimos as últimas ex-orientandas de Ruben para conversar, contar histórias, celebrar, para tentar entender como seria essa conversa com as demais pessoas. Éramos cinco ex-orientandas, porém nesse dia só foi possível a presença de quatro. Foi um encontro no turno da noite, em casa. Foi bem pertinho do Natal. Comemos, bebemos, celebramos o ano, relembramos histórias, contamos desejos para o futuro e falamos da vida. Foi uma noite daquelas que conforta e alegra a alma. E ainda saí cheia de livros para me apoiar em leituras, com a promessa de devolver tudo intacto.

O encontro foi ótimo, mas foi uma boba ilusão em achar que seria possível prever sentimentos e conduções em uma entrevista, ainda mais sem uso diretamente de um formulário estruturado para coleta de informações. Percebi logo na conversa seguinte que isso não era possível, desta forma, elegemos o encontro “Piloto” como parte também do acervo de entrevistas que compõem essa tese.

Iniciando 2023 comecei a fazer as entrevistas. Queria conversar e ouvir livremente o que vinha de lembranças e como ecoava em nosso encontro. Assim fui fazendo. Para esse processo nos inspiramos no que Leandro aponta como caminho para suas entrevistas em sua tese de doutorado, quando disse “aposto na dispersão, não tenho questões predefinidas” (Gonçalves, 2018, p. 120).

Lá no projeto enviado ao CEP propusemos os seguintes grupamentos de pessoas para conversas: Ex-orientandas (es/os), Ex-alunas (es/os); Político Institucional<sup>41</sup>, Obra e vida<sup>42</sup>, Amigos e companheiros de trabalho.

Tínhamos a previsão de seis entrevistas por bloco, em rede de afeto, um indicando o outro. Bom, posso e devo confessar aqui que nossas pretensões foram um desastre. Percebi rapidamente que as pessoas que identificava em um grupo, por vezes, se inseriam em outro grupo também e até em mais de dois grupos. Deixei de lado a ideia de categorias, e aí posso me amparar no relato de Felipe (2023), na disciplina, que nos disse o seguinte: “não li nenhum texto do Ruben categorizando, nem de longe, nem de perto”. Só para contextualizar, o debate era sobre a inspiração que Ruben teve em Boaventura Santos na sua trajetória acadêmica, e que este último autor reforçava o uso constante de categorização, fortalecendo de certa forma a lógica mais tradicional da ciência.

Para as conversas escolhemos as pessoas pelos seguintes critérios: Pessoas que tiveram contato com Ruben e que foi possível o nosso encontro, presencial ou virtual. Fui conversando e sentindo o que mais precisava saber, sempre perguntava se tinha alguma outra indicação de pessoa. Foram realizadas 11 conversas, mais o Piloto, que foi uma roda de conversa, e todas as demais foram ofertas de diálogo sobre lembranças e vivências com Ruben que já trouxemos acima. Nem todas as indicações foram contempladas, por uma questão de tempo e possibilidade do encontro.

Das onze conversas realizadas optamos em não categorizar em grupamentos, mas dizer que foram algumas das pessoas importantes que passaram na vida de Ruben.

Não conseguimos agendar nenhuma conversa com aluna (e/o) da graduação de medicina, da UERJ e ainda, para algumas outras tentativas de agendamento de conversa não tivemos retorno das pessoas convidadas.

Encerramos as conversas em setembro de 2023 e então chegamos a etapa de juntar tudo o que tínhamos e ir à escrita a partir dos elementos que foram aparecendo em todas as etapas da pesquisa.

E então...

---

<sup>41</sup> Aqui a ideia era conseguir juntar pessoas que pudessem falar sobre militância de Ruben Mattos dentro e fora da UERJ.

<sup>42</sup> Nesse grupo seriam as pessoas que conviveram com Ruben fora do espaço institucional;

Sobre a mente cheia e o papel vazio

Exaustão!  
 Mente em redemoinho  
 Rodopiando, circulando, ventilando e queimando  
 Mente aquecida, reduzida, mas ampliada  
 de conteúdo pra dentro  
 Precisam sair. Eis a batalha da trava  
 Libertar, deixar falar, soltar, desenraizar,  
 Explodir em palavras  
 Se desfazer em frases de expressões em um primeiro momento talvez ininteligíveis,  
 mas reveladoras

Será preciso mesmo centrar? Focar?  
 Em desfoque to mais livre.  
 Na tentativa do texto acadêmico, lanço vida  
 em poema de viver  
 Escrevendo sentidos.

Mente que fervilha,  
 Palavras que não saem  
 Sinto  
 de dentro para fora se conecte  
 Poemize meus pensamentos academicamente treinados em fazer  
 Exponha-se em revelação

Sem sentido essas linhas já que do vazio que se trata  
 Mas do vazio cheio, me entende?  
 Preciso esvaziar a mente, enchendo o papel,  
 preenchido de afeto  
 Só to sabendo assim...

Mas, por enquanto to esperando a conexão da mente com o papel  
 Sigo tentando, mas certeza que o lugar vazio encheiado já tenho.

Angelina Silva

### 3.6 Escrever sem medo

Ao sentar para escrever a Tese, me dei conta que estava no auge da dispersão, da desorganização cognitiva e afetiva: as pontas soltas, os fragmentos soltos em inúmeros arquivos... memórias, imagens me assaltando a mente como uma fotografia, um quadro. Pensei: “como serei capaz de me organizar nesta dispersão?” (Gonçalves, 2018, p. 174)

Leandro em sua tese apostou na dispersão, nas conversas com seus entrevistados, e ao propor uma autoentrevista se percebe em dispersão diante de sua escrita, revelando que a oralidade o apoiou na elaboração da narrativa. A dispersão o colocou em um lugar de olhar ampliado, porém desorganizado e com muitos focos no momento de escrever o seu texto. Bom, assim que começo minha escrita, com a mente preenchida, mas o papel....

Deixa eu contar aqui um breve relato sobre um momento que preparei para me dedicar a escrever. Uma semana inteira sem estímulos, sem vozes próximas, de férias do trabalho, sem possibilidades de desvios de foco. E olhem como foi.

### 3.6.1 Um relato sobre o cenário perfeito para a escrita

Preparando o cenário para uma semana perfeita, organizei meus dias para a escrita da tese. Férias do trabalho, crianças com avós, companheiro organizado para viagem com amigo. Vale dizer, viagem essa provocada por mim, para que eu tivesse o meu esperado momento perfeito, só eu e minhas ideias, sem possibilidade de convites interessantes, que eu facilmente cederia. Pensei que só assim seria possível conseguir escrever e entendi que precisava estar afastada de estímulos que me tirassem do foco.

Semana iniciada, sozinha, e o que tenho é trava, ansiedade por não conseguir escrever. Não saber o que ler, não saber o que ouvir, um desespero de não saber por onde caminhar. Fui a semana desse jeito, tateando o que poderia fazer e abandonava, basicamente fui sobrevivendo àqueles dias.

Lá pelo meio da semana, muito chateada, na frente do computador, sem saber o que escrever, começo a dedilhar palavras na tela, palavras desformatadas, sem nexos, mas que expressavam o meu interior, uma certa confusão e angústia pela inércia. Entre livros, áudios, vídeos, entrevistas para ouvir, entrevistas para transcrever, não sabia e não conseguia decidir o que fazer. Fui digitando sentimentos, que foram se expressando em palavras, formando frases carregadas de sentidos e afetações. Só fui. Ao terminar, me sopra aos ouvidos. “Olhe o caderno”.

Tá aí algo que ainda não tinha pensado. Abandonei todas as tentativas do que fazer anteriores e fui ao caderno. Lendo o caderno fui me encontrando com as falas da aula que já tinha ouvido, na tentativa do nexo, fui ouvindo ele falar e me remetendo aos nossos encontros de aulas, orientação. Ser de luz, reluz. A mim trouxe paz.

Aceitei que tudo bem não saber o que fazer naquele momento, ler o caderno podia ser um caminho, ou não, mas naquele momento fazia sentido, ainda assim, muitas vezes, ia às entrevistas, tentar ajeitar transcrição ou simplesmente ouvir. Aos poucos fui desistindo e conseguindo fazer escolhas. Em algum momento que já estava bem chateada, achando que de perfeito aquele momento não tinha era nada, outro soar ao ouvido: “Busque seus escritos”.

Percebi que não tinha somente palavras e frases soltas sobre minhas afetações, mas alguns pequenos textinhos sentimentados, preenchidos de sentiser. E fui me permitindo alegrar por aquela conquista, que não era exatamente o que eu esperava, mas era a minha realidade e o que foi possível. Fui grata por essa orientação cósmica, invisível e presente.

Ao final da semana, meu companheiro chega intenso e contante de sua trajetória da semana. Muitas experiências, risadas, histórias boas, divertidas. Fui ouvindo e pensando “Queria!”, mas achava que não podia. E então a partir da minha afetação diante do meu resultado nada esperado da minha semana perfeita e ouvindo sobre aquela semana perfeita dele, me vieram ideias. Me questionei sobre momentos perfeitos, ideais e sobre o que de fato era a escrita que eu estava esperando fazer.

Entendi que o cenário perfeito não existe e muito menos que é repleto de tempo livre e espaço para leituras, escritas, mas o cenário (im) perfeito é repleto de vida, alegrias e tristezas, afetações, culpas, (in) seguranças, travas e brechas de escritas. Percebi que meu caminhar acontece melhor em cenários onde a vida simplesmente acontece, obviamente que reconheço que tenho privilégios e condições básicas que me possibilitam ter essa experiência.

E então, no finzinho da minha semana, borboletas me inquietam a alma e surgem em texto, em meio ao retorno dos meninos, casa cheia, cachorro latindo, pessoas chegando e perguntando coisas, chuveiro ligado, videogame berrando, youtuber invadindo a sala pela televisão. Me entendi sendo provocada pela alegria, tristeza e loucura dos dias.

### 3.6.2 Vai dar tempo! Confia! Em breve vai sair

Ter gente ao lado que encoraja e esperança junto foi muito importante. Para alguns dos encorajamentos que tenho ouvido nessa curta trajetória, tenho dito como resposta: “Tomara!” ou “Eu sei que vai dar certo!”. Neste breve tópico preciso dizer que tem algo que me guia. Não é só escrever, referenciar, escolher método, tem algo de outra ordem nessa condução, de conexão. O tempo inteiro me senti conduzida, desafiada, amparada e acima de tudo acolhida.

Uma experiência que Ailton Krenak chama cósmica, que envolve natureza e sonhos, que envolve insights e certezas e que até parecem sopradas ao pé do ouvido. Tenho tido experiências assim com meu envolvimento com esta escrita. E tenho buscado o encontro com elementos da natureza e com aquilo que talvez nossos olhos parecem não perceber, mas outros sentidos são mexidos e conectados. Essa experiência talvez seja espiritualidade, algo que perpassa minha experiência de viver nesta terra.

Meus orientadores, André e Tatiana, têm sido produtores de cuidado com vidas, sempre com incentivo e crença no que desse giro temático poderia surgir. É fundamental ter pessoas assim no nosso caminho.

Meu texto é embasado por uma espiritualidade que me guia, como caminho. É conexão com as forças da natureza e ao mesmo tempo é ampliação do amor e coragem que me conduziu. É do visível, do invisível, é de agora, de antes e depois. É conexão com minha ancestralidade, com meu corpo e minha existência. Conexão com memórias do vivido e com tudo que estas podem provocar em nós. Nossas lembranças constroem nossa alma, por isso, esse texto é nascimento, homenagem, convite e afirmação. É entrega e devolução. É esperar!

Sob orientação cósmica

Tem muita imensidão entre nós  
Angelina nasce a partir da provocação cósmica de Benjamin  
Escrever com olhos visíveis e invisíveis

...

Os livros me convidam a leitura, me enlaçam  
Da prateleira sou laçada por uma capa, por um autor(a), por um tema  
O invisível me convoca a ver  
Vejo com olhos de ver

...

Porque me escolheu, amigo?  
Talvez pela capacidade de adaptação ao giro  
Talvez para me proporcionar o nascer puerperal de Angelina

...

Estamos em conexão, em elo.  
Me sinto convidada à leitura em energia, em pensamentos, em sonhos,  
Soa e eu escuto.

...

Em amorosidade  
Acolho e sigo, sem entender muito bem, mas sabendo que pode ser que eu alcance o sentido.

Esperançosa!

Angelina Silva

### 3.7 Aceitando o convite de Ruben Mattos: Tentando escapar dos horrores metodológicos

aplicar as metodologias científicas parece algo muito especial, quase inalcançável. E pior, quando nos debruçamos sobre a tarefa, encontramos algo muito distinto da metodologia tão idealizada: aonde esperávamos encontrar um terreno sólido, encontramos algo que mais parece areia movediça. Parece que os bois estão atrás dos carros. Ficamos inseguros e temerosos. Vivemos a síndrome do horror metodológico. (Mattos, 2015a, p. 31)

Ruben faz um exercício de escrita de um texto<sup>43</sup> que nos convida, enquanto leitores, a olharmos a ciência em outras perspectivas, para além daquela amplamente difundida como senso comum<sup>44</sup>, como uma ciência inacessível para muitos, neutra de opiniões, sem subjetividades, produtora de conhecimento únicos, universais, e reveladores de verdades.

toda a vez que nos defrontamos com a tarefa de escrever um texto acadêmico, seja uma monografia, uma dissertação, uma tese ou um artigo, mobilizamos nossas imagens sobre o que é ciência, e sobre o que é produção de conhecimento científico. (Mattos, 2015a, p. 30)

A leitura do texto de Spink e Menegon (2000)<sup>45</sup> o influencia anos depois para sua escrita e então parte no sentido de nos provocar a rever qual imagem fazemos da ciência e o quanto que esse lugar mistificado nos gera sofrimentos e angústias. Quero começar contando como Ruben chega a esse texto para então conversar sobre os convites que nos são lançados. Parto da criação do grupo de pesquisa “Caminhos para Análise das Políticas de Saúde”.

---

<sup>43</sup> MATTOS, R. A. Ciência, Metodologia e o Trabalho Científico (ou tentando escapar dos horrores metodológicos). In: Mattos, R. A.; Baptista, T. W. F. (Org.). Caminhos para análises de políticas de saúde. 1ed. Porto Alegre: Rede Unida, 2015, v. 1, p. 29-81.

<sup>44</sup> Sugiro a leitura do Box 1 do Texto citado na nota de rodapé acima. Box 1 - Sobre o sentido da expressão senso comum.

<sup>45</sup> Texto “A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos”.

### 3.7.1 Caminhos para Análise das Políticas de Saúde

“Análise de Políticas para Mudar Práticas” foi a disciplina lançada na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/ Fiocruz na parceria de Ruben Mattos, Tatiana Wargas e Gustavo Matta, em 2009. Uma disciplina que se propôs a refletir sobre Políticas a partir do cotidiano das pessoas e não somente a partir das estruturas governamentais e parlamentares. Se debruçaram no debate sobre a Política Nacional de Humanização e a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. Uma disciplina lançada como proposta de debate para a tese de um dos orientados de Ruben

Uma pausa

Ruben tinha por hábito criar disciplinas para suas (eus) orientadas (es/os) de mestrado e doutorado, com objetivo de estudar junto. Orientava os temas conforme àqueles o provocavam, não escolhia e também não rejeitava. Quando não sabia sobre o assunto, a disciplina era o espaço de compartilhar e aprender para os dois lados, alunos e docente. Era a construção de um tema no coletivo. Um passarinho me contou que algo que marcava nosso amigo era o fato dele mergulhar nos temas das pessoas (Pomba, 2022).

Tive a oportunidade de fazer com ele duas disciplinas para o início da minha tese, lá em 2020, para meu tema inicial, antes do giro. Se chamavam: “Reflexões sobre mudanças nas práticas de cuidado” e “Para repensar práticas de cuidado de saúde: algumas contribuições teóricas”, que foram realizadas de forma virtual, reespectivamente, no primeiro e segundo semestres letivos de 2020, cada uma em um semestre.

Arara em nossa conversa para essa tese me disse: “Eu acho isso incrível, a pessoa que faz uma disciplina só para o orientando. Isso é de uma generosidade, de um cuidado”.

Fim da pausa

A disciplina mobilizou dois de seus orientandos, à época, Felipe Cavalcanti e Eduardo Mello, que o provocavam a escrever àquilo que já estava falando e trabalhando com seus alunos. Eles diziam, conforme relembra Tatiana:

Vocês ficam falando dessa análise de políticas como se a análise de políticas fosse essa coisa de fazer também, de olhar para o que está acontecendo nas práticas e nos cotidianos, mas isso não tem essa análise de políticas no campo. Ninguém faz desse jeito análise de políticas. Por que a gente não escreve sobre isso?” (Baptista, 2023, informação verbal)<sup>46</sup>.

Foi então que se inscreveram para um edital da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) para elaboração de um material didático sobre política de saúde relacionada a forma como se dava no cotidiano e afetava a vida das pessoas. Assim Nasce o Grupo “Caminhos Para Análise de Políticas de Saúde” que reunia pessoas de diferentes instituições, mas que estavam motivadas a conversar sobre esse olhar de construção da Política.

Em 2011 foi lançado o site do grupo, incluindo o primeiro livro que, nesta época, era somente em versão online. Ficou aberto a comentários e sugestões, de 2011 a 2015. Foi, então, realizada uma versão em formato de revista para lançamento no congresso da Rede Unida e em 2015 foi lançado o livro<sup>47</sup>, com o mesmo nome do grupo, que inclui o texto de Ruben que faço menção anteriormente.

Ruben se mostrou extremamente motivado e feliz quando o livro foi finalizado e com todo o seu processo de divulgação do material em Congresso da Abrasco e em outros eventos. Vale dizer, que esse movimento atraiu diversas pessoas ao grupo, que inclusive permanecem até hoje.

Caminhos para Análise de Políticas de Saúde, ou somente Caminhos, se propunha a olhar para a Política de Saúde por diferentes caminhos de análise, a partir de uma visão construcionista da ciência. (Wargas, 2023).

---

<sup>46</sup> Tatiana Wargas de Faria Baptista. Disciplina “Ruben Mattos: Seus Caminhos pela Saúde Coletiva”, Rio de Janeiro, no dia 20/06/2023

<sup>47</sup> Mattos, R. A.; Baptista, T. W. F. (Org.). Caminhos para análises de políticas de saúde. 1ed. Porto Alegre: Rede Unida, 2015

Caminhos.

Ah, Caminhos!

Respiramos juntos e fizemos muita coisa juntos nesse período, com a alegria e o entusiasmo de um trabalho que faz sentidos. Disciplinas para estudar a fundo as referências de análises de políticas. Tudo com registro sistemático dos debates. Oficinas para construir a proposta do material, seguidas da discussão de cada texto, num diálogo franco e honesto de ideias. O comentário 'O texto está ótimo, mas que tal pensar sobre ...' E assim começávamos nossos longos debates. Nenhum texto escapava, a menos que os autores não quisessem discutir. Foram raros! Ruben sempre lembrava feliz das 10 versões de seu texto, o que para nós também era um exercício de crítica ao mestre. Sim, provamos a nós mesmos que era possível uma academia solidária, fraterna e amorosa. (Baptista, 2023)<sup>48</sup>

O lançamento do livro foi um marco e uma alegria para o grupo, assim como o lançamento do site. Foram realizadas disciplinas, rodas de conversa, oficina para debates sobre o material construído.

Caminhos tem juntado mais e mais gente e aos poucos foi sendo ofertado ao grupo novos convites de diálogo. Nos últimos tempos tem sido provocado o debate a partir de leituras decoloniais.

Durante a pandemia foram realizados encontros online e organização de debates em formato de lives. Em 2020, foi realizado por Caminhos, um evento chamado “Caminhos para Construção do mundo que queremos – O que aprender com a pandemia?”, em parceria com a Escola Nacional Politécnica Joaquim Venâncio da Fiocruz e o Coletivo “Nós, as Poetas”, com participação de Nego Bispo e Ailton Krenak<sup>49</sup>, como marco no novo panorama epistêmico.

Tatiana se recorda que a última mensagem de Ruben ao grupo Caminhos ocorreu em 28 de novembro de 2020, ofertando uma apresentação do Coral Universitario - The Aeolians Oakwood University<sup>50</sup>, um vídeo no youtube, como evocação de esperança. (Baptista, 2023)<sup>51</sup>

Faço parte de Caminhos desde janeiro de 2021.

---

<sup>48</sup> Tatiana Wargas de Faria Baptista. [Sem Título] [mensagem pessoal]. Mensagem Recebida por [Moraes-bia@yahoo.com.br](mailto:Moraes-bia@yahoo.com.br) em 15 set. 2024

<sup>49</sup> Evento online disponível em: <https://www.youtube.com/live/HELi9GGVtk> . Acesso em 16 jul. 2024

<sup>50</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UBtmPiCgToI> . Acesso em 17 jul. 2024

<sup>51</sup> Tatiana Wargas de Faria Baptista. [Sem Título] [mensagem pessoal]. Mensagem Recebida por [Moraes-bia@yahoo.com.br](mailto:Moraes-bia@yahoo.com.br) em 15 set. 2024

Figura 5: Final da Reunião de Caminhos em 31/05/2024.



Fonte: arquivo pessoal da autora

### 3.7.2 Voltando aos convites

Não coloco nada na cabeça de ninguém. Faço convites

Ruben Mattos

O que pensamos sobre ser ciência? Qual imagem vem a nossa mente e o quanto de afetos e durezas então envolvidos nessa imagem que delineamos agora? Seja qual for o caminho, a imagem que criamos é fruto tanto dos nossos aprendizados, assim como da forma que somos tratados e tratamos o outro nos espaços que entendemos como científicos. Nossas imagens circulam por estereótipos e ao esmiuçá-las refletem relações, pessoas em seus contextos atuais, desejados ou até temidos.

Que tal se enxergarmos a produção de ciência enquanto “formas de produzir sentidos sobre os eventos do mundo”? (Spink e Menegon, 1999, p. 42). Pode ser que esse

questionamento nos afaste da máxima de grandes doutores da ciência, aqueles que são detedores de um saber e poder. Ruben e Tatiana iniciam o debate do livro de Caminhos a partir da premissa que a geração de conhecimento só é possível a partir dos sujeitos e das suas interações. Todos têm conhecimentos e podem acessá-los e divulgá-los de diversas maneiras. (Mattos e Wargas, 2015). Spink e Menegon (2013, p. 55) “o conhecimento não é uma coisa que as pessoas possuem em suas cabeças, mas algo que elas fazem juntas”.

A produção de conhecimento é relacional, histórica e contingencial. Me parece o cerne do texto entendermos que ciência é interação, intersubjetiva e é de construção e transformação da realidade. A ciência é uma prática social (Mattos e Wargas, 2015; Spink e Menegon, 2013).

ao contrário da visão moderna de ciência, entendemos que a construção de um conhecimento não pode pretender encontrar respostas universais, nem pode pretender descrever o que de fato acontece. O que ele pode fazer é ofertar diferentes narrativas que problematizem a realidade e, exatamente por isso, enriquecem o debate em torno de certas questões. Não acreditamos em uma ciência neutra (Mattos e Wargas, 2015, p. 18)

Não acreditamos em uma ciência que não se construa a partir dos nossos afetos e afetações. Ruben em seu texto constrói a narrativa trazendo vários autores que refutam a ideia da ciência como neutra e universal, trazendo a nós, seus leitores, o convite a um outro olhar que não nos lance ao chamado “Horror Metodológico”. Tenho percebido que ainda que estejamos em relações saudáveis na academia, sem opressão, por vezes somos um tanto impiedosas (es/os) conosco.

Quanto ao método há um contexto amplo de ofertas, no campo da saúde coletiva, que nos diz como pesquisar, podemos ora nos filiar a um, ora a outro, possivelmente a mais de um ao mesmo tempo, mas se não for possível, invetemos o método e então digamos cada passo do que estamos nos propondo a fazer, de forma generosa, com nossos leitores. Assim como poderíamos ser mais cuidadosos aos nos pressionar à produção de nossos referenciais teóricos robustos e densos, pois por vezes, nos damos conta em plena pesquisa que há contribuições, não imaginadas por nós, mas que naquele momento se tornam interessantes (Mattos, 2015a).

E por fim, nos chama a reflexão de quais são as razões para as quais nos engajamos em pesquisas científicas, será tão somente para nos projetarmos em publicações desvairadas? Nos fica um alerta a nossa intenção do que estamos a fazer nos nossos trabalhos e conosco. Precisamos ser felizes com o que fazemos.

Tenho conversado com pessoas que se engajam em pesquisas científicas e cada vez mais percebo que isso não é óbvio, mas que também nem sempre temos possibilidades de escolhas.

Nos “autoconvencer” sobre o que fazemos e como faremos para convencer nossos pares. (Mattos 2015a). Nossas indignações e inquietações são motores e fazem brilhar os olhos para a ação. Nem sempre as relações construídas nos permitem, mas que possamos subverter. Não é possível mais que a Academia continue a adoecer tanta gente! Não sei como fazer, não tenho fórmula, mas precisamos pensar sobre isso.

Termina nos trazendo uma reflexão de Jurandir Costa: “Afinal de contas, para que saber e por que saber? – senão para construirmos, juntos com outros, uma vida mais bela e mais feliz!” (Costa, 1994, p.15).

Decidimos o que é melhor, não a partir do conhecimento científico, mas a partir dos valores que defendemos. Daí a importância de se dizer: não queremos um conhecimento científico que gere a dor, o sofrimento, ou a destruição da vida. Queremos um conhecimento que se volte e que sirva à busca de uma vida decente. O que não significa que devamos jogar fora a ciência ou desprezar todo o conhecimento produzido. Ao contrário, significa que, se defendemos o conhecimento científico, é porque acreditamos que ele é capaz de contribuir para uma vida decente, e o fará desde que pautado pela prudência e pela responsabilidade (Mattos, 2004b, p. 122-123)

### 3.8 Uma conversa a partir de borboletas!

A Biografia do Orvalho

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.  
 Nesse ponto sou abastado.  
 Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.  
 Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,  
 que puxa válvulas, que olha o relógio,  
 que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora,  
 que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.  
 Perdoai.  
 Mas eu preciso ser Outros.  
 Eu penso renovar o homem usando borboletas.

Manoel de Barros

Será que borboletas são inventivas o suficiente a nos nutrir de esperança nesse caminhar em tese? Resolvi me envolver em borboletas, me desafiando em liberdade de sentir para lançar a mente à invenção.

### 3.8.1 Sobre borboletas e a produção de ciência

Um dizer sobre Borboletas

Falar em borboletas...  
Será coisa de gente curiosa ou só ocupada de tempo da vida?  
Será um tempo despreenchido da necessidade de preencher o tempo?  
Em tempos de urgências, me parece ousadia.

Borboletas são seres da metamorfose  
Da recriação, evolução e libertação  
Sendo um ser do chão vai em busca do momento certo a se encasular,  
para sua melhor fase.

Vai no arrasto do corpo para criar seu envolver  
Se encolhe, recolhe e mergulha em si  
Enriquece suas cores, modifica suas estruturas e cria asas

Sai Borboleta do casulo  
Para ser do céu  
Se liberta e sai a voar

Voa aos encontros de novos rumos  
Eita asas a nos espantar de tanta beleza e fineza,  
Vai aprendendo a ser borboleta sendo borboleta  
Que trajetória!

Possivelmente cansada, mas voa  
Animada a descobrir os caminhos que só o voar possibilita  
Quem viu borboleta triste e cabisbaixa por aí?  
É felicidade ver borboletas borboletando em cores vivas, vibrantes e emocionadas.

Me parece coisa sábia de lagarta que seja Borboleta  
Me parece coisa sábia de borboleta viver alargatada

Angelina Silva

Não se espantem com tamanha audácia em trazer borboletas para nossa conversa ou talvez se espantem sim, afinal de contas, borboletas costumam prender nossa atenção, nos impressionam e quase sempre nos animamos em vê-las. Borboletas geralmente nos fazem sorrir

e prendem nosso olhar diante da sua exuberância, até mesmo aquelas pequeninas e com cores pouco vibrantes. Me amplio de borboletas.

Ailton Krenak nos provoca em dizer que a ciência sempre existiu e sempre foi produzida nas culturas de vida em sociabilidade e comunitária. É ciência da vida e que não existe ciência sem os elementos da natureza.

Insisto no debate da ciência por entender ser um ponto central do nosso aprendizado e vivência ao lado de Ruben. Esse é o ponto do meu foco, pois me toca em muitos momentos, especialmente enquanto uma escrita totalmente diferente de tudo que já fiz na vida.

Olhar as sutilzas do dia a dia, dos sonhos, dos presentes que nos são ofertados, inusitadamente, me dizem muito sobre possibilidade de resistência para seguir em espaços duros e por vezes esvaziados de afeto. Precisamos nos aquilombar. As borboletas nos ensinam transformação que é pessoal, mas também é coletiva. Borboletas abrilhantam nossos olhares quando podemos nos encontrar. Provocam a reinvenção e liberdade.

Estou aqui pensando em um cenário de borboletas.

#### Minha imagem

A minha é grande e preta, com detalhes nas asas em tonalidade amarelada. Uma lindeza! Um preto como o breu da floresta e o amarelado me lembra o sol refletido na areia da praia. Patinhas alongadas que descansam em um tronco espesso de árvore. Uma Mangueira, alta, reluzente, verde e cheinha de frutas verdes e amarelinhas. Ela estava ali pousada no meio da mangueira, descansando para o próximo voo. Seu corpo alongado não me deixa esquecer que aquela lindeza foi uma lagarta bem verdinha, tenho certo receio, dizem que queima.

Seu corpo alargado me parece que permite uma flexibilidade contínua de sua cabeça no meio daquele lindo par de asas. E em movimento de sobe e desce de sua cabeça é como se consentisse aquele observar, na verdade, como que querendo permanecer sendo observada e provocando emoções a quem a enxerga, mas ela é uma bobinha, não sabe que só eu a vejo, afinal estou aqui a criá-la em detalhes. Coisa de borboleta exuberante!

Ela segue pousada na mangueira que está em um gramado. A árvore era única naquela área, o que a torna a única possibilidade de descanso para a minha borboleta. Somente é possível avistar eucaliptos em um longínquo espaço que a vista alcança.

Querida mangueira, porque está sozinha nesse descampado? Onde estão as outras? Sabe coisa de árvore que está tentando arvorecer, ela me faz entender que está bem sozinha, mas que talvez preferiria estar entre pares. Elas foram levadas? Percebo que talvez tivessem outras por ali, mas por algum motivo não há mais. Terá esse campo sido desmatado? Terão morrido pela falta de chuva naquela área? Terá sido ação humana, ambiental ou as duas coisas? Mangueira lá sozinha, com minha borboleta preta, no descampado.

Soube que esta área rural tem sofrido com ações constantes de grileiros, gerando uma falência do terreno e da vida humana ao redor. Como aquela mangueira resistiu e se manteve tão viva? Será sorte? Será uma questão de tempo? Minha borboleta sozinha permanece a descansar enquanto aquela sombra acolhedora está por ali.

Ah, mas que alegria! Minha borboleta não está sozinha, tem outras borboletas e insetos diferentes, e até alguns pássaros, mas área verde tem pouca. Terá sombra em outro pouso? Terá outro pouso?

A árvore está fértil, com frutos, e me parece resiliente e solitária. Será possível pensar e resgatar as causas desse vazio? Será possível descobrir caminhos de animar a mangueira e garantir pousos seguros para minha borboleta e todas aquelas outras vidas que ali se encontravam?

Tudo depende do ponto que se olha.

Olhe bem, para a pequena borboleta preta que privilégio encontrar uma árvore grande e frutífera. Terá pouso, sombra e possivelmente alimento. Sua acolhida de alguma forma é consentida pela grande mangueira e para esta me parece ser um grande privilégio ser abrigo de borboletas e ter companhia, já que está em um descampado sem outras árvores na proximidade. Em busca de se arvorecer, mangueira se transforma em potência, frágil, mas a esperança de quem por ali estava.

Bom, me parece que nesse cenário há um equilíbrio das vidas que se dão naquele espaço, porém, olhemos um pouco mais distante, se hoje temos poucas árvores por ali, já temos uma área com consequências da ação humana ou mesmo ambiental. Como estava esse local há anos atrás e como estará anos para frente? Quais ações estão sendo tomadas pela cidade para garantia do terreno vivo? Tudo é como olhamos. Tudo por ser bom e pode ser ruim. Tudo pode ser pequeno e grande, depende do ponto de vista para o qual miramos o nosso foco.

Ao pegar um binóculo imagine olhar por através deste para uma floresta, é possível ver a composição, os conjuntos de árvores, a totalidade aponta para além das partes, trata-se de uma visão do conjunto daquela cena, contudo ao invertermos o binóculo percebemos os detalhes, como por exemplo uma borboleta em uma árvore, ela já estava lá, porém da forma como

focalizamos nosso olhar não era possível perceber. Focos distintos produzem entendimentos também distintos em relação ao específico e ao todo. “é pela ruptura com o habitual que se torna possível dar visibilidade aos sentidos”. (Spink, 2013, p. 25).

Um binóculo invertido olhando para a árvore enxergando a borboleta e suas especificidades, consegue ver com detalhe esta cena ao ponto de perceber o movimento do seu corpo, enxergar no detalhe, olhando para essa história a partir daquela linda e viva cena, é micro, mas também é possível olhar e enxergar para além desse contexto e ver a mangueira sozinha em um campo, com eucaliptos ao longe, sofrendo a ação do desgaste ambiental, é macro. Olhar é perceber os focos da mesma cena.

Estamos aqui falando sobre olhar para o que estamos a fazer e perceber que dependendo de como conduzimos nosso olhar enxergamos dessa ou daquela maneira, inclusive, tendo a achar que melhor seria abandonarmos essa ideia de definir entre olhar grande e olhar pequeno (macro e micro) e quem sabe até nos desafiar na reflexão sobre os novos sentidos que atribuímos, que antes estavam naturalizados, invisíveis, e que agora nos orientam para contruir nossas pesquisas. Sentido é uso! (Mattos, 2020, informação verbal)<sup>52</sup>

Está um dia de sol, que tal fazermos um convescote? Eu levo a cesta com frutas, você leva água e uma toalha. Entendem?

Borboletas se reinventam em sentidos de ser ao se metamorfosear. Não é nada mal observarmos e quem sabe elas podem nos inspirar em fazer.

Que minha borboleta tenha sorte! Que sorte de minha borboleta em encontrar a Mangueira! Que mangueira tenha sorte! Que sorte da mangueira ser encontrada por minha borboleta!

Borboletas e gentes da ciência

Ser gente emborboletada pode ser um convite de condução de nossos rumos.  
 Gente daquelas que reinventa vidas, que é emocionada  
 Gente inspirada em enxergar com olhos de ver  
 Gente a aprender com borboletas o ciclo da recriação e invenção de si mesma

Aos almejantes em fazer ciência, conversar, em criar argumentos,  
 Aqueles que aceitam se lançar em caminhos de superação e descobertas  
 Olhar para dentro, redescobrir paixões e sentidos  
 Refletir com o brilho nos olhos as asas que vão se criando  
 e se abrindo ao voo livre da escrita e descobertas de novos mundos  
 que proporcionam novas conversas e novas apostas

---

<sup>52</sup> Ruben Araujo de Mattos. Disciplina: Métodos de Pesquisa em Política, Planejamento e Administração em Saúde, sem data.

Será coisa de gente da ciência esse envolvimento apaixonado?  
 Quem sabe um dos caminhos de se emborboletar possa ser se permitir a condução  
 pelo que cause inquietação, indignação, apaixonamento?

Se libertando do casulo  
 Essas danadas estão por aí nos convidando ao seu emborboletar  
 e quando menos esperamos estão aqui, perto de nós  
 a movimentar no corpo os sinais das emoções  
 Borboletas, seres vibrantes, decididas e voantes

Será coisa de gente estudada fazer ciência emborboletada?  
 Será coisa de Borboleta fazer convites?

Angelina Silva

### 3.8.2 Aprendendo a me emborboletar

Aprendi com Ruben que precisamos nos apaixonar por aquilo que buscamos conhecer. Emborboletar é um convite a experimentar a descoberta de si, em seu melhor e mais gentil ato de aprofundar e voar.

Borboletas são audaciosas e incríveis seres de mergulho para dentro. Do chão almejam o céu, passando pelo casulo, rumo a reinvenção. Se emborboletar é criar algo novo que já existe, como puerperar. Criar as asas, mudar a anatomia, reinventar seu corpo, sua mente e se libertar ao livre voo de borboleta.

Não se iluda, imaginem o primeiro voo em ser borboleta, pense na sensação da descoberta e liberdade ao aprender sendo. Não deve ser nada fácil, mas muitíssimo instigante. Que loucura essa coisa de borboletar por aí!

Por fim, quem sabe observar borboletas possam nos inspirar a nos emborboletar. Toda lagarta quer ser borboleta linda, vibrante, livre e voante, mas para isso precisa olhar para dentro, se tornar e se expandir, metamorfosear, reinventar quem já existia em suas audácias de ser, ser do chão.

Se emborboletar é antes de tudo descobrir os desejos e ir por eles, tasteando. É se encasular para descobrir, com suas alegrias e profundezas, é olhar para seguir, refletir para decidir. Descobrir paixões e vivê-las.

Quero avançar emborboletada. Ao sentir os horrores metodológicos, diante de prazos, cobranças, expectativas, quando o pavor tomar nosso corpo, sem nos pedir licença, talvez o convite de borboleta seja olhar para isso, entender o que se passa, respeitar seus tempos de

aprendizados e travas de respiro e seguir aos poucos. Quem sabe até descobrir, ao menor dos sinais, que borboletas moram em nosso estômago diante de momentos impactantes da vida.

Figura 6: Somente uma lagarta



**Fonte:** arquivo pessoal da autora

**A seta e o alvo**

Eu falo de amor à vida, você de medo da morte  
 Eu falo da força do acaso e você, de azar ou sorte  
 Eu ando num labirinto e você, numa estrada em linha reta  
 Te chamo pra festa mas você só quer atingir sua meta

Sua meta é a seta no alvo  
 Mas o alvo, na certa não te espera

Eu olho pro infinito e você, de óculos escuros  
 Eu digo: "Te amo" e você só acredita quando eu juro  
 Eu lanço minha alma no espaço, você pisa os pés na terra  
 Eu experimento o futuro e você só lamenta não ser o que era  
 E o que era? Era a seta no alvo  
 Mas o alvo, na certa não te espera

Eu grito por liberdade, você deixa a porta se fechar  
 Eu quero saber a verdade, e você se preocupa em não se machucar  
 Eu corro todos os riscos, você diz que não tem mais vontade  
 Eu me ofereço inteiro, e você se satisfaz com metade

É a meta de uma seta no alvo  
 Mas o alvo, na certa não te espera

Então me diz qual é a graça  
 De já saber o fim da estrada  
 Quando se parte rumo ao nada?

Sempre a meta de uma seta no alvo  
 Mas o alvo, na certa não te espera

Então me diz qual é a graça  
 De já saber o fim da estrada  
 Quando se parte rumo ao nada

Paulinho Moska

#### 4 ONDE ESTÁ O CORAÇÃO?

A gente tá falando de um coração que parte e nos parte.

Que deixa corações partidos.

E de um coração que para e parte,

e deixa todo mundo.

Quem é esse coração?

Tatiana Wargas

De tudo que vou trilhando nesse texto, me deparo com a ideia do que seria o coração do que estou a fazer. Onde está o coração? Uma busca incessante por um coração teórico que seja o centro, será isso? E ainda, que não se proponha a biografar e nem remontar uma trajetória acadêmica.

Localizar o coração que pulsa, enquanto vibra, enquanto parte e nos parte. Quem é esse coração? Esse coração é o centro, início e se relaciona com a vontade de mantermos uma história que traz alegria de contar. Esse coração é envolvimento.

Coração é um órgão vital da nossa anatomia, oxigena nosso sangue e o distribui ao nosso corpo. É músculo, órgão, bomba, é centro do corpo, que conecta com toda a nossa estrutura por meio de artérias e veias, canais de conexão. É vitalidade.

Ao longo de nossa história temos criado símbolos para representar de forma visual muitas coisas, como objetos, condutas, etc. Em qualquer lugar que tiver esse símbolo , esse será reconhecido como “Coração”.

Antes mesmo de ser reconhecido pela sua função de bomba de sangue no corpo, o símbolo coração foi representado como coragem e razão. Não se tem uma única explicação sobre a criação deste formato, mas possibilidades, tanto vindo do Egito antigo, pinturas rupestres, como na sua similaridade com a folha de hera, que representava imortalidade e poder, na antiguidade. Com o surgimento do cristianismo, o coração passa a ser parte central da fé, o Coração de Jesus, e torna-se símbolo de bondade e caridade. (Prates, 2005).

Seu formato não é a representação fiel ao coração que bate em nosso peito, mas se aproxima, e tem sido entendido enquanto representação das emoções humanas. É simbologia do amor, de afetos, de relação. É sangue, vida.

Coração é abraço de conchas, sendo elo de pontas.

Bianca Moraes

Coração é cor-ação. É trazer colorido para nossas ações. É agir em tons que brilhem nossos olhos. Ser coração é personificar afeto. Nos parece ser o que propõe Guerrero Arias quando nos impulsiona a um pacto de ternura, ser coração é exercer o Corazonar. (Arias, 2020).

Corazonar a partir da insurgência da ternura, que nos permita colocar o coração como princípio do humano, sem que isso signifique ter que renunciar a razão, pois trata-se de dar afetividade à inteligência, (Arias, 2010, p.11, tradução do espanhol nossa)

Falo de um coração que não pulsa mais, mas que continua a pulsar em nossas memórias. São afetações concretas que nos fazem querer manter essa memória viva. Localizo Ruben Mattos como o coração desta tese e esse coração tem um monte de contribuições e ramificações pulsantes.

Ele tinha a potência de escrever o mundo. É uma pessoa que deixou uma obra, para os padrões do Capetalismo, pequena, mas extremamente relevante e influente, potente, que vai reverberar anos a fio. Atemporal. E, ao mesmo tempo, o mais bonito que eu acho, é porque a vida dele foi uma obra. ( Mendonça, informação verbal)<sup>53</sup>

Ao mesmo tempo que era reconhecido como um grande nome da saúde coletiva brasileira, no que se refere à sua produção, se olharmos lá no Currículo Lattes, vamos ver que é pequena para o lugar que ocupava, um professor associado de um programa de Pós-graduação, nota 7 <sup>54</sup> , avaliação pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no mestrado e doutorado.

Ruben acabava sendo um cara que tinha sempre uma visão que não concordava muito, se impunha a essa agenda produtivista - CAPES nota 7. E foi um ator muito

---

<sup>53</sup> André Mendonça. Disciplina "Ruben Mattos: Seus Caminhos pela Saúde Coletiva", Rio de Janeiro, no dia 09/05/2023.

<sup>54</sup> Nota máxima que um programa pode atingir para a avaliação CAPES.

importante para fazer diálogos com os estudantes - Ruben sempre foi crítico. (Cavalcanti, informação verbal)<sup>55</sup>

Manter um programa com avaliação máxima requer um esforço de produção que não necessariamente consegue respeitar tempos, processos e etapas individuais de pesquisa. Conforme afirma Felipe, Ruben sempre foi um ator importante de contraposição a essa agenda e mobilizava seus orientandos a partir das inquietações que traziam e não pela necessidade de produzir. Nunca vi nada diferente.

Ele nunca desmereceu nada, nada do que eu dissesse, do que eu ouvisse qualquer um falar, ele não passava fingido, a gente botava a mão no fogo e dizia assim: “cara ele não está sendo simpático pra ter orientando”. Ele tinha dentro de si um respeito pelo outro como pessoa. Não era o Lattes, era a gente. Era gente encarnada. Isso é pra formação em saúde. Pra mim isso é central. (Curió, 2023)

Boa parte de seus textos foram escritos com seus orientandos e ainda assim, Ruben escreveu textos, pouco em números, mas em intensidade e importância são vastos e posso ousar em dizer que um dos textos mais conhecidos e citados na saúde coletiva, especialmente quando a busca é sobre “Integralidade em Saúde”, é o seu texto publicado em 2001, sobre os sentidos da Integralidade, lançado no primeiro livro do LAPPIS, inclusive um texto que produz proximidade, intimidade na leitura, conforme afirma o professor Ricardo Teixeira, em um dia da disciplina que fizemos no IMS:

Ao entrar em contato simplesmente com esse texto, O Sentido da Integralidade, eu fiquei muito arrematado pela proximidade do Ruben. Essa releitura agora, 20 anos depois, me lançou luzes e uma percepção que eu nunca tinha tido. Para começar, de uma conexão muito forte, muito fraterna, muito de um companheiro, é como se ele tivesse estado presente em momentos da minha vida que ele não estava. É um texto que eu escuto a voz dele. (Teixeira, informação verbal)<sup>56</sup>

---

<sup>55</sup> Felipe Cavalcanti. Disciplina “Ruben Mattos: Seus Caminhos pela Saúde Coletiva”, Rio de Janeiro, no dia 20/06/2023.

<sup>56</sup> Ricardo Teixeira. Disciplina “Ruben Mattos: Seus Caminhos pela Saúde Coletiva”, Rio de Janeiro, no dia 09/05/2023.

Um texto que fala ao pé do ouvido...

Ruben teve vinte e sete artigos completos publicados em periódicos<sup>57</sup>, entre os anos de 1999 e 2020, destes somente nove em primeira autoria, não sendo nenhum texto de seus alunos. Tem um intervalo entre 2013 e 2019 sem nenhuma publicação de artigo completo, aponto que foi um momento importante, com foco no que se refere a família para Ruben.

Pelo LAPPIS participou da organização, em parceria com a professora Roseni Pinheiro, de catorze livros, entre 2001 e 2009. Capítulos de livros foram vinte e seis, entre 1999 e 2019. Com Tatiana, Ruben organizou um livro, primeiro em versão online, e depois em versão impressa. Um trabalho não somente de escrita de textos, mas de dedicação e reflexão coletiva sobre o que se estava pensando.

Ele dizia que era ágrafo. Aí ele tinha passado um bom tempo sem escrever... Era muito da oralidade e a escrita pra ele, eu acho, que era um processo que era um pouco mais difícil de sair. (Cavalcanti, informação verbal)<sup>58</sup>

As contribuições que mais prestei ao Instituto tem a ver com a direção... a minha produção, sou mais ágrafo [risos dele], não consigo fazer rápido. (Gonçalves, 2017, não publicado).

Eu acho que o Ruben nunca teve dificuldade de escrever, até porque ele escrevia bem pra caramba. Eu acho que ele escolhia o que queria escrever. (Baptista, informação verbal)<sup>59</sup>

Vale um destaque para dizer que Ruben preferia escrever capítulos à artigos, tendo em vista maior liberdade para expressar seus argumentos, tecendo suas inquietações e reflexões de forma mais leve e provocativa. Ruben estava escrevendo um livro sobre Planejamento, não finalizado, mas alguns dos seus capítulos foram sendo ofertados às (aos) amigas (ues/os) e alunas (es/os) em aula. O texto era para ser debatido e conversado, uma espécie de análise por nós.

---

<sup>57</sup> Utilizo como referência o currículo Lattes de Ruben, que consta sua última atualização em 18/08/2020. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5813862906022002>. Acesso em 15 ago. 2024.

<sup>58</sup> Cf nota 55, p. 109.

<sup>59</sup> Tatiana Wargas. Disciplina "Ruben Mattos: Seus Caminhos pela Saúde Coletiva", Rio de Janeiro, no dia 09/05/2023.

Ruben era sim da escrita, mas também da oralidade. Se tornou conhecido não somente pelas suas publicações, especialmente no período que participava do LAPPIS, mas também por suas intervenções, posicionamentos e falas nos diversos espaços que estava inserido.

Uma coisa que quando a gente olhava de fora, a importância que o LAPPIS ganhou e ajudou a projetar, inclusive o próprio *Ruben, do ponto de vista do autor mais conhecido do Brasil* (Cavalcanti, informação verbal. grifo nosso)<sup>60</sup>

Ainda no que se refere ao Currículo Lattes quando olhamos a participação em bancas e orientações, aí o cenário muda. Participação em Bancas de mestrado foram quarenta e cinco, entre 2004 e 2018 e trinta e três bancas de doutorado, entre o período de 2003 e 2019. Minha impressão é que seu currículo está um tanto desatualizado, pois lembro de Ruben estar em bancas no ano de 2020. Enfim, temos esses números de participações como parâmetro. Orientações concluídas foram cinquenta e duas de mestrado, no período de 2000 a 2020, incluindo a minha, no ano de 2013; de doutorado foram vinte e duas, no período de 2002 a 2019.

Ruben deixou registrado em entrevista que sua melhor contribuição para o Instituto tem relação com a direção e não com sua produção. Quanto a direção, sua gestão foi no período de 2004 a 2007, tendo como vice-diretora a professora Jane Araújo Russo, que atua no departamento de Ciências Humanas e Sociais do IMS. Algumas das contribuições de passarinhos que conversei marcam essa direção como uma quebra de paradigmas institucional, com valorização de uma forma mais democrática de gerenciar.

O Ruben foi o primeiro diretor do IMS que quebrou com uma certa tradição do IMS de sempre estar a sombra dos grandes nomes que fundaram, os grandes sanitaristas (Canário, 2023);

Quem foi [...] [para a briga] com a geração dos históricos foi o Ruben. Foi o Ruben só não. Um grupo. (Maracanã, 2023);

Ruben ele tinha um compromisso muito maior com uma forma democrática de gestão (Canário, 2023);

O Ruben ele incentivou bastante essa coisa da participação discente. (Ararajuba, 2023);

---

<sup>60</sup> Cf. nota 55, p. 109

Ruben realmente coloca uma nova geração, faz uma ponte para uma nova geração conduzir o Instituto (Maracanã, 2023)

Tanto na atuação para dentro do IMS, como na própria UERJ e também fora, sua trajetória esteve pautada pela justiça social, seja no SUS ou na luta pela educação pública, e esse é um ponto que gostaria de ressaltar aqui, pois diz respeito ao seu envolvimento diretamente nas práticas de luta, na maioria das vezes tendo como característica a atuação por dentro da institucionalidade, nos bastidores das políticas. Ele não se furtava a fazer os debates, vejamos algumas falas:

Tinha um conjunto de pessoas que militavam muito tanto nas bandeiras democráticas, como na bandeira da saúde, como na bandeira da democracia das universidades que não eram de tendência nenhuma, então eu coloco aí o Ruben (Tucano, 2023);

Se a gente tivesse qualquer dúvida a gente chamava ele e aí ele vinha com essa coisa de pega deliberação, pega as atas e vamos tentar entender pra gente fazer o certo (Bem-te-vi, 2023);

Foi um apoiador e sempre foi um defensor muito grande da importância do CEPESC (Ararajuba, 2023);

Porque ele é o cara da política (Pinheiro, informação verbal)<sup>61</sup>

A primeira fala diz respeito a atuação de Ruben na graduação de medicina e seu envolvimento com a luta democrática, sem estar em lugares de poder ou até de representação, de certa maneira é reconhecido por sua capacidade de oratória e convocação (Tucano, 2023) não deixando de dizer o que achava ser preciso. Vale o destaque que estamos falando de estudantes durante o período de ditadura militar.

Já desde sua trajetória acadêmica era sobre ser político e fazer política a partir das relações, reforço com sua atuação na segunda fala, que manifesta o seu envolvimento, seu “didatismo” (Tucano, 2023).

No que se refere a institucionalidade, se articulava com os membros da comunidade UERJ tanto no seu período de direção, como durante toda a sua trajetória de professor, a partir

---

<sup>61</sup> Roseni Pinheiro. Disciplina “Ruben Mattos: Seus Caminhos pela Saúde Coletiva”, Rio de Janeiro, no dia 09/05/2023.

da sua capacidade de conversa com seus interlocutores. Dizia assim: “Boas lutas são para estarmos inseridos”.

Uma frase muito marcante para mim do Ruben é que eu, revisando não só esse texto, mas alguns outros, eu vi que era uma espécie de expressão muito reiterada, *as lutas que valem a pena*. (Teixeira, informação verbal. grifo nosso)<sup>62</sup>

Se incomodar, afetar e lutar por dentro da institucionalidade para mudar estrutura, buscando entender quem são as pessoas que estão no jogo das disputas. Não existe estrutura que define tudo, assim como não tem agentes com autonomia plena (Mattos, Informação verbal)<sup>63</sup>. A ação é sempre social. Agentes movem-se na estrutura, mas esta não é a agencia dos indivíduos.

Toda política é ação intencional. Não tem política rotineira.  
( Mattos, informação verbal)<sup>64</sup>

Agiu diretamente na articulação para constituição do Centro de Estudos, Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico em Saúde Coletiva (CEPESC)<sup>65</sup> no ano de 1986, como estratégia de garantir maior institucionalidade para as decisões do Instituto<sup>66</sup>, por meio de transparência total. Ruben atuou na tesouraria do CEPESC logo na sua criação. Dizia que era preciso desenhar mecanismos para fazer pesquisa e ainda, que era preciso

a construção de um arranjo institucional... do ponto de vista das práticas de decisão... se gerou algo que, no senso comum, são os blocos dos ‘históricos’ e dos ‘não-históricos’... o modo de tomada de decisão nos incomodava profundamente...

---

<sup>62</sup> Cf nota 56, p. 109.

<sup>63</sup> Ruben Mattos. Disciplina: Para repensar práticas de cuidado de saúde: algumas contribuições teóricas, Rio de Janeiro, 11/12/2020.

<sup>64</sup> Ibid.

<sup>65</sup> Entidade civil, sem fins lucrativos, vinculado ao IMS e tem como objetivo principal promover e difundir a produção de conhecimento científico na área de Saúde Coletiva.

<sup>66</sup> Para entendimento amplo sobre a história do IMS, sugiro a leitura da tese de doutorado de Leandro Augusto Pires Gonçalves.

queríamos mais transparência, mais democracia e mais institucionalidade (Gonçalves, 2017, não publicado).

Um interlocutor apaixonado em ser ator político, em conversar, em construir entre pares interpretações sobre realidades. Percebi que o lugar que a ele fazia sentido era de construção a partir dos bastidores da Política, enquanto proposta para entender que a política é feita por agentes e do quanto esta influi e é influenciada pela prática cotidiana.

Uma coisa que também acho muito marcante nele, era um cuidado de tudo que era a ação que ele ia ter dentro do Instituto ele comunicar e conversar com a gente (Arara, 2023).

Aqui tenho um exemplo interessante, contado por Ruben, a partir de uma história de bastidor trazida por um passarinho. Já ouviram falar do documento “Fome Zero e Boca Cheia de Dentes?” Então, um Sabiá me contou que durante suas andanças para a elaboração da sua pesquisa, esbarra em uma pessoa, que não tinha muita relação, e esta entrega o tal documento para uma possível ajuda em seu trabalho. Um documento que seria jogado fora. Tinha sido elaborado pela equipe do PT, durante o período eleitoral, juntando alguns sanitaristas e o núcleo da odontologia que foi da construção do Programa Brasil Sorridente, a tentativa era pegar o programa “Fome zero”, que era o carro chefe do governo, e dizer que “não dava para salvar o povo da fome sem ter dente na boca”. Uma tentativa de colar na saúde bucal como prioridade do governo (Sabiá, 2023). Esse exemplo passou a ser um relato contado e exemplificado em aula com Ruben sobre a Política de saúde bucal e sua estratégia de formulação. Ruben falava da Política que acontece no cotidiano, apontando seus caminhos a partir das ações dos agentes que a tocavam nas Estruturas.

Os conselhos do Ruben eram muito no sentido de sair de um modelo abstrato e entrar numa perspectiva mais próxima dos atores que estavam à frente daquela política (Papagaio, 2023);

Ele queria fazer política também. Ele queria fazer política porque, ao fim ao cabo, isso também é fazer política. Você está disputando ali um projeto. Então assim, qual é o projeto que você está disputando dentro de sala de aula? Projeto de construção do SUS, de defesa de alguns valores, da integralidade como princípio, e ele tinha um projeto, então ele também estava fazendo política ali. Então ele estava seduzindo as pessoas pra esse projeto também (Gaivota, 2023)

Minha militância não é aqui. Não é essa a minha forma de militância. Eu estou nesse lugar aqui. Qual é o seu lugar? É lugar da docência, o lugar da orientação. Ele tinha muita certeza disso, sabe? Do lugar dele. (Gaivota, 2023)

Ruben acreditava que toda pessoa, como ser político que é, precisa se posicionar e não se eximir da responsabilidade de estar no diálogo com os diferentes grupos. (Baptista, 2024)<sup>67</sup>

Me parece que apesar de distintas falas temos certa confluência se localizarmos que todos somos atores políticos e toda ação é movida por valores que defendemos e para algo que acreditamos. Talvez tenha sido assim com Ruben que se mobilizava a partir de suas crenças e desejos de construção de uma educação crítica, criativa e mobilizadora.

Ruben se entendia como um militante, sendo seu principal cenário de atuação, o lugar da docência. Em conversas em 2020, me disse o seguinte:

Ser professor é se expor!  
(Mattos, informação verbal)<sup>68</sup>

Professor tem lugar!  
(Mattos, informação verbal)<sup>69</sup>

Ser professor é atuação política. A Política que Ruben defendia se relacionava à política das ações a partir dos encontros, das relações, no contexto da vida que nos passa, e da forma como a interpretamos. A política que influencia e é influenciada pelos sujeitos. E diz que posições políticas possibilitam a interpretação distinta da realidade para pensar e planejar sobre ela. Ruben foi um estudioso da área do planejamento em saúde

---

<sup>67</sup> Tatiana Wargas de Faria Baptista. [Sem Título] [mensagem pessoal]. Mensagem Recebida por [Moraes-bia@yahoo.com.br](mailto:Moraes-bia@yahoo.com.br) em 15 set. 2024

<sup>68</sup> Ruben Araujo de Mattos. Disciplina: Seminários de Orientação, Rio de Janeiro, 02/12/2020.

<sup>69</sup> Ibid.

#### 4.1 Planejar, ou não...

O planejamento foi área de descobertas e imersão, do mestrado ao doutorado, passando pelo curso na ENSP, com os interlocutores Carlos Matus e Mario Testa, Ruben passa a ser reconhecido pela sua vertente de pensador da área de Planejamento em Saúde. Sua defesa era de um planejamento a partir da realidade e não necessariamente a partir de métodos. “Planejamento é o que nos acontece enquanto a vida passa” (Mattos, informação verbal)<sup>70</sup>

Ruben faz o convite para um planejamento que é feito por pessoas, que é feito para ser furado, que é feito para ser discutido, que não é algo fechado, não é uma metodologia que se imponha. (Baptista, informação verbal)<sup>71</sup>

Eu acho que o Rubem era muito desse planejamento da invencionática. (Baptista, informação verbal)<sup>72</sup>

Planejamento que seja poroso, capaz de conversar a partir de diferentes pontos de vista, políticos. Aqui há uma reflexão sobre planejar que nos provoca a quem sabe a abandonar a ideia de “real” necessidade a ser descoberta, alcançada (quem a define?), mas admitir a possibilidade de termos dúvida sobre cada uma das nossas certezas e convicções. Nos brindar com um “*ou não?*”, ao final, pode ser interessante (grifo nosso). “trazer a abertura nos nossos cálculos que precedem e presidem ação para o imponderável” (Mattos, informação verbal)<sup>73</sup>

Talvez quem caminhe nesse sentido tende mais a desistir da ideia de desenvolver métodos, mas se engaje na proposição de reflexões capazes de produzir mudanças, inventando jeitos de fazer que possam ser mais interessantes do que o “adestramento” de técnicas. (Mattos, informação verbal)<sup>74</sup>

---

<sup>70</sup> Ruben Araujo de Mattos. Disciplina: Repensando o planejamento de saúde: reflexões a partir de um olhar crítico para a história do campo, Rio de Janeiro, 11/12/2020.

<sup>71</sup> Tatiana Wargas de Faria Baptista. Disciplina “Ruben Mattos: Seus Caminhos pela Saúde Coletiva”, Rio de Janeiro, no dia 25/04/2023.

<sup>72</sup> Ibid.

<sup>73</sup> Ruben Araujo de Mattos. [Sem título]. Youtube. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=Gsc5ojBJfEA&feature=em-share\\_video\\_user](https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=Gsc5ojBJfEA&feature=em-share_video_user) Acesso em 18 jun. 2024

<sup>74</sup> Ibid.

Para quem foi aluno de Ruben, nas disciplinas de planejamento, o Ruben nunca discutiu o planejamento na vertente instrumental, o método. Ele sempre trouxe pra gente, toda a construção política, inclusive do campo de planejamento. Isso tem a ver com a trajetória dele também no mestrado, quando ele pega o método e fala esse método, tem todo um contexto de construção que é político e que tem uma intencionalidade política. [...] quando Ruben fala a gente precisa trazer a epistemologia, a filosofia da ciência, para pensar a saúde coletiva, para pensar o planejamento, eu também entendo isso como uma provocação de que nós não podemos ser somente executores de uma ação. A gente tem que pensar de onde essa ação vem, de como ela se constitui, a quem ela serve, como que ela gera apagamentos, como ela gera silenciamentos. Isso abre um mundo de possibilidades de estudos (Baptista, informação verbal)<sup>75</sup>

Olho e enxergo Ruben em fases temáticas que não foram sendo superadas, mas acrescentadas. Isso é muito interessante, pois os temas não deixavam de existir, mas coexistiam a partir do que chegava, assim foi também com a Alimentação e Nutrição, com a Educação Permanente, e outros temas que vinha tocando a partir de caminhos decoloniais, mas essa temática não deu tempo para seu aprofundamento, mas ser decolonial era ato em vida, não apenas como um tema a ser descoberto, mas concretamente vivido.

O envolvimento se dava a partir do entusiasmo, brilho nos olhos. Ruben se envolvia pelos temas de pesquisa de seus alunos e se mobilizava em se deixar afetar e a afetar, estudar junto e aprender coletivamente. Aqui se encaixam as disciplinas que eram ofertadas para estudo coletivo dos temas de seus orientandos. Os temas não o pautavam, ele pautava o tema, junto com seu grupo de orientandos. Se dizia um generalista. Sempre tinha algo a dizer (Baptista, 2024)<sup>76</sup>.

Lembro de uma disciplina que cursei com ele na época do mestrado, se não me engano era sobre um livro de Richard Rorty<sup>77</sup>, que ele dizia que iríamos aprender juntos. Uma generosidade! Vale destacar que sabendo das dificuldades em ler e entender Rorty, Ruben Produziu três textos contendo as principais ideias desse autor e assim nos ofertava como instrumento de estudo. Nenhum desses textos estão publicados e mais do que publicar artigos, Ruben escrevia o que o inquietava e nos presenteava como instrumento de formação para discussão. (Baptista, 2024)<sup>78</sup>

---

<sup>75</sup> Cf nota 71, p. 116.

<sup>76</sup> Cf nota 57, p. 110.

<sup>77</sup> Livro: Contingência, Ironia e Solidariedade, do filósofo Norte-Americano Richard Rorty.

<sup>78</sup> Cf nota 57, p. 110.

Ruben tem uma característica que poucas pessoas têm e a gente foi perdendo isso na saúde coletiva, a característica de se relacionar com os outros e de transitar entre os temas. (Melo, informação verbal)<sup>79</sup>

Quero novos temas e quero estudar. Quero ler com vocês sobre novos temas. Não tenho uma linha. (Lourenço, informação verbal)<sup>80</sup>

Uma das figuras mais centrais na área da saúde coletiva do país, mesmo assim ele tinha essa generosidade de tratar um jovem professor como um par. Então era uma pessoa absolutamente excepcional e realmente faz muita falta. (Papagaio, 2023);

Isso é de uma generosidade, de um cuidado (Arara, 2023)

O diálogo de conexão de saberes, temas e pessoas. Vejam a segunda citação que é uma lembrança de Elaine de uma fala de Ruben na sua apresentação para as novas turmas de mestrado e doutorado no ano de 2020. Uma postura de profunda generosidade e de encontro ao novo que estava por vir com àquelas (es) novas (es/os) alunas (es/os). Todos temos bagagem, conhecimento e trajetória a ser contada.

Importante localizá-lo ainda na oposição frente a fragmentação das pós-graduações em saúde coletiva, defendendo a pauta de integração das áreas ao contrário da criação de programas cada vez mais especializados (Baptista, 2024)<sup>81</sup>.

Ruben se mobilizou em pensar práticas em saúde a partir do seu lugar de médico professor. Para cada tema que foi entrando esteve às voltas com a premissa que o que nos move deve ser pautado por uma ética da vida para uma ética da Felicidade.

Eu diria que todos os temas que o Ruben se propôs a trabalhar sempre foram conectados para refletir sobre as práticas. Ele nunca deixou de ser aquele que queria, de alguma maneira, prestar um cuidado ao outro quando ele fez a opção de ser médico. Por que ele vai estudar cuidado? Ele vai estudar integralidade? Ele vai estudar educação permanente? Ele vai estudar planejamento? Sempre pensando nesse lugar de como é que a gente muda as práticas. (Baptista, informação verbal)<sup>82</sup>

---

<sup>79</sup> Eduardo Alves Melo. Disciplina "Ruben Mattos: Seus Caminhos pela Saúde Coletiva", Rio de Janeiro, no dia 23/05/2023.

<sup>80</sup> Elaine Maia da Silva Beruthe Lourenço. Disciplina "Ruben Mattos: Seus Caminhos pela Saúde Coletiva", Rio de Janeiro, no dia 23/05/2023.

<sup>81</sup> Cf nota 57, p. 110.

<sup>82</sup> Tatiana Wargas de Faria Baptista. Disciplina "Ruben Mattos: Seus Caminhos pela Saúde Coletiva", Rio de Janeiro, no dia 28/03/2023.

## 4.2 O médico da medicina ou o ex-médico da saúde coletiva?

Já nas primeiras conversas para a tese, saltou muito aos meus olhos essa conversa de Ruben médico ou ex-médico por ser professor. Rer a crise da medicina e da anti-medicina<sup>83</sup> foi importante para entender a ideia de lugar da crise pautada pelo modelo de desenvolvimento, como elemento central, o lugar do saber médico e a lógica mercadológica que se criou. A afirmação que a medicina sempre foi social e que não-existe e nunca existiu a medicina não-social, vem na contra-lógica do que tem sido a expansão da medicina nos dias de hoje, cada vez mais pautada pelo exercício privado da profissão (Foucault, 2010).

A medicina organizada no modelo biomédico tem se justificado na centralidade da figura do médico para condução de situações de saúde e doenças dos indivíduos. A construção mercadológica junto ao avanço tecnológico que vem pautando a medicina, nos faz pensar em um afastamento cada vez maior da possibilidade do ser social e de proximidade do outro. Precisa ser protocolar, hegemônica, frente a outras profissões da saúde, e corporativista? Não entro no debate das especializações diversas da medicina, mas toco na própria consolidação da medicina enquanto campo “único” de poder e de saber referente a saúde.

O espanto de algumas pessoas quando descobrem que Ruben era médico me fez pensar sobre esse lugar tão estereotipado, que no nosso imaginário, na imagem que fazemos do médico, está tudo bem não serem compatíveis com práticas de valorização do outro, solidárias. Fico me perguntando, assim como Foucault: O que fizemos e se será possível repensar isso tudo? (Foucault, 2010).

Ele já tinha conseguido se desprender de um rigor profundo do ser médico, porque ele já não se apresentava como médico, ele dizia pra mim, eu sou um professor. (Lourenço, Informação verbal)<sup>84</sup>

Pouca gente sabia que ele era médico (Bem-te-vi, 2023)

---

<sup>83</sup> Texto referente a uma das seis conferências realizadas por Foucault no IMS no ano de 1974.

<sup>84</sup> Elaine Maia da Silva Beruthe Lourenço. Disciplina “Ruben Mattos: Seus Caminhos pela Saúde Coletiva”, Rio de Janeiro, no dia 28/03/2023.

Algo que achava curioso em Ruben era que apesar de não se apresentar como médico, inclusive partindo das falas acima, se apresentava como professor, porém não deixava de afirmar que o lugar que estava atuando, na docência, só era possível a partir do caminho trilhado. “É porque eu sou médico” (Gonçalves, 2017, não publicado).

Percebo o quanto nós, na saúde coletiva, nos desprofissionalizamos, quando nos enxergamos no campo multidisciplinar e multiprofissional. Quantas vezes ouvi e até mesmo disse frases como: “Eu fui enfermeira”, “Quando eu era nutricionista”, “quando exercia a medicina”. Deixamos, ou abandonamos, ou nos superamos, não sei exatamente todas as perspectivas, mas o fato é que não nos enxergamos mais a partir do lugar de onde viemos. Me parece muito comum essa forma de se colocar.

Por vezes quando nos apresentamos em espaços coletivos, fazemos questão de dizer: “sou enfermeira de formação”, como se essa “ formação” fosse desconexa de quem se apresenta ali, como se fosse um ciclo encerrado, cumprido. Será mesmo? Estou aqui me autoavaliando e pensando que talvez “Sou enfermeira” seria melhor, pois não é ciclo vencido, mesmo que não exerça a prática clínica da profissão, a saúde coletiva se compõe por múltiplos saberes, talvez tenha sido isso que Birman tenha tentado apontar lá em 1991, no seu texto sobre a Physis da saúde coletiva, quando nos diz:

O campo da saúde coletiva é, pois, fundamentalmente multidisciplinar e admite no seu território uma diversidade de objetos e de discursos teóricos, sem reconhecer em relação a eles qualquer perspectiva hierárquica e valorativa. (Birman, 1991, p.11)

Olhando para o debate de Foucault leio Ruben para além do seu tempo, como o médico da medicina social que não se encerra nos indivíduos, mas no coletivo. Talvez até mais, que não se encerra em ser prescritivo, mas da escuta cuidadosa e da fala ampla, do diálogo horizontal entremeado pela crítica e saberes em construção. O exercício da medicina passou a ser através da docência, onde a prática de cuidado sempre foi uma questão de pauta e conversa. Ser médico foi trajetória de início, meio e recomeços.

a riqueza do campo da Saúde Coletiva reside exatamente na sua negação da existência de um só jeito de se produzir o conhecimento científico, ou seja, na sua afirmação do pluralismo das epistemologias e das formas de se pensar e fazer a ciência (Mattos, 2011, p. 24)

Um relato um tanto curioso sobre sua banca de mestrado, onde foi questionado da seguinte forma: “O que um médico típico está fazendo aqui no Instituto?”. “Tinha uma tradição, naquela época, de que quem se interessava pelo Instituto, era o mal aluno de clínica médica” (Gonçalves, 2017, não publicado).

Olhem isso! Pauta atual ou superada? Acredito ainda ser extremamente desafiador no nosso tempo conseguir vincular profissionais médicos ao discurso multiprofissional e multidisciplinar, à saúde coletiva, especialmente no combate ao discurso hegemônico de valorização somente da razão, na figura de poder e respeito do médico.

Como já contei, passei um bom tempo sem entender exatamente porque era enfermeira, já que meu campo de interesse era dentro de uma área multiprofissional, tive que ir viver a docência e encontrar meninas (es/os) com brilho nos olhos, curiosos, interessados para descobrir a enfermagem, e perceber a partir delas (es) que sim, na minha história fazia sentido ser enfermeira. Meu lugar ali só tinha sido possível pelo caminho trilhado. Que bom que escolhi a enfermagem! Me ampliou e amplia muitos olhares.

Me percebi em descoberta com aquelas (es) jovens e o quanto tinha aprendido e conquistado com a enfermagem, e que o espaço para o exercício da minha profissão também cabia dentro da saúde coletiva. Sigo aprendendo. A enfermagem é ampla e deve ser. Há várias atuações em que precisamos estar e ocupar, sem deixar de acreditar que não somos mais aquilo para o qual fomos formadas (es/os) na nossa graduação.

Ruben dialoga com Rorty para pensar o que estava acontecendo no campo da saúde coletiva. E ele chama a atenção, que o campo da saúde coletiva é um campo aberto a múltiplos paradigmas (Teixeira, informação verbal)<sup>85</sup>

Birman nos ajuda com esse entendimento, desmistificando a saúde coletiva enquanto sinônimo da saúde pública, dizendo que a saúde não se restringe apenas ao campo biológico, configura um rompimento com a saúde pública, que exerce uma prática mais fragmentada dos corpos, para então fazer a defesa da saúde coletiva enquanto campo que se propõe a olhar as questões sociais das comunidades, a partir da multidisciplinaridade. (Birman, 1991).

---

<sup>85</sup> Carmen Fontes de Souza Teixeira. Disciplina “Ruben Mattos: Seus Caminhos pela Saúde Coletiva”, Rio de Janeiro, no dia 25/04/2023.

Ruben, assim como outros médicos que conheci, extrapolou essa medicina individualista e fragmentada, não deveria ser estranho identificar pessoas assim, seu exercício como professor aposta no coletivo, na escuta e no diálogo apaixonado por aquilo que move, assim como a enfermagem tem feito comigo.

Uma grande inspiração do Ruben, uma delas é essa do debate, do diálogo apaixonado (Mendonça, informação verbal)<sup>86</sup>

### 4.3 Quais são os valores que a gente sustenta?

Refletir e agir à luz dos valores que defendemos e acreditamos enquanto bem social é pauta não só dos textos de Ruben, mas de aulas, orientações, conversas. Ruben se afeta e nos afeta a partir dos seus debates da Integralidade e seus múltiplos sentidos, mas que em todos, nos dizem sobre a não redução de sujeitos a objetos

me conta uma história sobre uma senhorinha que tinha desequilíbrios cardíacos só porque ela queria ser cuidada [...] [por ele] quando mudava o plantão, então tinha um horário que ela desequilibrava e toda a equipe médica vinha, porque o [...] [ele] tinha chegado no plantão. Ele vinha, intervinha, e tinha que dar alguma medicação que eu não lembro qual era, não lembro a situação dela, ele descreveu com todos os detalhes que eu não sei mais reproduzir, mas todo plantão ele chegava, ela tinha desequilíbrio, ele participava do atendimento e tinha que medicar com uma substância intravenosa. E aí um belo dia ele começou a perceber que isso só acontecia nos dias de plantão dele, aí ele resolveu testar. Então teve um dia que eu acho que deram soro com glicose, alguma coisa assim, ele não fez a medicação. E ela estava em desequilíbrio e ela equilibrou imediatamente depois que ele fez essa intervenção. Eu lembro dele contando isso e isso era só mais um exemplo do quanto às vezes não é só sintoma. (Andorinha, 2023)

Defender a Integralidade é defender antes de tudo que as práticas em saúde no SUS sejam sempre intersubjetivas, nas quais profissionais de saúde se relacionem com sujeitos, e não com objetos. (Mattos, 2004a, p. 1414)

Ruben se constitui estudioso e defensor do princípio da Integralidade a partir da sua participação no LAPPIS, no início dos anos 2000, enquanto valor a ser defendido e ser exercido

---

<sup>86</sup> André Luis de Oliveira Mendonça. Disciplina "Ruben Mattos: Seus Caminhos pela Saúde Coletiva", Rio de Janeiro, no dia 25/04/2023.

no SUS. Destaca três amplos sentidos que são: Integralidade enquanto valor a ser defendido nas práticas de cuidados em saúde, como um exercício da boa medicina; no sentido de organizar serviços e práticas e por fim, na construção de políticas específicas voltadas para atender públicos específicos, com questões específicas (Mattos, 2001).

Um paciente não se reduz a uma lesão que no momento lhe causa sofrimento. Não se reduz a um corpo com possíveis lesões ainda silenciosas, escondidas, à espera de um olhar astuto que as descubra. Tampouco se reduz a um conjunto de situações de risco. O profissional que busque orientar suas práticas pelo princípio da integralidade busca sistematicamente escapar aos reducionismos. (Mattos, 2009b, p. 65)

Um modo de sentir, se recusando a reduzir pessoas a objetos, partes, mas se permitindo em ser com o outro. Compartilhamento e envolvimento.

Na perspectiva da integralidade não devemos reduzir um sujeito à doença que lhe provoca sofrimento. Ao contrário, manter a perspectiva da intersubjetividade significa que devemos levar em conta, além dos nossos conhecimentos sobre as doenças, o conhecimento (que não necessariamente temos) sobre os modos de andar a vida daqueles com quem interagimos nos serviços de saúde. (Mattos, 2004a, p. 1415)

Sustentamos valores de defesa da vida, respeitando corpos, subjetividades e diversidades. A não redução de sujeitos é diária e se amplia na luta cotidiana de combate a todas as ideologias extremistas de extermínio de gente.

O debate da integralidade segue convocando sujeitos para que se envolvam não somente na pesquisa, mas na prática cotidiana do exercício das profissões em saúde.

Neste texto, localizo Ruben Mattos enquanto trajetória que corazonou vidas, adiou o fim do mundo, se permitindo ser, em construção, contando histórias e acreditando na possibilidade de invenção de novas formas de ensinar e aprender, se entusiasmando, se alegrando, esperando e sendo um transformador de gente. Sonho acordado que se reveste em potência hoje no sonho de dormir.

A esperança nasce do coração mesmo da pedagogia que tem o Oprimido como sujeito. Pois ela implica uma denúncia das injustiças sociais e das opressões que se perpetuam

ao longo da história e ao mesmo tempo anuncia a capacidade humana de desfatalizar esta situação perversa e construir um futuro eticamente mais justo, politicamente mais democrático, esteticamente mais irradiante e espiritualmente mais humanizador (Freire, 2022, p.11)

Figura 7: Onde está o coração?  
Semeador de corações



Fonte: Ticiania Saldanha (Designer)

#### 4.4 Sentiser em solidariedade – Caminho não vivido, porém sentido

...no limite, 10 anos, eu não estarei mais no Instituto de Medicina Social... e é vibrar com a novidade, que vai brotando um pouco por toda a parte

Ruben Mattos

Queria continuar nessa seção com aprendizados que tive com Ruben, mas sigo me dando conta que é sobre os caminhos que fomos trilhando, sobre as afetações permitidas e sentidas. O que nos tocou ao conviver com Ruben? Somos todas (es/os) a novidade que vai brotando um pouco por toda a parte.

Logo ao final da seleção para o doutorado, recebo essa mensagem de whatsapp, era 23/09/2019. Ruben estava estusiasmado e eu aflita sem saber se passaria no processo seletivo. Sou então brindada pela foto da aprovação e esse carinho:

É muito bom voltar a trabalhar com você! (Mattos, 2019)

Foi muito bom trabalhar com ele pelos caminhos que conseguimos seguir, mas nem todos os caminhos foram possíveis de serem trilhados. A partir de algumas conversas com passarinhos, entendi que as ofertas epistemológicas de novas aproximações em Caminhos, com debates para a pauta antirracista, decolonial e feminista, para Ruben, que estava imerso em questões pessoais, foi um convite que não conseguiu avançar. Era um momento que esse debate ainda era embrionário na Academia. Mas Ele seguia nos estimulando a nos ampliar.

Não colocamos nada na cabeça de ninguém, mas podemos fazer bons convites.  
(Mattos, sem ano)

Um dos convites foi participar da disciplina “Racismo e Branquitude” com André, no

início do ano letivo de 2020. Talvez ele não soubesse o quanto essa imersão me proporcionaria novas lentes para ver o mundo e me enxergar. Ruben não chegou a essa conversa. Posso dizer que Ruben era autêntico e para estar em um debate precisava ser inteiro. Naquele momento não deu.

Essa aproximação a um novo universo de convocações e provocações, tem me possibilitado olhar para minha existência. Como mulher, branca, estou aprendendo a me reconhecer a partir da lógica de privilégios de raça, bem como de gênero e classe. Não é fácil e nada tranquilo nos deparar com nossas certezas e abandoná-las, mas é necessário.

Presenciei cenas de racismos na minha infância, mas nunca fui a oprimida e a cena passou. Entende porque para brancas e brancos é essencial assumir essa pauta? Podemos passar despercebidas (es/os) e sempre estará tudo bem, sempre teremos justificativas plausíveis, ou achamos serem, para nossas ausências e não posicionamentos, mas para um grupo amplo de pessoas, nunca esteve tudo bem. Agora consigo enxergar e me incomodar. Ser antirracista é urgente! Estou aprendendo.

André me apresenta o debate sobre racismo e branquitude, Ruben me provoca a estar nesse debate. Com Ruben não foi possível crescer nessa conversa, com André e todo o coletivo de pessoas que fui conhecendo no Quilombo, como com Tatiana, e no grupo Caminhos, estou aprendendo a me pautar nessa sociedade.

Encontros produzem mudanças (Mattos, sem ano)

A disciplina provoca o encontro da branquitude que sou e do racismo que quero destruir. Folheando meu caderno das aulas, na tentativa de trazer memórias, me deparo com a minha pergunta: “Quem sou eu nessa conversa?” e enquanto ouvia colegas falando em uma aula que trouxe o rap como expressão cultural, fui me debatendo com o que estava aprendendo a ouvir e a sentir em mim. Era 16 de dezembro de 2020. Nunca tinha pensado em nada sobre essa temática.

Não tinha respostas, mas tinha um profundo incômodo, parecia ter sido despossuída de algo. Me perguntando porque não me senti a vontade para falar na aula e qual deslocamento estava fazendo, Angelina que não tinha nascido, grita em silêncio.

## Reconhecer

O Racismo que habita minha história  
 O Racismo que está nas minhas relações  
 O racismo que habita em mim

Reconhecer é honestidade  
 Reconhecer a branquitude que sou  
 Enxergar o débito das nossas histórias de vida  
 Da diáspora, da escravidão, do preconceito e extermínio diário

Privilégio faz parte da minha história.  
 Onde estão os amigos negros da minha vida?

Reconhecer é contingencial  
 Na experiência da aula remota, vou aprendendo sentindo  
 Uma experiência de imanência  
 Companheiros negros falam.  
 Companheiros brancos ouvem.  
 Eu ouço  
 A fala circula...

Reconhecer é desalojar  
 Das mais remotas experiências às castástrofes vexatórias da vida negra.  
 Hoje a coisa ta preta! Quem nunca?  
 Reconhecer é ver!

Enxergar nossas naturalizações  
 Visibilizar o invisível  
 Ser antirracista é emergente!

Gratidão por me permitirem ouvir histórias e experiências de vida.  
 Um olhar para dentro é o resultado.

E o que fazer com esse turbilhão?  
 Reconhecer é ter posição!  
 Incômodo e Angústia me invadem  
 Sou reconhecer na reinvenção!

Angelina Silva

De 2020 para cá, 2024, sigo me descobrindo, me reposicionando nessa discussão e entendendo que ser antirracista é um dever, especialmente de brancas como eu. Afinal, quem inventou o racismo que não os brancos?

Monica fez um importante debate sobre a Integralidade e a Confluência de saberes para pensar a formação de trabalhadores da saúde nos dias atuais, chamando Ruben para a conversa, vai dialogando com os “sentidos da Integralidade” e afirma que a Integralidade ainda segue em disputa e ainda que

Funciona bem como um lugar que se pretende chegar, um modo de agir que se pretende alcançar para a construção de uma sociedade na qual se pretende viver. E, para isso, precisa ser constantemente repensada em seus sentidos à luz das transformações sociais (Rezende, 2021, p. 23).

Segue nos provocando com a seguinte questão : “Como podemos pensar a integralidade da atenção à saúde como direito de todos num país racista?. Que caminhos temos para atuar contra o racismo, construindo uma integralidade antirracista?”(Rezende, 2021, p. 24-25). E após convocar Ruben para sua contextualização inicial, convoca Bispo que confronta o saber sintético (Acadêmico), do saber orgânico (Quilombola), que nos oferta a confluência de saberes, como ferramenta para produção de um diálogo emancipatório que valorize as diversidades e siga ressignificando o debate de Integralidade em saúde. (Rezende, 2021).

E para a produção de emancipação é preciso compartilhamento, confluências, enquanto o saber sintético objetiva corpos e vidas, o saber orgânico, potencializa existências, valorizando saberes, ver enxergando, se permitir sentir e ser. Tudo gira em torno de não objetificar e não reduzir sujeitos, contudo precisamos de debates mais amplos incluindo todas as gentes, corpos e sabedorias. “Na diversidade atingimos a confluência de todas as nossas experiências ( Bispo, 2015, p. 91)

É necessário reconhecer trajetórias e saberes diferentes. É solidário nos ampliar em recomeços de gente emborboletada. Que bom que somos circulares e que podemos sempre compartilhar!

Somos o que imaginamos ser (Mattos, sem ano)

#### **4.5 Recolhendo garrafas do mar – Sarau-lá!**

##### **Vida**

A vida nos é servida  
 A vida é ser  
 Ser e servir  
 Ser e vir a ser  
 Vida é ser da vida  
 Vida é servir a vida

Benjamin Barreto

Estamos nós aqui na reta final da tese e fiquei pensando em fazer uma proposta literária, um sarau, para que fosse possível divulgar um pouquinho dos presentes que fomos recebendo ao longo da nossa trajetória de alunas (es/os), orientadas (es/os) e amigas (es/os) de Ruben Mattos, ou seria de Benjamin Barreto?

Uma aproximação e revelar não somente de um poeta, mas de uma pessoa emocionada de alma, que tranborda nos olhos e nos sorrisos.

Vamos trazer ofertas que nos foram dadas por nosso amigo, como forma de criar rede ampla e conectada, de compartilhar o que nos foi dado com tanto carinho. Por esses dias escutei de alguém que é muito bom conhecer pessoas por escritos. É isso!

Em uma Saraula, aquela que fizemos na disciplina falando de Ruben no IMS, André nos provocou em “MILtons e Nascimento”, como ele renomeou esse dia, e pensando nessa proposta de nascimentos, quero me apropriar um pouquinho e trazê-los aqui. Mas antes já nos embalando nas poesias e letras musicadas. Topa cantar a musica que proponho?<sup>87</sup>

### Travessia

Quando você foi embora  
Fez-se noite em meu viver  
Forte eu sou, mas não tem jeito  
Hoje eu tenho que chorar

Minha casa não é minha  
E nem é meu este lugar  
Estou só e não resisto  
Muito tenho pra falar

Solto a voz nas estradas  
Já não quero parar  
Meu caminho é de pedra  
Como posso sonhar?

Sonho feito de brisa  
Vento, vem terminar  
Vou fechar o meu pranto  
Vou querer me matar

Vou seguindo pela vida  
Me esquecendo de você  
Eu não quero mais a morte  
Tenho muito o que viver

---

<sup>87</sup> Só uma observação para situar o leitor – Vamos combinar assim: Poesias ao lado esquerdo de quem lê, músicas ao centro e falas de pessoas queridas como citação à direita de quem lê.

Vou querer amar de novo  
 E se não der, não vou sofrer  
 Já não sonho, hoje faço  
 Com meu braço o meu viver

Solto a voz nas estradas  
 Já não quero parar  
 Meu caminho é de pedra  
 Como posso sonhar?

Sonho feito de brisa  
 Vento, vem terminar  
 Vou fechar o meu pranto  
 Vou querer me matar

Vou seguindo pela vida  
 Me esquecendo de você  
 Eu não quero mais a morte  
 Tenho muito o que viver

Vou querer amar de novo  
 E se não der, não vou sofrer  
 Já não sonho, hoje faço  
 Com meu braço o meu viver

Milton Nascimento

Hoje, eu sei que a sentença (que jamais sairá da minha cabeça) “Procure atentar para a institucionalidade” queria dizer: ‘As regras valerão só para nós, os destituídos de poder’... Me lembro do convite solidário no corredor (que nunca mais será o mesmo), logo após concurso solitário e mortificador: “Vamos trabalhar juntos?!”. Um tempo depois, ofertamos uma (in) disciplina em quarteto (você, Paulo, Ronaldo e eu). *Crise e Saúde* foi marcante para mim: teve sua “benção” e de muitas/os amigas/os da saraula. Naquele tempo, descobri que o melhor de mim eram os outros, graças ao seu amparo e companheirismo. Você falou em reunião geral com a verve mais afiada do que nunca e, ao mesmo tempo, com uma ternura jamais vista ali no auditório do IMS, ao menos por mim. Ao término, você desceu o elevador e, me contaram depois, *suas lágrimas desceram* também. Aprendi, finalmente, com você que o desafio maior é dar sentido à integralidade de instituir afetos e afetar instituições, tudo ao mesmo tempo agora”. (Mendonça, 2021, não publicado, grifo nosso)

Meu querido e atual parceiro, André, não se cansa, emocionado, de dizer que Ruben foi um dos principais legitimadores da Saraula no IMS, que aconteciam de forma discreta, agora já vão alçando voês em outros cursos. No IMS ao som de convidados e instrumentos, André vai saraulando por aí, entoando junto às outras vozes em coletivo de pessoas cantantes e bailantes. Ruben se emocionaria também. Inclusive, deixo registrado aqui que ouvi dele que uma das aulas mais lindas e emocionantes que participou foi a primeira Saraula que André fez no IMS. E as lágrimas desceram...

Benjamin nos brindou com poemas vida, em tantos momentos... Textos não publicados, mas ofertados como em garrafas ao mar, em elo, conexão. Ruben e Benjamin nos presenteiam com emoção. Nas palavras saltitantes, desmoldadas de rótulos, a poesia de um e outro nos lança a Reflexão. Foi, mas fica. Parte, mas é todo. Serpenteia!

### **A partida**

Parto,  
mas parto partido,  
pois parte de mim não quer ir,  
e parte de mim querer partir.

Parto,  
mas parto partindo,  
pois tomo de cada um uma parte  
que levo comigo,  
e deixo com cada um  
uma parte de mim.

Parto,  
e parto partilhando  
o amor que tenho aprendido,  
o amor que tenho recebido,  
o amor que tenho exercido,  
o amor que não quero perder.

Parto,  
porque urge partir,  
e se há dores na partida,  
são apenas as dores do parto,  
deste partejar de mim mesmo,  
deste renascer que dá trabalho,  
o trabalho de juntar as partes  
(as novas e as antigas)  
num novo mosaico que é a vida

Que a partida seja leve,  
seja alegre...  
Seja só mais uma boa partida  
neste jogo que é o da vida.

Benjamin Barreto

Ruben foi um excelente médico, um professor exemplar e um ótimo amigo, temos certeza, porém mais do que isso, ele foi um exemplo de ser humano, de como ensinar pessoas coisas tão difíceis, como lidar com o outro e como tratar diversos pontos da vida, pessoal e profissional.

Infelizmente não o teremos mais fisicamente, mas sua memória e seu legado permanecem vivos em nós. Ninguém se vai por completo enquanto pessoas lembrarem de seu afeto e carinho, seus feitos, e tudo o que sua vida representou, e ele com certeza viveu uma vida digna de ser lembrada por muito tempo. O que podemos

fazer agora é honrar sua memória, dando continuidade ao que ele acreditava, e no nosso caso, sendo os melhores médicos e médicas que podemos ser, pois muito do que seremos no futuro teve influência direta ou indireta do carinho e da dedicação dele.

Mais uma vez, não podemos fazer nada que alivie instantaneamente essa dor, mas podemos fazer nosso melhor como médicos de alma, e lhe dar a certeza de que estamos, mesmo que não presencialmente, ao seu lado. Nossos sentimentos a todos os que tiveram a honra de conhecer o professor Ruben. (Turma 25 de Medicina da FCM, *on-line*)<sup>88</sup>

Não queria deixar passar o lindo reconhecimento da turma de medicina, da Faculdade de Ciências Médicas da UERJ, um reconhecimento pelo trabalho e humanidade de Ruben, que em parceria com a professora Rosângela Caetano, ministraram por anos a disciplina Funsaco. Contruíram história na formação de médicos de alma. Que diferença na vida prática dessas (es) alunas (es/os) e das pessoas junto a quem exercerão sua profissão. Vale dizer, que em 2021 a turma formanda no final do ano se chamou “Turma Ruben Mattos”. Um carinho!

Minha amizade com Ruben antecedeu nossos caminhos no IMS. Ele foi o veterano que me recebeu caloura para a matrícula na Faculdade de Medicina da UERJ em 1978. Desde então, fomos companheiros e amigos de toda vida... estivemos juntos nas duas formaturas, nos nossos casamentos, nos nascimentos dos nossos filhos, em mil momentos alegres e de festa e, também, em alguns tristes.... nos plantões no HUPE e, depois, no INAMPS na Posse.... Fui sua interna no HUPE, sua residente (de Medicina Preventiva e Social) no IMS, ele foi o professor e amigo com quem conversava minhas dúvidas e angústias no mestrado e depois no doutorado. Dividimos uma disciplina de graduação (FUNSACO) por 23 anos... Companheiro de trabalho, pesquisas ... e de vida. Vai ficar um buraco e um vazio sem tamanho... que só não serão maiores porque, como ele me ensinou recentemente, quando do falecimento de minha mãe...[...] “a gente só perde o que nós pertence, Rose... A gente sempre pode plantar, no fundo do coração, toda a felicidade que esta flor/pessoa produziu em nós. Pode permitir brotar, permitir florescer, desabrochar a alma num sorriso que carregue toda a gratidão, todo amor... Um sorriso para ela..”. No caso, para ele, esse amigo de alma sensível e gentil e de olhar tão generoso para o mundo, que vai fazer uma falta dos diabos para tantos que conviveram e o admiraram nesse mundo (Rosângela Caetano, *on-line*)<sup>89</sup>.

---

<sup>88</sup> Disponível no site do IMS. Disponível em: <https://www.ims.uerj.br/2020/12/26/nota-de-pesar-pelo-falecimento-de-ruben-araujo-mattos/> Acesso em 20 jul 2024.

<sup>89</sup> Disponível no site do IMS. Disponível em: <https://www.ims.uerj.br/2020/12/26/nota-de-pesar-pelo-falecimento-de-ruben-araujo-mattos/> Acesso em 20 jul 2024.

Caminhando e cantando a celebração do contínuo da vida coração, dos elos que o cosmos nos presenteia.

### **Cio da Terra**

Debulhar o trigo  
Recolher cada bago do trigo  
Forjar no trigo o milagre do pão  
E se fartar de pão

Decepar a cana  
Recolher a garapa da cana  
Roubar da cana a doçura do mel  
Se lambuzar de mel

Afagar a terra  
Conhecer os desejos da terra  
Cio da terra, a propícia estação  
E fecundar o chão

Chico Buarque/Milton Nascimento

Eu queria fazer parte das árvores como os pássaros fazem.  
(Barros, Livro Menino do Mato)

Um educador que em ato tornou encarnado o sentido do Esperançar em Paulo Freire, nas andanças pelo SUS. Adiamos o fim do mundo, Krenak, quando boas histórias reencantam nossos caminhos, repovoam nossas mentes e nos envolvem a inventar novos tracejos de pegadas diversas, inclusivas, solidárias e sensíveis a nossa humanidade. E esse é o primeiro nascimento que André nos apresentou – O nascer para o Outro.

É importante mencionar algo que Ruben sempre lembrava com muito orgulho e carinho. Seus olhos sorriam para dizer que sua formação foi feita toda na UERJ, do ensino fundamental no Colégio de Aplicação, passando pela Medicina, à pós-graduação no IMS. Participou e contribuiu ativamente em todos os âmbitos de discussão desta instituição. Viveu e alimentou a UERJ com suas ideias e intervenções, com sua empolgação em travar debates - nas aulas, orientações, no Conselho Universitário, Comissões, grupos de trabalho, e como Diretor do Instituto de Medicina Social entre os anos de 2004 a 2008. Ruben sustentou e defendeu a UERJ, a Universidade e educação pública, a saúde, o SUS, em cada ação e gesto cotidianos.” (Baptista, 2021, p. 5-6).

A insistência de Ruben em discutir de forma ampla as decisões a serem tomadas,

seu cuidado em manter um diálogo franco e amistoso com professores, alunos e funcionários, foram as marcas de sua gestão. Não se pode também esquecer sua capacidade de diálogo com a administração superior da universidade, bem como sua atuação no Conselho Universitário em momentos de crise da instituição, em que suas intervenções foram muitas vezes fundamentais. (Jane Russo, *on-line*)<sup>90</sup>

Nos poucos anos que pude conviver com o amigo Ruben, duas características marcantes formarão a minha memória: a honestidade intelectual e a condição intensa com que se entregava as coisas da vida. Essas são qualidades imensas! Será preciso sempre celebrar a sua companhia para a caminhada se fazer mais humanizada. Os gestos que marcaram nossos diálogos estarão sempre comigo. (Ronaldo Teodoro, *on-line*)<sup>91</sup>

### Com vocação

Convoco-me à luta!  
Mas não luto contra o inimigo.  
Luto pelo que acredito,  
e acredito que é possível inventar  
um novo modo de lutar.

Não quero me armar.  
Quero na minha luta  
seguir exercendo este ofício,  
o ofício que tenho na vida,  
este ofício de amar.

Não quero tomar partido.  
Não quero partir o coração.  
Parto do coração,  
Para seguir partilhando  
meus sonhos e minha canção.

Luto pelo que acredito,  
pelo que dá sentido à vida,  
pelo que vale dar a vida.  
Vida prene de mais sorrisos,  
Vida que sonha com ser feliz,  
Vida com trabalho prazeroso,  
Vida de paz, justiça e ação.

Abraço hoje esta causa,  
como abraço meus amigos,  
meus discos e livros,  
mas quero mais,  
quero a vida por inteiro,  
para mim e para muitos mais.

Confesso: não sei o caminho  
Mal sei os primeiros passos  
Mas logo outros virão, e juntos  
Todos com passos,

---

<sup>90</sup> Conf. nota 88, p. 132

<sup>91</sup> Ibid.

faremos nossa canção

Benjamin Barreto

E se convoca ao encontro de si, chegamos ao segundo nascimento, nascer para si. ‘Com vocação’ é liberdade de se expressar, dizendo a que veio, se lançando em sonhos, com toda a delicadeza da descoberta dos caminhos.

Meu orientador amou com toda a sua alma a UERJ. Dedicou anos da vida sendo conselheiro universitário, foi diretor do IMS. E estava em sala de aula, passou anos da vida cativando alunos e alunas, formando e transformando vidas. Eu e centenas de outros jovens da Saúde Coletiva. Um gigante! Brilhante intelectualmente, sempre aberto ao debate respeitoso, mas sempre crítico, popperiano. E sempre tão simples, discreto. A UERJ deve muito a esse homem! Eu e centenas e milhares de sanitaristas deste país também! Meu amado desorientador Ruben Mattos presente! Hoje e sempre. (Manuelle Matias, *on-line*)<sup>92</sup>

Lembro quando virou “famoso” com as coletâneas sobre integralidade. Era engraçado como ele morria de vergonha de posar para fotos ou autografar os livros quando reconhecido pelo Brasil a fora. O reconhecimento do seu trabalho, da sua militância incansável em defesa da saúde pública chegara e ele não sabia muito bem como lidar com isso. Ele preferia mesmo juntar um bocado de pessoas em roda (de preferência quando levávamos rosquinhas do hortifruti com açúcar e canela) para dar vida aos diversos sentidos da integralidade que não foram sua criação. Ele só haveria reunido um conjunto de sentidos evocados na construção do cotidiano do SUS. (Sabiá, 2023)

Muito obrigada por sua doçura, generosidade, amor pela produção das questões em nós! (Quero-Quero, 2023, não publicado)

Queria dizer a ele que me aposentei depois de 37 anos de trabalho [...] na UERJ, e que gostaria imensamente de continuar fazendo suas disciplinas. Um modo de encontrar e trocar ideias! Mas mesmo não sendo mais possível ele vive em cada um de nós que esteve convivendo com ele, ele continua sendo inspiração! Se fosse possível queria mais uma conversa, um almoço ou um café!! (Pardal, 2023, não publicado).

### Sabedoria de árvore

Sempre me curvo diante dos poderosos ventos que querem me derrubar.  
Iludem-se os que veem neste gesto uma homenagem aos algozes. De fato, é gesto de pura resistência.  
É que ao se curvarem, os galhos não quebram,  
e deixam os poderosos ventos seguirem sua sina.  
E, enquanto meus galhos assoviavam uma canção de esperança,  
os ventos espalham minhas sementes e meu pólen pelos caminhos que trilham.

Benjamin Barreto

---

<sup>92</sup> Conf. nota 88, p. 132.

Ruben nunca respondeu objetivamente a uma dúvida nossa, não é? Ele era um bom fazedor de perguntas ou como bem disse [...] “Ruben nos dava corda” para as respostas florescerem dentro da gente. Ele era um ser humano especial, um transformador de gente! (Sabiá, 2022, não publicado)

Ele vive em cada um de nós que esteve convivendo com ele. Ele continua sendo inspiração! (Pardal, 2023, Não publicado)

### **Tempo Rei**

Não me iludo  
Tudo permanecerá do jeito  
Que tem sido  
Transcorrendo  
Transformando  
Tempo e espaço navegando todos os sentidos

Pães de Açúcar  
Corcovados  
Fustigados pela chuva  
Pelo eterno vento  
Água mole  
Pedra dura  
Tanto bate que não restará nem pensamento

Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei  
Transformai as velhas formas do viver  
Ensinai-me, ó, Pai, o que eu ainda não sei  
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei

Pensamento  
Mesmo o fundamento singular do ser humano  
De um momento para o outro  
Poderá não mais fundar nem gregos, nem baianos

Mães zelosas  
Pais corujas  
Vejam como as águas de repente ficam sujas  
Não se iludam  
Não me iludo  
Tudo agora mesmo pode estar por um segundo

Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei  
Transformai as velhas formas do viver  
Ensinai-me, ó, Pai, o que eu ainda não sei  
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei

Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei  
Transformai as velhas formas do viver  
Ensinai-me, ó, Pai, o que eu ainda não sei  
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei

Gilberto Gil

Como em Diários de Motocicleta que Ruben aconselhava assistir. Sua voz ainda me diz: Rema, rema, rema... retornar para a margem é o mesmo esforço de chegar até a outra... “Como sigo sonhando que nossas práticas acadêmicas, de ensino e pesquisa, se tornem cada vez mais democráticas, mais leves, mais generosas, mais tolerantes à diversidade, mais inclusivas, mais capazes de valorizar os bons encontros.” (Ruben, Carta aberta de despedida do LAPPIS). Conseguiu, entre seus desorientandos. Conseguiu! (Lourenço, 2022, *online*)

A linha que nos liga continua viva. (Gavião, 2023, não publicado)

Pessoas que vão, mas permanecem, podem renascer através da gente. Ruben estará sempre nos inspirando nas nossas lutas. O terceiro nascimento é nosso! É reinício. Seguimos com o esperançar de um mundo melhor.

Ruben,

Que tafera difícil escrever sobre, com e para você. Em vários momentos me perguntei porque me escolheu. Tantas pessoas eram mais próximas, que estavam próximas há anos, mas fui eu. Aceitei o desafio e confesso que adorei fazer! Não fiz para me projetar, mas porque senti que deveria fazer. Foram tantos relatos de pessoas que foram felizes em conversar comigo ou em escrever sobre você. Me sinto privilegiada de ter tido tempo de te conhecer e conviver. Você realmente foi transformador e impulsionador de gente.

Não sei como interpretaria esse trabalho, fato é, trocaria essa tese toda para mais um café com rosquinha na mesa redonda da sua sala, discutindo temas com pessoas queridas. Queria mesmo é que nada disso fizesse sentido. Espero, de verdade, que te faça orgulhoso e feliz.

No meu caminho tenho sido presenteada com pessoas acolhedoras, que me inspiraram e estimularam a seguir. Nesse momento, agradeço imensamente pelo dia que insistiu que eu fizesse a disciplina “Racismo e branquitude” lá em 2020, me aproximei de André a partir deste encontro e Tatiana apesar de já conhecer, não tinha nenhuma proximidade, mas me achegando a Caminhos no início de 2021, fui conhecendo e agora me pergunto como não era amiga antes dela? Que presente foi para você tê-la ao seu lado por tanto tempo e em tantos projetos! Ela é uma preciosidade! Muita sensibilidade em olhar, enxergar e propor.

André e Tati me abraçaram. Vejo nos olhos deles o mesmo entusiasmo que via nos seus, quando eu falava, mesmo que de forma confusa, sobre o que estava pensando em pesquisar. Eles são presentes que você me deixou.

Figura 8: Seus presentes para mim



**Fonte:** arquivo pessoal da autora

Essa tese apresenta algumas vozes do universo enorme de pessoas queridas que passaram pelos seus caminhos. Tenho a impressão que você não teve a dimensão de como era querido.

Somos muitas (es/os) que nos tornamos memórias vivas do que provocou em nós. Como sementes de um arvorescer seguiremos pela saúde coletiva.

Figura 9: Ao pé do ouvido...



**Fonte:** arquivo pessoal da autora

E recolho a última garrafa com um texto de Benjamin Barreto sobre o Natal.

### O verdadeiro Papai Noel

Ele observava atentamente as crianças que corriam alegres de um lado para o outro na casa de festas. Naquela altura estava um pouco cansado, em parte pelo trabalho daquela manhã de preparativos para a festa, carregar sacolas de presentes e de alimentos, arrumar mesas, etc. Em parte pelo calor daquela manhã, arrebentando o ar de todos. Por isso talvez, puxou uma cadeira para bem diante de um dos ventiladores que difundia uma brisa fervente (mas que era melhor do que a fervura sem brisa) e ficou a admirar a alegria das crianças.

Foi quando ela chegou, quase sorrateira, como quem não quer nada:

— Você sabe se Papai Noel vem mesmo?

Era uma menina, lá pelos nove anos, puxando conversa...

— Pelo que me disseram, ele vem sim!

—Puxa, eu nunca vi o Papai Noel! - Exclamou um pouco hesitante a menina, sem saber ao certo se deveria se entusiasmar, ou duvidar como os mais crescidos. Percebendo a titubeação, ele perguntou:

— E você acredita no Papai Noel?

— Quando eu era pequena, não acreditava não. Mas agora passei a acreditar!

— Pois comigo aconteceu algo parecido. Quando criança, achava que era uma enganação para meninos bobos. Mas depois que cresci, passei a acreditar no verdadeiro Papai Noel. Mas você nunca viu o Papai Noel?

— Eu vi uma vez um filme. Mas ele era falso. Era um homem que se vestia de Papai Noel. Mas como ele vai chegar aqui?

— Ri, ri, ri, ri,— disse ele disfarçando — Bom, não será de trenó, ri, ri, ri. Neste calor daqui... Nem pensar. As renas não aguentariam. Mas sua pergunta é boa. Como será que ele virá até aqui? O que você acha?

Levando a mão ao queixo, parou por um segundo, e respondeu cheia de convicção:

— De trem, é claro!

—Hum, é bem possível! Mas imagine o velhinho com aquela sua roupa vermelha, com o saco cheio de presentes chacoalhando no trem cheio de gente!

Ela caiu na gargalhada e concluiu:

— Ia ser a maior confusão! Todo mundo em cima dele!

— Pois é! Por isso o verdadeiro Papai Noel não pode sair por aí andando com aquela roupa vermelha. Ele precisa se disfarçar de gente comum para andar de trem, de ônibus, ou sei lá de que...

— De burro! Minha mãe diz que onde ela nasceu as pessoas só chegavam lá de burro...

— Ri, ri, ri. Isto mesmo, de burro. Você já andou de burro?

— Não.

— Pois eu já. É bem divertido. O difícil é convencer o burro a andar quando ele resolve empacar...

Ela derramou mais uma gargalhada, daquelas bem gostosas.

Ele retomou o raciocínio:

— De burro, de trem ou de ônibus, o verdadeiro Papai Noel precisa se disfarçar de gente comum para ir aos lugares. Acho que ele leva a roupa vermelha e, quando chega, vai a um banheiro e troca de roupa.

— Será que ele já chegou? E está aqui disfarçado? Já sei, ele vai trocar de roupa naquela salinha ali — disse apontando a sala onde haviam guardado os presentes... — Eu vi um montão de presentes ali! Vai ver que ele está ali.

— Não sei. Ouvi dizer que Papai Noel hoje também não anda mais com o saco de presentes. Ele teve umas dores de coluna de tanto carregar o peso... Aí os ajudantes e as ajudantes do Papai Noel aprontam os presentes antes dele chegar. Talvez por isso os presentes estejam ali.

— Não, ele está escondido na salinha! — exclamou tentando se convencer.

— É fácil descobrir. Fique bem atenta a porta da salinha. Se ele sair dela, você tem razão e descobriu o segredo de Papai Noel!

Ela pareceu contente e deu uns passos como se buscasse um lugar para ficar a espreita. Mas logo voltou com um ar desconfiado:

— Mas os ajudantes de Papai Noel não são aqueles baixinhos lá do polo norte? Não estou vendo nenhum baixinho daqueles...

— Ri, ri, ri. Isso já foi assim muito, mas muito tempo atrás. Ouvi dizer que Papai Noel teve que transferir sua fábrica de brinquedos do Pólo Norte. Uns dizem que foi por causa do aquecimento global: o gelo derretendo molhando os pacotes... Sua professora já conversou com vocês sobre o aquecimento global?

— Não, é por isso que está tão quente aqui?

— Pergunte para ela sobre isso, que ela vai te explicar. Mas as coisas andaram esquentando lá pelo Pólo Norte. Mas não importa a causa. Parece que a fábrica de Papai Noel agora está na China...

— Na China? — disse ela com a testa franzida.

Ele percebeu que estava perdendo terreno. E emendou rápido:

— Na China, sim senhora! Veja por você mesma: quando Papai Noel entregar hoje para você uma boneca de presente, olhe bem no pezinho dela que você vai ler: made in China. Comprove você mesma!

Isso lhe pareceu razoável. Pelo menos ela poderia conferir... Mas o titubeio ainda não tinha se escafedido.

— Mas como eu vou saber se o Papai Noel que vai chegar é o verdadeiro Papai Noel?

— Esta pergunta é difícil. Mas a gente tem que encontrar a resposta no fundo do coração. Faça assim: olhe bem nos olhos dele. Se o brilho dos olhos dele fizer brotar no fundo do seu coração um sorriso imenso, você pode ter certeza que você está diante de um verdadeiro Papai Noel.

Ela se deu por satisfeita. Logo iria ver se o velhinho ia sair da salinha, se ia ganhar uma boneca, mas sobretudo, ia olhar bem nos olhos dele...

Ele a viu voltar para as brincadeiras. E ele ficou um pouco mais na brisa fervente. Depois se levantou, saiu sorrateiro pela porta da frente, foi a uma casa vizinha, tirou sua camisa ensopada de suor... colocou uma camiseta branca limpinha... e foi se arrumando todo...

Ela ficou brincando atenta a porta da salinha. De repente, vindo do outro lado, ela ouviu:

— Rô, rô, rô!

Olhou e viu o velhinho de barbas brancas e roupa vermelha vindo da rua, e não da salinha! Seu coração palpitava: será ele? Foi difícil esperar o momento de chegar perto dele.

— Você veio de trem?

— Rô, rô, rô! Você é muito esperta! Chegue aqui perto. Tenho um presente pra você.

— Eu sei: é uma boneca! Da China!

E ele falou-lhe baixinho:

— Psiu! Você descobriu meu segredo! Não conte pra ninguém! É uma boneca da China!

Ela olhou bem nos seus olhos...E do coração dela brotou um sorriso imenso! E umas lágrimas de alegria.

— Eu sabia que era você!

### Dentro de um Abraço

O melhor lugar do mundo  
É dentro de um abraço  
Pro mais velho ou pro mais novo  
Pra alguém apaixonado, alguém medroso

O melhor lugar do mundo  
É dentro de um abraço  
Pro solitário ou pro carente  
Dentro de um abraço é sempre quente

Tudo que a gente sofre  
Num abraço se dissolve  
Tudo que se espera ou sonha  
Num abraço a gente encontra

No silêncio que se faz  
O amor sem compromisso  
Oh baby, baby  
Dentro de um abraço tudo mais já está dito

O melhor lugar do mundo  
É aqui, é dentro de um abraço  
E por aqui não mais se ouve o tique-taque dos  
relógios  
Se faltar a luz fica tudo ainda melhor  
O rosto contra o peito, dois corpos num amasso  
Os corações batendo juntos em descompasso

Tudo que a gente sofre  
Num abraço se dissolve

Tudo que se espera ou sonha  
Num abraço a gente encontra

Tudo que a gente sofre  
Num abraço se dissolve  
Tudo que se espera ou sonha  
Num abraço se encontra

Na chegada ou na partida  
Raio de sol ou noite fria  
Na tristeza ou na alegria  
(Na tristeza ou na alegria)

Tudo que a gente sofre  
(Na chegada ou na partida)  
Num abraço se dissolve  
(Raio de sol ou noite fria)  
Tudo que se espera ou sonha  
(Na tristeza ou na alegria)  
Num abraço a gente encontra

Tudo que a gente sofre  
(Na chegada ou na partida)  
Num abraço se dissolve  
(Raio de sol ou noite fria)  
Tudo que se espera ou sonha  
(Na tristeza ou na alegria)  
Num abraço a gente encontra

## O AMOR, O TEMPO E A MORTE

Ela estava forte, plena, tinha dado frutos, eram doces e redondos, tinham umas folhinhas amareladas e eram pequenininhos, uma espécie de laranjinha, um pouco maior que uma jabuticaba. Já tinha ganhado umas de um senhor que conheci sentado no degrau da igreja. Ele comia enquanto aguardava a condução e achei curiosa aquela fruta e fixei meus olhos e acho que de certo modo devo ter incomodado, que segundos depois, me foi ofertado um punhadinho daquela frutinha. Não tinha como não aceitar. Fiquei constrangida e ao mesmo tempo grata, eu realmente queria.

Aquele senhor leu meus olhos. Não deu tempo de perguntar o nome, seu ônibus chegou e rapidamente pegou suas coisas e saiu em uma corrida desajeitada, pois tinha frutas em uma mão, bolsa na outra, e de algum jeito precisava pegar o cartão para pagar sua passagem. Ele correu. Constrangida que estava ao perceber que alguns olhos observavam atentos a cena que nossos corpos produziram, não tive coragem de perguntar a mais ninguém qual nome daquela delícia. Então comi, cheirei e comi. Nunca vi daquela frutinha e nem sei perguntar sobre ela a não ser a partir das características já descritas. Parecia que só existia ali, naquele lugar.

Mas que lugar era aquele? Uma espécie de área urbana no meio da floresta, tinha uma praça com ônibus circulando, ambulantes vendendo comidas e uma igreja bem grande no alto da praça, seus degraus vinham até cá embaixo, onde começou nossa cena.

A floresta estava ao fundo, tinham muitas árvores, várias, era um grande morro verde, bonito de ver. Tinha uma árvore que me chamou atenção, ela era grandona e tinha muitos galhos, mas era outono, e não estava lá muito folhada, não tinha frutos, mas o emaranhado dos galhos formavam uma espécie de costura, que desenhava cada pedacinho daquela árvore. Achei bonita! Ela estava no início do morro verde, mas parecia ser dentro de um cercado. Acho que era sítio de alguém. Admirei a árvore. Logo também meu ônibus veio e fui. Vim para cá.

Era uma água cristalina e muito gelada que me deu um certo receio de entrar. Tinha uma cachoeira alta, estávamos em um dos laguinhos depois da queda, eram vários. Éramos quatro ali. E então percebo que aquela árvore que avistei estava bem ali, enraizada próxima a margem oposta a que estávamos e ela estava forte, plena, tinha dado frutos, eram doces e redondos, tinham umas folhinhas amareladas eram pequenininhos, uma espécie de laranjinha, um pouco maior que uma jabuticaba

Então ao reconhecer a árvore agora frondosa, folhada e repleta de frutinhas, fui lá. Não entendi, mas queria sentir. Abracei e ouvi. Ouvi ruídos. Era seiva, nutrição, vida de árvore em

tronco, era oculto e também gritava aos meus ouvidos, palavras que não tinham formato de pronúncia, não tinham letras de escrever, mas senti e de alguma forma acolhi. Atordoada me afastei, preenchida de algo que não sei nomear, mas fui presenteada com a frutinha.

Sentei no banco da praça e comi como uma menina que se lambuza ao subir e pegar mangas no pé, a minha frutinha tinha caldo, bagaço e cheirava bem. Eu comi e minha outra amiga, que saiu da água, me trouxe mais e comemos juntas. Fechei os olhos e me tornei a menina, abri os olhos e continuei sendo a menina. Éramos crianças, nós duas, comemos a “Larajinha” nos deliciando e rindo contando histórias de insetos. E falei para ela: Você está sempre comigo nos momentos da minha vida. Que alegria ter você! Ela me abraçou com mãos lambuzadas e com suavidade.

Levantamos e fomos entrar na água, mas estava confusa, entre os espaços e tempos que estava imersa. Me senti rodopiando, então minha outra amiga me acolheu, me deitou no chão e disse que a conexão daquele tempo é desse tempo. Que da praça para a cachoeira era só fechar os olhos.

Então ouvimos um barulho e fumaça. Estava no ponto de ônibus recebendo a frutinha daquele senhor, e no morro verdinho algo acontecia, bem ali no pé. Percebi que podia ser no local daquela árvore que tinha me chamado atenção. Olhei e busquei com os olhos o que já estava prevendo. Aquela árvore parecia já não fazer mais parte daquela paisagem. Fui tomada por uma profunda tristeza. Vazio!

E minha outra amiga que seguia na água até então veio e me abraçou e disse: “Nada está realmente morto se olharmos do jeito certo”. Não compreendi. Mas ainda no ponto de ônibus com as frutinhas na mão, percebi a beleza do que ficava, o espaço da árvore que me chamou atenção, estava vazio e permaneceria, mas tinham sementes e da janela do ônibus fui percebendo no horizonte mais cinco, bem memores, árvores que pareciam ser da laranjinha. E em poucos segundos me senti menos triste.

Estávamos nós quatro saindo da cachoeira e então percebi que Morte é certeza, que traz sentimentos ruins, angustiantes, mas que lança a quem fica enxergar possibilidade de sentir aquela ausência de outra maneira, é início de quem fica; que Amor é tudo que nos embala nesse viver, amor é presença em todos os momentos e ela, Tempo, é abrangente, não é linear, é sinergia de espaços e sentimentos. É um presente.

Então abro meus olhos e sinto através do meu sonhar, que estava diferente e com um vigor e alegria para encaminhar o dia. Agradei as conexões e forças do cosmos que me guia, ampara e ensina.

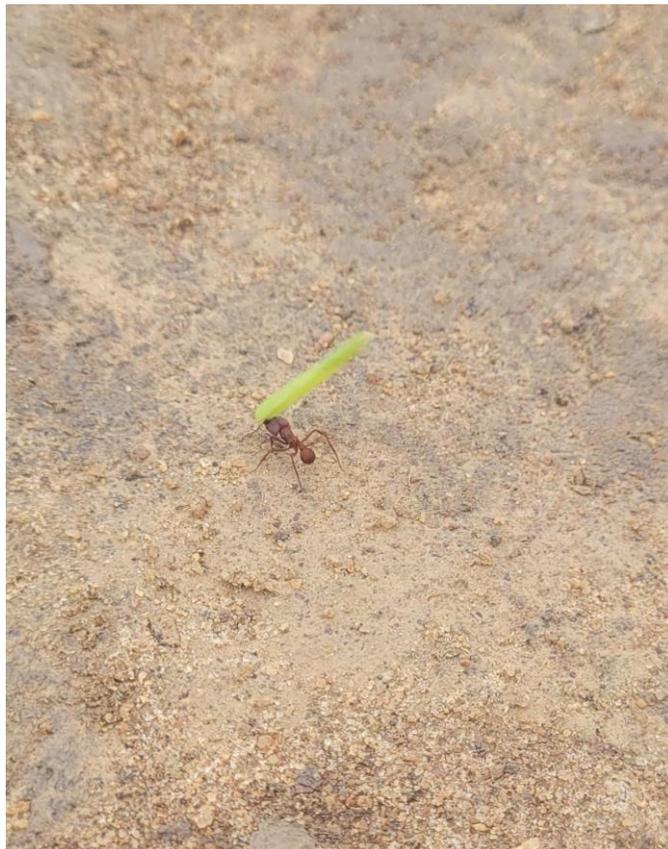
Somos atores protagonistas das cenas que recebemos da vida. Nem sempre estamos preparadas (es/os) para a ação, o palco assusta, intimida, mas tem horas que é isso: Vai! Da cochia ao palco. Com ou sem mestres. Vai e faz o seu melhor. “O espetáculo é o início de uma transformação social necessária e não tem um momento de equilíbrio e repouso. O Fim pode ser o começo” ( Boal, 2019, p. 19)<sup>93</sup>.

Esse texto é dedicado a todas (es/os) ex (des) orientadas (es/os) de Ruben Mattos, mas deixo especialmente minha dedicação à Bibiana, Elaine Maia, Gabriela Carvalho e Manuelle Mathias. Fomos a últimas cinco (des) orientadas. Ruben nos dizia: “ Estou muito bem e feliz com esse grupo de orientadas” (Ruben, 2020).

“Somos pessoas que podemos ajudar a construir um outro lugar. É isso! Construir seu legado”<sup>94</sup>. E o que é a memória que não a celebração de um reexistir? (Wargas, 2024).

E assim encerramos essa tese, como sementes de alguém que foi grande e que viveu a ética do amor. Seguimos na construção! Gratidão!

Figura 10: Seguimos...



**Fonte:** arquivo pessoal da autora

<sup>93</sup> O espetáculo no Teatro do Oprimido, onde a plateia é fundamental ao enredo da trama.

<sup>94</sup> Frase construída coletivamente na entrevista piloto para esta tese.

## LEITURAS QUE ME CONDUZIRAM

Aqui indicarei minhas leituras e usos para esta tese. Foram muitas aproximações tanto de teses, livros, artigos, como de poesias, vídeos, áudios, músicas. Pensando em uma tese-trajetória esse referencial será composto não somente de textos citados, mas por aqueles que foram relevantes para minha construção nesse percurso.

Informo ao leitor que alguns textos de nosso referencial não estão publicados, porém boa parte são divulgados, caso se interesse na leitura, me mande um email<sup>95</sup>

Começo por Benjamin Barreto. Suas poesias não estão publicadas, contudo, utilizo o próprio autor, através da poesia, para dizer a você:

Confissões preliminares

Confesso, minha poesia não tem razão. Ando a ouvir  
estrelas, mares, raios de sol e de lua. Ando a ouvir vozes.  
Vozes que cantam na minha alma.

Confesso, minha poesia é desafinada. Não tem diapasão  
poético. Não se afina, nem é fina. Tem forma  
deformada. É formada das emoções do meu coração.

Confesso, minha poesia é egoísta. Segue as vozes e as  
emoções. Surge como uma urgência da alma. Um canto  
que sai da vida, e que fala da minha vida. Meu canto da  
minha vida.

Confesso, apesar de desafinada, sem razão, deformada e  
egoísta, sonho que há de existir alguém que, ao ler  
minha poesia, abra um sorriso da alma, ou deixe nascer  
uma lágrima...

Confesso, sou autor desses ditos e escritos. Mas rogo  
por todos os amores que, se algum poema suscitar  
porventura algum sorriso ou alguma lágrima, se suscitar  
o desejo de partilha, que então ele seja declamado,  
proclamado, copiado, espalhado... Pois isso faz parte  
dos direitos do leitor...

Benjamin Barreto, grifo nosso

---

<sup>95</sup> Moraes\_bia@yahoo.com.br

Todas as poesias estão na lista de Poesias, nas páginas iniciais, mas deixo em destaque abaixo, minhas outras inspirações:

## REFERÊNCIAS

BARROS, M. Poesia Completa. São Paulo: LeYa, 2013. 493 p.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. 3ªed. Rio de Janeiro: Malê, 2017. 122p.

GALEANO, E. O Livro dos Abraços. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2014. 272p.

Agora seguirei trazendo o referencial em ordem alfabética. O material que utilizo não publicado deixarei logo após.

AGUIAR, A.C.P. Saúde e cuidado como produção de vida: para descolonizar e corazonar a Saúde Coletiva. Orientador: Marcelo Firpo de Souza Porto. Tese (Doutorado). Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro, 2023.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Revista Estudos Feministas, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 229, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880> . Acesso em: 20 set. 2024.

AYRES, J. R. C.M. Cuidado: trabalho e interação nas práticas de saúde. Rio de Janeiro: CEPESC – IMS/UERJ – ABRASCO. 1ª ed. 2009

BAPTISTA, T.W.F. Ruben Araujo de Mattos: uma homenagem. Physis: Revista de Saúde Coletiva, v.31, n.2, p. E310200, 2021.

BAPTISTA, T.W.F; MATTOS, R.A (orgs). Caminhos para Análise das Políticas de Saúde. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2015, 510p.

LOURENÇO, E.M.S.B. Texto sem título. Seminário Estratégico Ruben Mattos do Instituto de Medicina Social Hésio Cordeiro. 2022. Disponível em: <https://www.ims.uerj.br/wp-content/uploads/2022/12/Homenagem-ao-Ruben-Nov-2022-1.pdf> Acesso em 10 Jul 2024

BENEDITO, S. ROSA. Sankofiano os vestígios do Movimento Negro na RSB: um olhar americano em busca do que ficou esquecido. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social Hésio Cordeiro (IMS/UERJ), 2023.

BIRMAN, J. A Physis da Saúde Coletiva. Physis – Revista Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v1(1), 1991. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-) Acesso em 13 jan, 2020.

BOAL, A. Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. São Paulo: Editora 34 Ltda. 2019. 231p.

BONDIÁ, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação[on-line].2002,v.19.Disponível:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=t>.

Acesso em 02 de maio 2022.

BRAGA, G.Z.B. Cartas para minha vó: um dedo de prosa sobre práticas e cuidado e formação em saúde. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal Fluminense, 2023.

COSTA, J.F. Prefácio. In: Parker, Richard. A Construção da Solidariedade: aids, sexualidade e política no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; ABIA: IMS, UERJ, 1994, p. 11-15.

DARMONT, M. Q.R. Memórias, Trajetórias e Experiência no Campo do Cuidado às Pessoas Vivendo com HIV/AIDS: Uma Autoetnografia. Orientadora: Martha Cristina Nunes Moreira. Dissertação. (Mestrado em Saúde Coletiva), Instituto Nacional de Saúde da Mulher da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2022.

FLORES, J.A. Nos bastidores da gestão da saúde pública: Ensaio-discussão sobre um itinerário por lugares onde habita o poder gestor. Orientador: Kenneth Rochel de Camargo Jr. Tese (Doutorado). Programa Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social Hélio Cordeiro, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2023.

FOUCAULT, M. Crise da Medicina ou Crise da Antimedicina<sup>96</sup>. Revista Verve. [on-line]. 2010, v.18. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/8646>. Acesso em 24 set. 2024

FREIRE, I.M. Tecelãs da existência. Revista Estudos Feministas, v.22, n.2, p. 565-584, maio 2014.

GARCIA, D.V. DicioInácio. Rio de Janeiro: Ed. Da Autora, 2023, 61p.

GONÇALVES, L.A.P. Sobre a história viva do Instituto de Medicina Social. Orientador: André Luís de Oliveira Mendonça. Tese (Doutorado). Programa Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2018.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. Em: Por um feminismo afro latino americano . 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 127–138.

GONZALEZ, L. Racismo E Sexismo Na Cultura Brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, v. Anpocs, p. 223–243, 1984.

GUERRERO ARIAS, P. Un pacto de ternura con la vida: Corazonando para poetizar lateoría desde la fuerza espiritual de la música y el canto. Cuenca, Ecuador: Editorial Universitaria Abya-Yala. 2020. 109p. Disponível em: <https://dspace.ups.edu.ec/bitstream/123456789/20350/1/Un%20pacto%20de%20ternura%20con%20la%20vida.pdf> Acesso em 01 set. 2024.

\_\_\_\_\_, P. Corazonar la dimensión política de la espiritualidad y la dimensión espiritual de la política. Revista Acadêmica Alteridad. v.6, n.1. p. 21-39. 2011. Disponível em: <https://alteridad.ups.edu.ec/index.php/alteridad/article/view/1.2011.02> Acesso em 10 set. 2024.

<sup>96</sup> Texto publicado no Brasil apenas em 2010, porém já circulava na versão em espanhol desde os anos 70.

\_\_\_\_\_, P. Corazonar el sentido de las epistemologias dominantes desde las sabidurías insurgentes, para construir sentidos otros de la existência (primera parte). [s.l.]. Calle14. v. 4, n 5. p. 80-95. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2790/279021514007.pdf> Acesso em 10 set. 2024.

hooks, b. Tudo sobre o amor. Novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021

\_\_\_\_\_, b. Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

KILOMBA, G. Memórias de Plantação. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.

KRENAK, A. Um rio um pássaro. São Paulo: Dantes Editora, 2023. 92p.

\_\_\_\_\_, A. O futuro é ancestral. São Paulo: Companhia das Letras. 2022. 122p.

\_\_\_\_\_, A. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras. 2020a. 126p.

\_\_\_\_\_, A. Ideias para adiar o fim do mundo. 2ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras. 2020b. 102p.

LIMULJA, H. Mari hi. A Árvore dos Sonhos. São Paulo: Ubu Editora, 2023. 48p.

\_\_\_\_\_, H. O Desejo dos Outros. Uma etnografia dos sonhos Yanomamis. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 192p.

MATTOS, R.A. As Políticas nacionais de alimentação e nutrição e as trajetórias institucionais dos direitos à saúde e à alimentação. Cadernos de Saúde Pública, v. 37, p. e00149120, 2021.

\_\_\_\_\_, R.A. Ciência, metodologia e o trabalho científico (ou tentando escapar dos horrores metodológicos). In: BAPTISTA, T.W.F., and MATTOS, R.A. orgs. Caminhos para Análise das Políticas de Saúde. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2015a, p. 29-81.

\_\_\_\_\_, R. A. Ciência, Metodologia e Pesquisa Científica: anotações segundo a perspectiva construcionista.. In: Baptista, T. W. F.; Azevedo, C. S.; Machado, C.V.. (Org.). Políticas, Planejamento e Gestão em Saúde: Abordagens e Métodos de Pesquisa. 1ed.Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015b, v. 1, p. 59-80

\_\_\_\_\_,R.A. Em defesa do pluralismo epistemológico. Ciência e Saúde Coletiva ( Impresso), v.16, p. 22-24, 2011.

MATTOS, R. A.. (Re)visitando alguns elementos do planejamento situacional: um exame crítico de algumas das contribuições de Carlos Matus. Ciência & Saúde Coletiva, v. 15, p. 2327-2336, 2010

\_\_\_\_\_, R. A.. Princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e a humanização das práticas de saúde. Interface (Botucatu. Impresso) JCR, v. 13, p. 771-780, 2009a.

MATTOS, R.A. Os Sentidos da Integralidade: algumas reflexões acerca de valores que merecem ser defendidos. In: PINHEIRO, R.; MATTOS, R.A. (Org.). Os Sentidos da Integralidade na Atenção e No Cuidado à Saúde. Rio de Janeiro: CEPESC, IMS/UERJ, ABRASCO. 8ª Edição, 2009b. P. 43-68.

\_\_\_\_\_, R.A. Integralidade, trabalho, saúde e formação profissional: algumas reflexões críticas feitas com base na defesa de alguns valores. In: MATTA, GC., and LIMA, JCF. orgs. Estado, sociedade e formação profissional em saúde: contradições e desafios em 20 anos de SUS [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2008a, pp. 313-352.

\_\_\_\_\_, R. A.. A integralidade na prática (ou sobre a prática da integralidade). Cadernos de Saúde Pública (ENSP. Impresso), Rio de Janeiro, v. 20, n.5, p. 1411-1416, 2004a.

\_\_\_\_\_, R.A. Cuidado prudente para uma vida decente. In: Pinheiro, R.; Mattos, R.(Org.). Cuidado: as Fronteiras da Integralidade. 1ed. São Paulo: HUCITEC, 2004b, v.1, p. 119-132.

\_\_\_\_\_, R.A; VIANA, C.M.; CARMARGO JR., K.R. Paradigmas, Ciência e Saber Médico: Uma discussão. Rio de Janeiro: UERJ/IMS,1993. 52p. (Séries Estudos em Saúde Coletiva, n. 31)

MENDONÇA, A.L.O; FIGUEIREDO, N.N. Como se faz uma tese... descolonizada. Realis – Revista de Estudos AntiUtilitaristas e Póscoloniais, v. 12, n. 2, p. 7-32, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/realis/article/view/253809/pdf> Acesso em 10 maio 2024.

REIS, João Carlos. Historiografia e Quilombo na obra de Beatriz Nascimento. 2019. 21 p. Artigo de conclusão de curso (História - licenciatura) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, 2019

RIBEIRO, S. Sonho Manifesto. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 205p.

\_\_\_\_\_, S. O Oráculo da noite. A história e a ciência do sonho. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019. 459p.

PRATES, P.R. Símbolo do Coração. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 12, n. 3, p.1025-1-31, set. 2005.

REZENDE, M. Integralidade e Confluência De Saberes: Como Ampliar A Formação Dos Profissionais De Saúde Para Fazer Sentido Nos Dias Atuais?. In: BRASIL, Ministério da Saúde. Olhares sobre Educação. Ministério da Saúde, Secretaria Executiva, Superintendência Estadual do Ministério da Saúde no Rio de Janeiro. 1ª. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2021, p. 20-28.

RUSSO, J. A. Texto sem título. Seminário Estratégico Ruben Mattos do Instituto de Medicina Social Hésico Cordeiro. 2022. Disponível em: <https://www.ims.uerj.br/wp-content/uploads/2022/12/HOMENAGEM-RUBEN-MATTOS.pdf> Acesso em 08 Jul 2024

SANTOS, A.B. A Terra dá, a Terra quer. São Paulo: Ubu / Piseagrama, 2023, 112p.

\_\_\_\_\_, A. B. Colonização, Quilombos, Modos e Significados. Brasília: INCTI/UnB, 2015

SILVA, R.C.C. Pelo Espelho de Oxum: reflexões e Reflexões de trabalhadoras negras sobre educação Permanente em Saúde. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal Fluminense, 2023.

SOUSA, F. B. Corazonar o pensar e o fazer pesquisa em educação como proposta para metodologias outras: esboços germinais. *Revista Cocar, [S. l.]*, v. 11, n. 22, p. 248–266, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/1606>. Acesso em: 20 set. 2024.

\_\_\_\_\_, F. B. Sentindo ideias, germinando saberes: Movimentos de Apropriação (Afetiva) da Política de Territórios Etnoeducacionais por Professores Kaingang e Guarani no RS. Orientadora: Maria Aparecida Bergamaschi. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

SPINK, M. J.; MENEGON, V. M. A pesquisa como prática discursiva superando os horrores metodológicos. In: Spink, M. J. org. *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano[edição virtual]*. São Paulo, SP: Cortez, 1999, p. 42-70.

VIEIRA, P. H. O amor como Revolução. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

VISCARDI, J. Escrever sem medo. Um guia para todo tipo de texto. São Paulo: Planeta do Brasil, 2024.

### **Material não publicado**

BAPTISTA. História de Ruben e seus ensinamentos. Mensagem recebida por <email> em 30 jul. 2023.

Ruben Araújo de Mattos. Entrevista concedida a Leandro Augusto Pires Gonçalves. Rio de Janeiro, 25 set. 2017.

MATTOS, R. A. Sobre o ato de escrever, 2008b.

MATTOS, R. A. Uma despedida (carta aberta de Ruben Mattos). 2009.

MENDONÇA, A.L.O. Carta Póstuma ao Filósofo-Poeta da Sala de Aula. 2021.

## APÊNDICE A - Carta ao meu irmão

### Carta ao meu irmão

Tem alguns anos que quero te escrever mas sou tomada por tantos sentimentos diferentes que nunca consegui superar e partir para essa conversa. Vou tentar!

Faz algum tempo a sua partida, foi em 2012. Escrevo essa carta aterrada ao ano de 2024, são doze anos que não te encontro, que não falamos, que não nos vemos. Tenho muita saudade de você!

Olho para trás e me pergunto aonde estava em tantos momentos da sua vida, que não sei contar as histórias, sou tomada por culpa; ao mesmo tempo olho e me enxergo em tantas memórias com você, tanto nos momentos alegres, como tristes, e aí sou tomada por uma gratidão imensa; olho para trás e me preencho de alegria, sorrio e ao mesmo tempo enquanto escrevo essas palavras, meus olhos marejam. To reaprendendo na vida adulta a chorar, às vezes acho que deixei tudo que tinha para chorar entre os dias 22 e 23 de setembro de 2012, quando você foi. É um exercício me permitir sentir, chorar, ouvir os recados que as confluências do invisível e a natureza me proporcionam.

Irmão, conto para todo mundo dos nossos momentos de risadas, das lembranças que tenho da nossa infância. Tantas histórias! Lembro dos momentos difíceis, das datas comemorativas, aniversários, seus tratamentos, nossas idas aos hospitais. Lembro da dor de sentir a probabilidade de perder, lembro da dor de te perder, e agora sinto a dor da saudade, repleta de aconchegos de alma, de gratidão e aprendimentos.

Queria te contar tudo o que aconteceu desde 2012, mas vou resumir a algumas coisas que sei que você gostaria de saber: Seu primeiro sobrinho, Helder, está com 12 anos, sabia? Pois é, um adolescente e seu segundo sobrinho fez 9 anos, Gabriel. Você não conheceu ele, mas ele te conhece de nos ouvir contar. Os dois conhecem o tio Ernani; Nossa mãe está por aqui, agradeço ao universo por isso, mora no apartamento que ela comprou para você morar. Bom, ela está agora com 75 anos, continua fumando, fazendo cuscuz, comidinhas deliciosas, segue sendo caseira e cuidadora das pessoas; Por aqui temos só um tio, Tio Ulisses, os outros três estão por ai próximo de você; Aninha, nossa prima, já está com 30 anos, tá linda e ralando muito. Ah, e descobriu que tem uma irmã, filha do tio Jorge. Ele nem conheceu; Seus irmãos

estão cada um em um lugar, mas todos bem e seguindo a vida da melhor maneira possível; Seu pai mora em outro estado. Não tenho tantas notícias, mas sei que também está bem; nosso vó Romário faz alguns anos que ele partiu; Jorge e Nathália, seus melhores amigos, seguem juntos e agora além do Vitor, que você conheceu e já é grandão, também tem a Aurora. Uma menina linda!; Tati, que foi sua companheira, acabou não terminando o curso de enfermagem, mas seguiu por outros caminhos de vida profissional, teve um filho e continua linda. Por fim, nossa mãe cuidou da Lila, sua cachorrinha, durante anos, mas faz algum tempo que ela também partiu. Nossa família tá pequenina, mas estamos juntos.

Sobre coisas aleatórias que acho que você gostaria de saber: Agora estamos usando cotidianamente um aplicativo chamado Whatsapp, que nos possibilitou conversar de forma mais rápida com as pessoas, como também criar grupos de conversa; Temos ainda coca-cola, miojo e Gabriel ama comida japonesa; sua banda de metal<sup>97</sup>, Hatefulmurder, segue tocando e agora tem uma mulher como vocalista. Acho o máximo!; Seu computador ainda é o que nossa mãe usa; Sua braçadeira do Bruce Dickinson está com um dos seus irmãos e seu contra-baixo na casa da nossa mãe. Ela acompanhou a banda por muitos anos, indo em vários shows, virou convidada de honra e cumpriu o combinado de ir ao primeiro show da turnê internacional. Fomos no primeiro show da banda fora do Brasil, que foi no Chile. Só para esse show e essa viagem se te contasse o que passamos, você se jogaria no chão de tanto rir. Que viagem!

Sobre política, passamos por maus momentos nesse país, primeiro um impeachment da primeira presidenta, uma mulher, do Brasil. Sofremos um golpe no país e logo em seguida uma eleição catastrófica que nos renderam quatro anos de um presidente que nem ousou digitar o nome, acredito que atraia energia ruim, pode rir, vai... Enfim, conseguimos superar e nesse momento Lula é nosso presidente.

São 12 anos de histórias para contar, que não tenho como escrever em linhas. Me sinto sozinha muitas vezes, mas passa. Me fortaleço. Queria te dizer que aprendi com você a não reclamar da vida, a agradecer e viver da melhor forma possível, como você viveu.

Quero te agradecer por ter sido meu irmão nessa terra física. Você me ajudou a ser uma pessoa melhor. Sigo por aqui, cuidando e sendo cuidada e um dia nos encontraremos.

Você é inspiração para mim!

Bianca Moraes Assucena – 18/04/2024

---

<sup>97</sup> Ernani era contra-baixista na banda

**APÊNDICE B - Aos passarinhos dessa tese**

Aos passarinhos dessa tese

Passarinhos  
Soltos a voar dispostos  
A achar um ninho  
Nem que seja no peito um do outro

Emicida

Meu canto ecoou

Trinamos

Obrigada por voarem comigo em exuberância!

Obrigada por despertarem em mim meu canto apassarinhado!

Meus amigos passarinhos,

Essa tese canta com vcs

Aos que em curiosidade, liberdade e amorosidade  
se lançam a conhecer nosso amigo Ruben Mattos

Estão nos conhecendo também.

**APÊNDICE C - Uma carta de afeto para Pessoas em Puerpério. O que nunca ninguém me falou**

**Uma carta de afeto para Pessoas em Puerpério  
O que nunca ninguém me falou**

Viver o puerpério é um dos maiores desafios da vida. É cheio de descobertas e reinvenções. Olhando para trás fico pensando que seria melhor ter escutado coisas como:

- 1) É ruim e pode ser bom e tá tudo bem. Vai ficando menos pior;
- 2) Você não faz ideia de quem irá nascer. Não crie expectativas;
- 3) Não se iluda, você ainda não conhece seu bebê, vai conhecendo aos poucos, depois que nasce, da mesma forma que também vai te conhecendo. Tudo bem não se sentir feliz;
- 4) Tudo bem ter a sensação de arrependimento. Tudo é processo;
- 5) Tente cuidar de você um pouquinho. Não dá muito não, mas aceite ajuda;
- 6) Se precisar quebre as regras que você inventou ou inventaram para você. Imprima a rotina que é possível viver;
- 7) Coma o que quiser;
- 8) Quem sabe sobre seu bebê é você, somente aceite as opiniões que você queira;
- 9) Não tem problema chorar. Cuide de você também;
- 10) Ao menor sinal de que não está dando conta, peça ajuda;
- 11) Apoio emocional não é balela.

Tá parecendo livreto de auto-ajuda, mas isso aqui, é uma liberdade, gente. Sempre quis, de verdade, dizer isso para as pessoas com recém-nascidos (RN). Uma amiga que estava enfrentando um puerpério bem difícil do seu primeiro filho, me disse o seguinte: “ Se a mulher é oprimida, a mulher mãe é oprimida dobrado”.

São muitas expectativas sociais e nem todas as pessoas com RN conseguem ter rede de apoio, ou sequer, companheiro ou companheira para dividir o trabalho com o bebê e muito menos o trabalho doméstico. Pessoas com RN sozinhas, em situação de vulnerabilidade, privadas de liberdade, são tantas situações. Aqui uso o termo “ Pessoas com RN” no lugar de “mãe”, em respeito as novas formações de famílias e possibilidade de homens serem os

parturientes. Podemos viver esse momento de forma feliz, na verdade esse é o esperado, mas também podemos simplesmente estar passando por um momento não muito festivo e alegre e tá tudo bem.

O puerpério é um momento de muita desconexão para recriação. É preciso se permitir se despedir de quem era e aos poucos de entender a partir de quem está se tornando.

Se você leu essa carta e passou de forma tranquila e feliz pelo puerpério, que bom que está aqui. Desejo de coração que todas as pessoas com RN sejam livres e possam ir experienciando viver sua maternidade/paternidade, desde que optem por isso, de forma respeitosa, encontrando alegrias e se preenchendo de afeto. Isso é cuidado!

Um abraço apertado em cada uma (e).

**APÊNDICE D - Ementa da disciplina “ Ruben Mattos: Seus caminhos pela saúde coletiva”**

**Ementa da disciplina “ Ruben Mattos: Seus caminhos pela saúde coletiva”**

| Programa de Pós – Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente / IFF/ Fiocruz e Programa de Saúde Coletiva/IMS/UERJ  |             |  |  |
|--|-------------|--|--|
| Ruben Mattos: Seus caminhos pela saúde coletiva  |             |  |  |
| DEPARTAMENTO: PPAS e   |             | PROFESSORES: André Mendonça e Tatiana Wargas |  |
| ANO:   | 2023        | CÓDIGO:                                      |  |
| SEMESTRE:  | 1           | CARGA HORÁRIA / CRÉDITOS:                    | 30h / 2 créditos                               |
| INÍCIO (dia/mês):  | 28 de Março | DIA DA SEMANA/HORÁRIO                        | Terças - Feiras (Quinzenais)<br>De 9:30 às 12h |
| TÉRMINO (dia/mês):   | 04 de Julho |  |  |
| DISCIPLINA   |             |  |  |
| “Ruben Mattos: Seus caminhos pela saúde coletiva” - Obs.: Não há pré-requisito   |             |  |  |
| EMENTA E PROGRAMA DETALHADOS:  |             |  |  |
| <p>A disciplina “<b>Ruben Mattos: Seus caminhos pela saúde coletiva</b>” objetiva construir memórias sobre Ruben Mattos. Queremos a partir da conversa debater sobre os caminhos teóricos e de vida de Ruben para construir conhecimento na saúde coletiva. Pretendemos trazer discussões dentre os principais núcleos de debate de Ruben Mattos. Contaremos com alguns convidados que foram parceiros de Ruben e que podem nos ajudar a construir coletivamente essas memórias.</p> <p>Essa disciplina é antes de tudo uma homenagem, mas também um dever solidário de reconhecimento de alguém que foi um grande militante defensor do SUS e da Educação pública brasileira.</p> |             |  |  |
| BIBLIOGRAFIA INDICADA:   |             |  |  |

hooks, B. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021

BAPTISTA, T. W. F. ; MATTOS, R. A. . SOBRE POLÍTICA (ou o que achamos pertinente refletir para analisar políticas). In: Mattos, R. A.; Baptista, T. W. F.. (Org.). Caminhos para análises de políticas de saúde. 1ed.Porto Alegre: Rede UNIDA, 2015, v. 1, p. 83-149

IGNACIO, M. V. M. ; Mattos, R. A. . O Grupo de Trabalho Racismo e Saúde Mental do Ministério da Saúde: a saúde mental da população negra como questão. Saúde em Debate, v. 43, p. 66-78, 2019

MATTOS, R. A.. Os sentidos da integralidade: algumas reflexões acerca de valores que merecem ser defendidos. In: Roseni Pinheiro; Ruben Mattos. (Org.). Os sentidos da integralidade na atenção e no cuidado à saúde. 1ed.Rio de Janeiro: , 2001, v. 01, p. 39-64

MATTOS, R. A.. A integralidade na prática (ou sobre a prática da integralidade). Cadernos de Saúde Pública (ENSP. Impresso) , Rio de Janeiro, v. 20, n.5, p. 1411-1416, 2004

MATTOS, R. A.. Integralidade, Trabalho, Saúde e Formação Profissional: algumas reflexões críticas feitas com base na defesa de alguns valores. In: Gustavo Corrêa Matta, Julio César França Lima. (Org.). Estado, Sociedade e Formação Profissional: contribuições e desafios em 20 anos de SUS. 1ed.Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008, v. 1, p. 313-352

MATTOS, R. A.. Princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e a humanização das práticas de saúde. Interface (Botucatu. Impresso), v. 13, p. 771-780, 2009

MATTOS, R. A. Em defesa do Pluralismo epistemológico. Debatedores. Ciência e Saúde Coletiva. V. 6 (1), Jan. 2011

MATTOS, R. A.. CIÊNCIA, METODOLOGIA E O TRABALHO CIENTÍFICO (ou tentando escapar dos horrores metodológicos). In: Mattos, R. A.; Baptista, T. W. F.. (Org.). Caminhos para análises de políticas de saúde. 1ed.Porto Alegre: Rede Unida, 2015, v. 1, p. 29-81

MATTOS, R. A.. BREVES REFLEXÕES SOBRE OS CAMINHOS DA PESQUISA. In: Mattos, R. A.; Baptista, T.W. F.. (Org.). Caminhos para análises de políticas de saúde. 1ed.Porto Alegre: Rede UNIDA, 2015, v. 1, p. 403-426

MATTOS, R.A. Sobre o Ato de Escrever. Não publicado

RORTY, R. Contingência, Ironia e Solidariedade. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

**TIPO DE AVALIAÇÃO:**

**APÊNDICE E - Cards de Divulgação da Disciplina: “Ruben Mattos: Seus Caminhos pela Saúde Coletiva”**



aquilo que me dá mais prazer é a conversa...

Ruben Mattos

**Disciplina**

## **Ruben Mattos: Seus caminhos pela saúde coletiva**

**Professores Responsáveis:**

Tatiana Vargas – IFF/ Fiocruz

André Mendonça – IMS/UERJ

### **Inscrições**

Discentes do IFF: De 27/02 a 03/03 – Pelo Sigass

Discentes do IMS: De 28/02 a 05/03

Alunos externos:

IFF: De 06/03 a 08/03 pelo email:

[pscom.iff@fiocruz.br](mailto:pscom.iff@fiocruz.br)

IMS: De 28/02 a 05/03 pelo email:

[secretaria@ims.uerj.br](mailto:secretaria@ims.uerj.br)



**A disciplina acontecerá em formato presencial  
Terças-feiras ( Quinzenais)**

**Data de Início: 28/03/23 - 9:30h às 12h**

Faremos encontros temáticos

**Nosso primeiro encontro será um momento de conversas com ex-orientandos**



aquilo que me dá mais prazer é a  
conversa...

Ruben Mattos

Disciplina

## Ruben Mattos: Seus caminhos pela saúde coletiva

1º Encontro: Garrafas ao Mar  
Conversas com ex-orientandos

Sugestão de leitura:

- 1) Box 6 do livro de Caminhos - <http://historico.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/serie-interlocucoes-praticas-experiencias-e-pesquisas-em-saude/caminhos-para-analise-das-politicas-de-saude-pdf> – Páginas: 74 a 77;
- 2) Sobre o ato de escrever – Quem não tiver o texto favor solicitar no email: " Moraes\_bia@yahoo.com.br"



Dia: 28/03/2023  
Horário: 9:30h às 12h  
Local: IMS  
Sala: 6021



Disciplina

## Ruben Mattos: Seus caminhos pela saúde coletiva

Dia: 11/04/2023  
Horário: 9:30h às 12h  
Local: IMS  
Sala: A definir

Sugestão de leitura

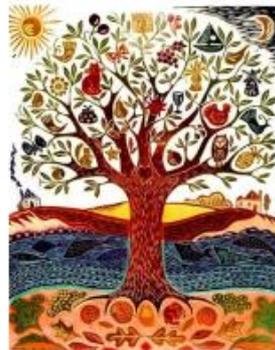
- 1) CIÊNCIA, METODOLOGIA E O TRABALHO CIENTÍFICO (ou tentando escapar dos horrores metodológicos)

<http://historico.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/serie-interlocucoes-praticas-experiencias-e-pesquisas-em-saude/caminhos-para-analise-das-politicas-de-saude-pdf> – Páginas: 29 a 81

- 2) Paradigmas, Ciência e Saber Médico: Uma discussão <https://www.ims.uerj.br/wp-content/uploads/2017/05/SESC-031.pdf>

2º Encontro

Quebrando o Paradigma de  
Paradigmas





Disciplina **Ruben Mattos: Seus caminhos pela saúde coletiva**



3º Encontro

Planejamento Autorreferencial e Solidário

Convidada: Prof. Dra. Carmem Teixeira - UFBA

**Dia: 25/04/2023**  
**Horário: 9:30h às 12h**  
**Local: IMS**  
**Sala: 6021**

Sugestão de leitura

1) "Ciência, Metodologia e Pesquisa Científica: anotações segundo a perspectiva construcionista"

Livro: "Políticas, planejamento e Gestão em Saúde . Abordagens e métodos de pesquisa"



Disciplina **Ruben Mattos: Seus caminhos pela saúde coletiva**

4º Encontro

Revisitando os Sentidos de Integralidade

Professores Convidados: Prof. Dra. Roseni Pinheiro – IMS / UERJ  
 Prof. Dr. Aluisio Gomes – ISC / UFF  
 Prof. Dr. Ricardo Teixeira – FMUSP



**Dia: 09/05/2023**  
**Horário: 9:30h às 12h**  
**Local: IMS**  
**Sala: 6021**



Sugestão de leitura

Texto: "Os Sentidos da Integralidade: algumas reflexões acerca de valores que merecem ser defendidos"

Autor: Ruben Mattos  
 Ano: 2001



Disciplina **Ruben Mattos: Seus caminhos pela saúde coletiva**

**5º Encontro**

Por uma formação mais bela e feliz!

Dia: 23/05/2023  
Horário: 9:30h às 12h  
Local: IMS  
Sala: 6021

**Sugestão de leitura**

Texto: "Integralidade, trabalho, saúde e formação profissional: Algumas reflexões críticas feitas com base na defesa de alguns valores"

Autor: Ruben Mattos  
Ano: 2008



Disciplina **Ruben Mattos: Seus caminhos pela saúde coletiva**

**6º Encontro**  
Cuidar do Cuidado Nutricional!

Olhem quem já confirmou:

Luciene Burlandy – UFF  
Inês Rugani – UERJ  
Fernanda Brito – UFRJ



Dia: 06/06/2023  
Horário: 9:30h às 12h  
Local: IMS  
Sala: 6021

**Sugestão de leitura**

Texto: As políticas nacionais de alimentação e nutrição e as trajetórias institucionais dos direitos à saúde e à alimentação

Autor: Ruben Mattos  
Ano: 2021



Disciplina **Ruben Mattos: Seus caminhos pela saúde coletiva**



**7º Encontro**

**Descolonizando saberes e práticas**

Convidado: Dr. Felipe Cavalcanti

Dia: 20/06/2023  
Horário: 9:30h às 12h  
Local: IMS  
Sala: 6021

**Sugestão de leitura**

Texto: Cuidado Prudente Para Uma Vida Decente  
Autor: Ruben Mattos  
Ano: 2006



Disciplina **Ruben Mattos: Seus caminhos pela saúde coletiva**



**Encontro Final**

**Saraula para Ruben Mattos**

no limite, 10 anos, eu não estarei mais no Instituto de Medicina Social... e é vibrar com a novidade, que vai brotando um pouco por toda a parte

*Ruben Mattos*

Dia: 27/06/2023  
Horário: 9:30h às 12h  
Local: IMS  
Sala: 6021

Ouvi falar de um tal de Bernardo,  
"O único homem que alcançou de ser árvore"  
E fiquei desejando arvorecer

*Benjamin Barreto*

**APÊNDICE F - Carta ao filósofo-poeta da sala de aula****Carta ao filósofo-poeta da sala de aula**

Querido Ruben, Querido Benjamin,

Quero nesse momento te contar um pouco do que aconteceu após 25 de dezembro de 2020, o dia que você teve que seguir para outro rumo de viver (Não foi opcional, meu querido!). Quero te dizer primeiro que a saudade é imperativa dos nossos corações desde então, mas estamos aqui seguindo e aprendendo a seguir, fazendo novas conexões, encontrando novas parcerias, dando à saudade o lugar do quentinho do coração, mas a alegria de ter te conhecido um espaço maior.

Você fez história, sabia? Tem notícias por aí? Você talvez tenha ido para esse outro lugar sem ter a ideia do quão querido e admirado era. Pois é! Talvez não esteja com tempo nos seus novos afazeres para saber um pouco dessas coisas por aqui, até por que, seu olhar para nós certamente deve ser emoção e ternura e não de valorização da sua história. Mas aqui faremos o movimento contrário, teremos história, mas com emoção e afeto. Quero muito que saiba, que estou eu aqui, com Tati e André, olha que trio lindo!, nos empenhando em falar de você. Não se pergunte porque, ou talvez se pergunte e lembre por onde caminhou. Queremos contar um pouco dos seus passos e trajetória dentro do que de melhor, na sua vertente acadêmica, você fez, como ser professor e defensor desse SUS tão potente, que está tão sucateado e em risco.

Vou fazer só uma pausa antes de prosseguir, porque sei que deve estar empolgado com a parceria que te falei. Vamos lá! Após o dia 25, segui junto com as meninas: Bibiana, Elaine, Manu e Gabi, nos apoiando muito, nos fortalecendo, fazendo até terapia coletiva, para aguentarmos o tranco e termos coragem de seguir. Naquele momento parecia ser impossível! Manu estava em seu processo final de arrumar o texto para entrega, após travas e tensões, ela conseguiu e agora já é professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), sabia? Muito orgulho, não é?. Ela foi sua última defesa; Seguimos por Gabi que estava no momento de transcrição de suas entrevistas e não conseguia voltar mais para esse trabalho, porque aquilo

tudo era com você, mas com apoio de Tati e Kenneth, ela segurou firme e acredite, olha que lindeza, ela acabou e foi brilhante como você já sabia. Ela foi sua última qualificação de doutorado; Bibiana, lembra da discussão dela sobre Redes em Saúde?, André a acolheu, assim como a mim e Elaine, e ela fez uma das dissertações mais incríveis que já li, um trabalho brilhante sobre as contribuições de Luís Cecílio e Vilaça sobre redes, você ficaria muito orgulhoso de como ela juntou os caquinhos do coração dela e conseguiu fazer o que fez. Foi lindo demais! Ela foi sua última orientação de mestrado; Elaine, é poesia pura, com afeto e amor que transborda quando fala, quando abraça, quando escreve. Após sua partida, Elaine se perguntava porque esperou tanto tempo para um mestrado e quando entra, tudo acontece, pandemia e sua partida. Foi difícil demais para todas nós, mas Elaine teve pouco tempo de conversa com você, por isso foi tão doido pra ela também, ela queria mais e mais. Mas ela qualificou o projeto e entre questões sobre quais referências usar, não tenho referências, tô sem fôlego... Ela conseguiu! E fez O texto, Ruben. Somente ela conseguiria com tão pouco tempo de aproximação expressar tanto de você no texto dela. Ela é muito emoção! Em breve ela irá defender e será certamente um daqueles momentos que quem participa não esquecerá mais. Muito orgulho dela! Ela foi sua última nova orientação de mestrado; Bom, ai tem eu, sabe, fiquei perdida e desestimulada, os primeiros meses sem você foram impossíveis não só para mim, como para nós cinco, mas do acaso ao concreto, fui seguindo, mas não sozinha.

Sobre a parceria, André me acolheu logo após a sua partida. Olha ele é exatamente como você falava, um querido com um coração enorme. Te confesso que segui na tentativa de escrever o que prevíamos lá na seleção do doutorado, lembro que você vibrava, lembra?, mas sua ausência física, me tirou esse brilho. André e a minha mais nova parceira, Tati, que também me acolheu, olha que privilégio meu ter esses dois comigo, me apoiaram dentro dos meus limites e tempos a me enxergar e encontrar o que de fato ainda fazia sentido. E para mim só fazia sentido contar a história da sua contribuição nas histórias das pessoas e da saúde coletiva brasileira. E assim eu tô seguindo, pode parecer estranho, mas vamos nós quatro para esse meu escrever de encontrar sentidos e criar memórias.

De Tati e André eu estou aqui sugando o que sabem, conhecem e viveram com você e a organizar isso tudo em páginas aos leitores. De você eu peço energia e boas vibrações. Esteja conosco, meu querido! Eu fui sua última orientanda de doutorado! Meu contextualizar foi grande, não é? Mas não podia ser diferente. Nos esforçaremos para que você siga entre nós! Suas contribuições serão nossas. Queremos com esse trabalho jogar garrafas ao mar e levar esse *mix* de contribuições e afetos para onde quer que seja, a afetar a quem quer que seja.

Depois dessa longa pausa, retomo ao que estava te contando, você fez sua passagem no

natal, no dia de esperar amor e união e encontrar os nossos. Sua energia vital ficou em nós. Hoje percebemos seus traços em tantas coisas, em falas nossas, em nossos olhares, as vezes até escuto você pronunciar aquelas palavras que você falava muito nas nossas conversas, vou escrever aqui do jeito que você falava para proporcionar aos nossos leitores a experiência. Era mais ou menos assim: Oukay!, Enntão!, Ísso!, Vamos?. Essa lembrança é muito pessoal, mas tenho que te contar que não só as nossas memórias afetivas se fizeram presentes e olha que foram muitas, mas também memórias institucionais.

Você recebeu homenagens e mensagens de adeus de muitos lugares, deixa eu te citar alguns: Associação brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), Rede Unida, IMS, Conselho Nacional de Saúde (CNS), Fiocruz, Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (ABIA), Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (CEBES) , tá vendo? E um dos principais relatos de todas as instituições, foi falando o quanto você foi um dos maiores defensores do SUS e da educação pública no Brasil, em toda a sua trajetória de vida e ainda um professor talentoso, dedicado e entusiasmado. Olha alguns relatos:

Neste 25 de dezembro de 2020, um dia chuvoso no Rio de Janeiro, recebemos a notícia do falecimento do professor Ruben Araújo de Mattos. Médico, professor, amigo, companheiro, Ruben era acima de tudo um homem bom. Admirado pelos colegas e alunos, exercia o magistério no Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (REDE UNIDA)

Era uma pessoa com grande carisma e capacidade de agregar ideias e ideais, com atuação fundamental na formação de estudantes de medicina da Faculdade de Ciências Médicas da UERJ e de vários profissionais do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva. Ficam o seu sorriso largo, a generosidade, o bom papo, o brilhantismo e a defesa incansável do SUS. (IMS)

O médico e professor-associado do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ) está marcado na história como um dos grandes defensores do Sistema Único de Saúde (SUS) e da educação pública no Brasil (CNS,)

Reconhecido por seu entusiasmo intelectual, brilhantismo e abertura ao diálogo, teve importante produção acadêmica no campo da Saúde Coletiva e sempre foi um enfático defensor do SUS. Admirado também por sua generosidade, doçura e espírito colaborativo (FIOCRUZ)

a contribuição de Ruben para o campo da Saúde Coletiva não será esquecida (FIOCRUZ)

Mattos era defensor incansável do SUS e nos deixa um legado importante em suas reflexões sobre o conceito e a prática da integralidade na saúde coletiva, além de ter desenvolvido um trabalho importante sobre as racionalidades das agências internacionais (Richard Park, Ex-diretor da ABIA)

Ruben era admirado por todo. Fará muita falta. Ele deixa um legado importante para todos que defendem a Saúde como um Direito Universal (Lúcia Souta, Ex Presidenta do CEBES, 2020)

Há uma linda homenagem para você contando um pouquinho da sua trajetória. Homenagem escrita e publicada por Tatiana Wargas, na Revista Physis. Muito linda, emocionante e sensível! E tem uma carta para você que essa é do André Mendonça, sobre o reconhecimento e reconciliação com quem ele chama de “Filósofo-Poeta da Sala de Aula”, Você

Por fim, ainda sobre o que chamamos de seu legado, quero te contar que você deu nome à turma de formandos do Curso de medicina da UERJ em 2021. Estou te contando isso tudo para você ter a noção do quanto você é reconhecido e querido.

A saúde coletiva reconhece que sua contribuição já é legado para nós. E assim, vamos aqui na tentativa de construir memórias que dialoguem entre seus caminhos e conversas, estamos em trio nessa tentativa, mas me mande luzes e energias, pois tenho receio de não dar conta.

Obrigada por me permitir ser a pessoa, que após anos de contato com você, afinal você também foi meu orientador de mestrado, me permitiu ser a última das últimas, e em retribuição, audaciosamente, organizaremos um pouco da sua história.

Termino essa carta a você, me apropriando de Benjamin Barreto com a intensidade da Poesia de ser Arvorescer.

**Poema Arvorescer**

Você é eternamente querido!

Bianca, Angelina